Editora ABRIL
edição 2780 - ano 55 - nº 10
16 de março de 2022

www.veja.com

Ucranianos em Lviv, a caminho da Polônia: a reportagem de VEJA acompanhou a movimentação perto da fronteira

ESPECIAL

O DRAMA DOS REFUGIADOS

Além de bombardeios, fome, destruição e morte, a invasão da Ucrânia pela Rússia desencadeia uma das maiores ondas migratórias da história, levando milhões a deixar tudo para trás e partir rumo ao desconhecido

Complexo Industrial Farmacêutico, Farmoquímico, Biotecnológico e de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação 100% brasileiro

Nada se conquista por acaso

14
unidades industriais

350
medicamentos em mais de 500 apresentações

119
patentes registradas no Brasil e no exterior

Produção própria de
60% dos IFAs
utilizados (o mercado nacional importa 95%)

Presente em
95% dos
hospitais brasileiros

Exportações para mais de
30 países

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 780 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 10. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

O PL das Fake News deveria combater fake news. E não a lanchonete do seu bairro.

A versão atual do Projeto de Lei que está prestes a ser votada pelo Congresso Nacional traz consequências negativas às pequenas empresas que usam publicidade online para vender mais e gerar empregos.

- Pequenas e médias empresas foram responsáveis por 78% dos empregos gerados no Brasil em 2021.*
- 82% dos empreendedores que usam a publicidade direcionada no Brasil dizem que ela é importante para fazer a empresa crescer.**
- 84% a consideram efetiva na busca por novos clientes.**

O Facebook combate a desinformação e já investiu mais de 13 bilhões de dólares em segurança.

Combater a desinformação é uma **prioridade**.
Apoiar o empreendedorismo no Brasil é o **nosso compromisso**.

Saiba mais sobre as consequências econômicas do PL 2630 em **fb.me/PL2630**

*Sebrae
**Deloitte

EMILIO MORENATTI/AP/IMAGEPLUS

ARQUIVO PESSOAL

DRAMA Os refugiados em Lviv, a caminho da Polônia, e a repórter ucraniana Anna Romandash, contratada por VEJA: a maior crise humanitária na Europa desde a II Guerra

VIDAS INTERROMPIDAS

DESDE A MADRUGADA de 24 de fevereiro, quando as tropas de Vladimir Putin invadiram a Ucrânia, em inaceitável agressão, o mundo vive de sobressaltos. Há atenção especial aos movimentos bélicos, aos passos diplomáticos e às necessárias sanções econômicas contra o agressor. Um capítulo, para além das bombas, das mesas de negociação e dos

sistemas de transações financeiras, merece acompanhamento ainda mais próximo: o da tragédia humanitária. Os dados são estarrecedores. De acordo com levantamento da agência da ONU para refugiados, o ACNUR, na semana passada, doze dias depois do início do conflito, pelo menos 2 milhões de ucranianos — boa parte de crianças que deixaram os pais para trás — tinham saído do país a caminho de abrigos na Polônia, Romênia e Moldávia. "É a crise de refugiados de crescimento mais rápido na Europa desde a II Guerra Mundial", disse o italiano Filippo Grandi, comissário do ACNUR. As guerras nos Bálcãs, na Bósnia e em Kosovo, nos anos 1990, também provocaram um enorme fluxo de degredados, entre 2 milhões e 3 milhões de pessoas, mas em um período de oito anos.

No início, cidadãos da Ucrânia procuraram abrigo com parentes que viviam fora. Nos últimos dias, o drama se multiplicou, com a fuga em desespero, sem perspectivas nem portos seguros. Para seguir de perto esse movimento tristemente histórico, VEJA contou com o trabalho minucioso da jornalista ucraniana Anna Romandash, de 29 anos. Ela mora em Lviv, cidade de 700 000 habitantes próximo da fronteira com a Polônia, palco de aglomerações em busca da diáspora. Nomeada "embaixadora para a liberdade de imprensa na Ucrânia", Anna se dedica a denunciar os abusos contra os direitos humanos no Velho Continente. Recentemente, ela ganhou um prestigiado prêmio do Instituto Europeu do Mediterrâneo por suas reportagens. Não haveria,

portanto, voz mais adequada para filtrar as informações do coração da guerra em seu aspecto mais delicado.

É vergonhoso, no século XXI, tempo no qual as democracias comprovaram ser o único modo sensato e coerente de sistema de governo, saber que a sanha autoritária e expansionista de Putin conduza o mundo ao horror, com vidas interrompidas, mortes e famílias destruídas. O voto popular que levou o presidente russo ao Kremlin não significa autorização para fazer o que bem entender, perseguindo adversários políticos, calando seus opositores e infligindo dores e tragédias a pessoas absolutamente inocentes em outro país. As imagens e histórias dos refugiados traduzem, de forma definitiva, uma mensagem: não há justificativa para essa guerra. Infelizmente, ela acontece como reflexo de uma personalidade malévola, com claros traços de psicopatia. ■

VICTORIA WILL/INVISION/AP/IMAGEPLUS

O ASTRO INDOMÁVEL

O ator de sucessos como *Pulp Fiction* e *Vingadores*, da Marvel, fala de racismo, feminismo e de como se tornou o rosto mais rentável de Hollywood apostando em papéis masculinos fortes

RAQUEL CARNEIRO

NO FIM DOS ANOS 60, Samuel L. Jackson cursava biologia marinha em Atlanta quando foi arrebatado por novas vocações: o teatro e o ativismo político. Vivendo na cidade de Martin Luther King Jr., ele combinou o gosto pela arte com a luta antirracista em peças de temática social. Logo chamou a atenção de Spike Lee, um dos diretores mais posicionados em Hollywood sobre a questão negra. Versátil e boa-praça, Jackson não demorou a ser um nome requisitado. Conquistou fama com *Pulp Fiction — Tempo de Violência* (1994), primeiro filme da prolífica parceria com Quentin Tarantino. Fez *Jurassic Park* com Steven Spielberg e até ganhou um sabre de luz roxo exclusivo em *Star Wars*. O currículo de personagens imbatíveis chegou ao ápice com Nick Fury, o chefão dos heróis da Marvel. Não à toa, a imagem envelhecida do ator na série *Os Últimos Dias de Ptolomeu Grey*, da Apple TV+, choca. Nela, Jackson, aos 73 anos, vive um nonagenário que aceita uma cura temporária para a demência a fim de cumprir um acordo antigo e vingar a morte do sobrinho. Com olhar penetrante e sorridente, Jackson falou a VEJA sobre a série, afirmação racial e a trajetória que fez dele o ator mais rentável em bilheteria no mundo.

O senhor tem 73 anos e interpreta um homem senil de 91 na série *Os Últimos Dias de Ptolomeu Grey*. Envelhecer é algo que o assusta? Não, não tenho medo de envelhecer, estou me sentindo muito bem com a passagem dos anos. Claro, ainda não cheguei aos 90, então não sei como vai ser,

se vou mudar de ideia. Quando me olhei no espelho, com o figurino e a maquiagem de um homem envelhecido, bateu um choque. Como ator, foi uma exploração muito prazerosa e complexa, pois nunca havia interpretado um personagem tão vulnerável. E, como produtor, fazia anos queria adaptar o livro que conta essa história, escrito por Walter Mosley. Sou fã de como ele conta histórias associadas às feridas americanas — e, tendo sido criado no Sul racista dos Estados Unidos, eu as entendo muito bem.

Sua filmografia é repleta de personagens poderosos, desde Mace Windu, um jedi da saga *Star Wars*, até tipos sanguinários em filmes de Quentin Tarantino e Nick Fury, **da Marvel. Optou por privilegiar esses papéis na sua carreira por algum motivo específico?** No fundo, todo mundo quer ser o cara todo-poderoso e eu não sou diferente. Me

“Todo mundo quer ser o cara todo-poderoso e eu não sou diferente. Me acostumei e aceitei o fato de que são esses personagens fortes que o público gosta de me ver interpretando”

acostumei e aceitei o fato de que são esses personagens fortes que o público gosta de me ver interpretando. Para além dos que foram citados, que são os mais populares, eu fui escalado para diversos papéis de homens, digamos, empoderados que possuem uma força interna e com os quais me identifico, caso de *Tempo de Matar* (1996), no qual interpreto um pai que se vinga da violência sofrida pela filha, ou *187: o Código* (1997), em que sou um professor que lida com alunos membros de gangues. Mas o que me atrai de fato não é a força física, muito menos a violência.

O que o atrai, afinal? É algo que vai além. Muitos dos personagens que eu aceito fazer possuem uma força de vontade indomável. Eles não são exatamente heroicos ou poderosos por algum motivo específico. Mas são pessoas que estão dispostas a encarar seja lá o que vier. É o que eu também venho fazendo ao longo da vida.

Como foi, então, assumir a faceta de uma pessoa com demência? Foi um papel que exigiu uma atuação física muito particular. Meu corpo precisava passar a mensagem de como aquele homem interpretava o mundo. Suas expressões, o olhar vazio, a confusão quando lhe cobravam uma memória que ele deveria ter, mas não a encontrava. O medo constante. Vale lembrar que ele não fica assim o tempo todo: o roteiro tem uma virada na qual aceita um tratamento para ficar curado por um tempo,

antes de piorar drasticamente ou morrer. Uma troca que eu também faria no lugar dele.

Por que pensa assim? Minha mãe teve demência. Meu avô também teve, assim como um tio e duas tias. Então vivo cercado por esse fantasma. Me inspirei neles. Meu intuito ao assumir esse corpo tão deslocado é fazer com que o espectador da série se envolva com quem vive nessa situação e note a dificuldade e a impotência que é ser o familiar de alguém com demência. Amar alguém que não o reconhece é a sensação mais devastadora do mundo. Essa série foi um processo de cura com o meu passado e uma forma de honrar esses familiares.

A importância da memória é o fio condutor do roteiro. Hoje, com as redes sociais, ficaram patentes os muitos movimentos que tentam reescrever a história e negar feridas, como as do Holocausto e da escravidão de africanos. Como enxerga esse retrocesso? A memória é muito importante, mas nem sempre é confiável. Afinal, cada um de nós tem a sua versão de como algo aconteceu a partir de um ponto de vista e de uma experiência particulares. Quando eu era criança, gostava de ouvir pessoas mais velhas, os irmãos do meu avô e parentes de parentes para escutar a história oral. Saber o que eles passaram, suas experiências, e a de seus pais. Essas narrativas me ajudaram a saber quem eu era, de onde eu vinha, e como o mundo tinha mudado ou não com o

passar do tempo. Assim eu soube o que não estavam me ensinando na escola ou nos jornais. Ao longo da vida, passei a ir além da informação que recebia. É preciso checar tudo. Pegar o que você ouviu, o que escreveram a respeito e tentar colocar as narrativas lado a lado para tirar suas conclusões. Só assim podemos encontrar algo perto da verdade.

O senhor esteve envolvido no movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, próximo a Martin Luther King Jr. Mais tarde, se tornou um dos poucos protagonistas negros em Hollywood – e hoje é o ator mais rentável da história, com filmes que arrecadaram 27 bilhões de dólares em bilheteria global. Como analisa essa trajetória singular e seu legado até aqui? Eu não sei se meu trabalho e ativismo tiveram de fato algum efeito em particular em Hollywood. Do fundo do coração, entretanto, eu realmente torço que sim. Espero que meu modo comprometido de trabalhar e as oportunidades que abracei tenham ajudado a abrir portas para jovens atores negros entrarem. Pois a oportunidade é a chave para alguém provar que tem valor, que é talentoso e hábil para o trabalho para além de sua cor. E, quem sabe, eu tenha inspirado alguém a pelo menos tentar chegar a um lugar de destaque em sua carreira. Eu não tinha um plano traçado. Ao embarcar nessa vida de ator, não almejei ser um exemplo. Mas gosto de pensar que a popularidade do meu rosto ajudou alguém da minha cor a ser contratado em algum lugar.

A série da Apple TV+, aliás, tem um elenco majoritariamente negro, o que não se vê com frequência. Isso foi algo que o atraiu no roteiro? Apesar de ser raro, para mim um elenco todo negro não é uma novidade. Afinal, eu fiz um bocado de filmes com o Spike Lee — como *Faça a Coisa Certa*, de 1989, e *Febre da Selva*, de 1991. Mas minha base, bem antes do cinema, foi o teatro. Meu trabalho nos palcos envolvia esse desejo de disseminar histórias da comunidade negra e também atrair uma plateia negra.

Como alcançou esse objetivo? Atuei por muito tempo na The Negro Ensemble Company (NEC), uma companhia toda composta de atores negros em Nova York. Fiz o circuito

de peças de August Wilson (dramaturgo negro americano) e muitas montagens de Shakespeare, também em Nova York, voltadas para o público negro. Então é algo que eu prezo e que faz parte da minha história.

"Ao embarcar nessa de ser ator, não almejei ser um exemplo. Mas gosto de pensar que a popularidade do meu rosto ajudou alguém da minha cor a ser contratado em algum lugar"

A diversidade é um assunto em voga no mundo do entretenimento, e que vem causando celeuma no meio das premiações, como o Oscar e o Globo de Ouro, que perderam relevância ao ser acusados de racismo. O que falta à indústria para assimilar de vez diferentes etnias, para além de apenas reagir à correção política? É preciso entender que há uma variedade de vozes a ser ouvidas. É uma alegria para mim poder fazer uma série como essa, por exemplo, mostrando como é a vida de um grupo de pessoas que são constantemente afetadas pelo que acontece fora de seu espectro racial.

Pode explicar melhor? Pessoas não brancas vivem situações particulares vinculadas à sua cor, e contar essas histórias dá a oportunidade de ver, de dentro para fora, um mundo do qual talvez o público não saiba muita coisa. Mostrar essas pessoas somente como parte de uma trama em torno de brancos é como ter em casa um funcionário negro que é considerado parte da família, mas no fundo, no fundo não é. Você pode amar e se envolver com alguém de outra etnia e aprender com essa pessoa, mas apenas quando elas são representadas em uma série ou em um filme com elenco majoritariamente formado por seus semelhantes é possível conhecê-las em outro patamar de intimidade. Pois não há nenhuma cultura social dominante influenciando suas ações.

Na série, o senhor divide o protagonismo com uma adolescente, interpretada por Dominique Fishback, que cuida de

Ptolomeu e o leva a entender que as mulheres não são tão frágeis quanto ele achava. Assim como seu personagem, aprendeu algo novo sobre o feminismo? Sendo um homem e sabendo como o mundo funciona, digo que a vida é cheia de quinas pontiagudas prontas para nos machucar, mas esses obstáculos podem ser assimilados melhor quando você é amado por alguém que o conhece bem, como uma mulher. Ptolomeu foi deixado de lado como um pedaço de lixo quando Robin, sua jovem amiga, aparece. Ela o tira do lixo, faz um polimento, e o transforma de novo em algo com valor. É uma pessoa que conserta o que está quebrado e é assim que enxergo as mulheres — não que esse seja o trabalho delas, mas as mulheres são muito boas em organizar o caos

e consertar o que parece não ter mais jeito.

O senhor está casado há quarenta anos com a atriz LaTanya Richardson – e, durante esse período, ela o ajudou na luta contra o vício em drogas. Sua esposa também o "consertou"? É, digamos que sim, ela me consertou. LaTanya também me tirou do lixo, me poliu e me colocou de pé novamente. Mas, no meu caso, era eu quem estava me jogando fora, e não o resto do mundo. Ela me ajudou a sair dessa e a me descobrir novamente, especialmente no meu trabalho. ■

FALOU DEMAIS – E FALOU BESTEIRA

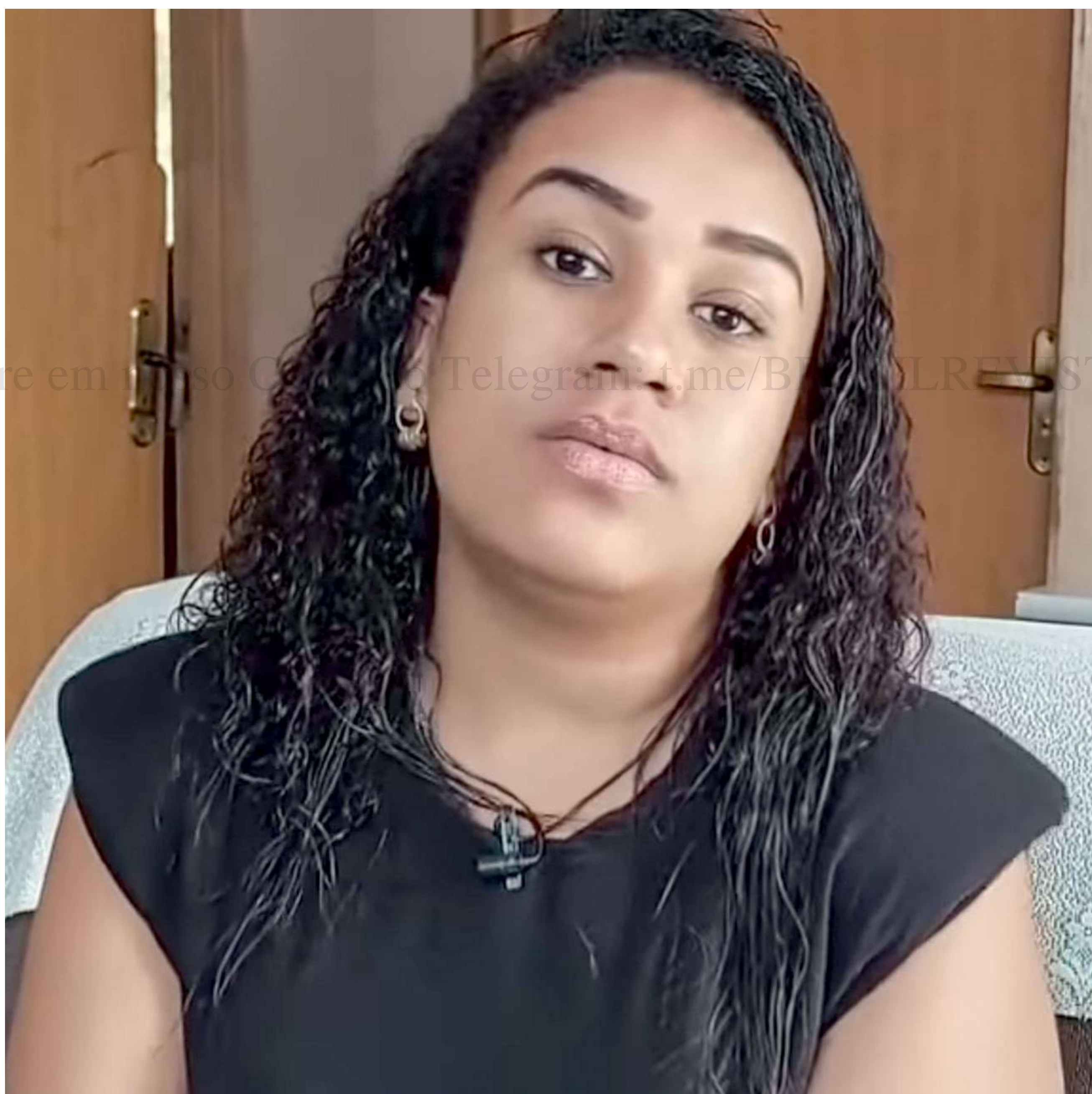
“ELAS OLHAM e, vou te dizer, elas são fáceis porque são pobres.” Foi assim que o **deputado estadual Arthur do Val,** que ganhou fama como o youtuber Mamãe Falei, referiu-se às refugiadas ucranianas na viagem que fez com o colega Renan Santos, ambos do Movimento Brasil Livre (MBL), para supostamente levar ajuda ao país sob ataque da Rússia. O áudio, enviado a uma turma de amigos e que

YURI MURAKAMI/FOTOARENA

tem várias outras barbaridades no mesmo padrão de cafajestagem, veio à tona, por uma triste ironia, alguns dias antes do Dia Internacional da Mulher. As reprováveis declarações tiveram consequências variadas, que foram da sua saída do Podemos (sob a ameaça de expulsão) ao risco de cassação do mandato. Também atingiu o presidenciável Sergio Moro (Podemos), que foi obrigado a romper com o aliado, ficando sem palanque no maior colégio eleitoral do país. O episódio, marcado pela falta de noção diante do drama da guerra, colocou mais uma nódoa na biografia do MBL, que nem havia se recuperado da desastrosa declaração de um de seus líderes, o deputado federal Kim Kataguiri (Podemos-SP), que defendeu a existência de um partido nazista no Brasil. Para selar a derrocada, Arthur do Val desistiu da reeleição. Pode ser o fim da meteórica carreira, que teve o seu auge na campanha pelo impeachment de Dilma, passou pela adesão ao bolsonarismo e o levou ao triunfo logo na sua estreia eleitoral, em 2018, quando foi o segundo deputado estadual mais votado em São Paulo. Mamãe Falei, certamente, lamenta não ter ficado calado. ■

José Benedito da Silva

“ESTAMOS NO ESCURO”

A irmã da brasileira flagrada com 15 quilos de cocaína na mala e presa na Tailândia por tráfico de drogas, sob ameaça de pena de morte, fala da surpresa da família e sofre com a falta de informação

ARQUIVO PESSOAL

SOFRIMENTO Mariana: “Ela tem de ser punida, mas podia ficar presa no Brasil”

Como você soube que Mary, sua irmã, estava presa na Tailândia? Recebi um áudio dela por WhatsApp contando. Fiquei sem entender nada. Precisei de um tempo para assimilar a informação. Ela saiu de Pouso Alegre *(interior de Minas Gerais)* dizendo que ia a Curitiba encontrar um rapaz que conheceu pela internet. Nunca poderia imaginar toda essa situação.

Houve alguma mudança no comportamento dela antes da viagem? Não, a vida da Mary seguia normal. Ia à escola, tinha aulas de direção — ela queria muito tirar a carteira de motorista. A única coisa fora da curva foi ter pedido demissão da churrascaria onde trabalhava, mas disse que era muito longe e estava cansada de pegar dois ônibus para chegar. Logo em seguida começou a mandar currículos para outros lugares. Ainda está cheio de currículo dela impresso aqui em casa.

A Mary é ambiciosa? Não, de forma alguma. Ela é muito brincalhona, descontraída e ingênua. Desde pequena, sempre foi avoada, nunca teve noção de perigo. E nunca foi o tipo de pessoa que pensa em dinheiro acima de tudo.

Por que você acha que ela resolveu se arriscar? Não sei. Talvez não tivesse conhecimento dos riscos. Às vezes acho que foi enganada, que puseram as drogas na mala sem consentimento. Acredito que, se ela soubesse, não teria ido parar com cocaína do outro lado do mundo. Mary tem só 21 anos, não teria inteligência para planejar uma coisa dessas.

Como a família está reagindo? Os dias estão difíceis, quase impossíveis. Estou vivendo no automático, trabalhando porque tenho contas para pagar e dois filhos para sustentar. Minha mãe está em choque. Ela tem câncer, saúde debilitada, e não fala com ninguém sobre o assunto.

Acha que a Mary deve ser punida? Já que a droga estava na mala dela, acredito que sim. Mas poderia ficar presa aqui no Brasil. Seria muito doloroso para a família, mas muito menos do que ela estar em outro país com possibilidade de ser condenada à morte. Ninguém merece pagar com a vida, independentemente do que tenha feito. Ninguém tem direito de tirar a vida do outro.

Tem esperança de que ela volte para o Brasil? A última vez que nos falamos foi no dia 13 de fevereiro. Não sei se a Mary está bem, se está viva. Converso com o Itamaraty via e-mail, mas até hoje só disseram que está presa, não me mandaram uma mensagem sequer explicando a situação. Estamos no escuro, sem saber de nada. Mas não podemos perder a esperança. É ela que nos move. ■

Duda Monteiro de Barros

A SEGUNDA VIAGEM DO ENDURANCE

FALKLANDS MARITIME HERITAGE TRUST

AVENTURA
A embarcação na Antártica: localizada um século depois do naufrágio

No dia 21 de novembro de 1915, o explorador britânico Ernest Shackleton deu o último adeus à embarcação que o havia levado até a Antártica, o **Endurance,** numa viagem que pretendia ser a primeira travessia naquela região inóspita. “Ele está indo, rapazes”, gritou da banquisa onde estava acampado com mais 27 homens. Todos correram para ver o veleiro de três mastros, já debilitado pela força esmagadora do gelo, ser abraçado pelas águas frias do Mar de Weddell. Um século depois do naufrágio, o Endurance foi reencontrado. Na quarta-feira 9, a expedição Endurance22 localizou o famoso barco de 44 metros a

cerca de 3000 metros de profundidade, dentro da área de busca definida pela equipe de cientistas, 4 milhas ao sul da posição registrada no momento do afundamento.

Em 5 de fevereiro, um quebra-gelo sul-africano, o Agulhas II, deixou a Cidade do Cabo para a jornada extraordinária: encontrar os destroços e explorá-los com drones submarinos de última geração. Como o naufrágio é protegido como patrimônio histórico e monumento sob o Tratado da Antártica, não foi tocado ou perturbado de nenhuma forma enquanto estava sendo pesquisado e filmado. "Estamos impressionados com nossa boa sorte em localizar e capturar imagens do Endurance", disse Mensun Bound, diretor de exploração da expedição, em um comunicado. "Este é de longe o melhor naufrágio que eu já vi."

Shackleton não foi o primeiro a chegar ao Polo Sul. A façanha pertence a Roald Amundsen, explorador norueguês que atingiu a região em 14 de dezembro de 1911. Mas Shackleton, que havia tentado outras vezes alcançar a calota polar, estabeleceu outra meta: poderia fazer história atravessando o continente. Com esse plano em mente, ele deixou a Inglaterra em agosto de 1914, parando primeiro em Buenos Aires, na Argentina, e depois na Ilha Geórgia do Sul, um território britânico ultramarino, antes de partir para a Antártica, em 5 de dezembro. Virou lenda ao resgatar os 22 homens que o acompanhavam no Endurance. Ao voltar para a Inglaterra, foi recebido como herói e seu feito, ao liderar e salvar o grupo de homens que estava com ele, inspira aventureiros até hoje.

Alessandro Giannini

TAYLOR HILL/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

BLUES E JAZZ Elliott: o vozeirão que virou uma das marcas de Nova Orleans, nos Estados Unidos

A RUA COMO PALCO

Elliot Small, o nome de batismo de **Grandpa Elliott,** era um dos mais conhecidos músicos de rua de Nova Orleans, nos Estados Unidos. Figura contumaz do French Quarter por mais de cinquenta anos, de lá ecoou sua fama ao redor do mundo, entre amantes do blues e do jazz, em meio a turistas que visitam a cidade. Cego, sempre vestido em seu macacão azul, camisa vermelha e chapéu, tinha voz encorpada e muito afinada. Em 2008, um vídeo feito pelo projeto Playing for Change, que registrou diversos músicos de rua pelo mundo, viralizou ao mostrar o artista interpretando uma versão de *Stand by Me.* Ele morreu em 8 de março, aos 77 anos, em decorrência de uma infecção de pele que se espalhou pela corrente sanguínea. ■

FERNANDO SCHÜLER

O FIM DO FIM DA HISTÓRIA

"O LIBERALISMO se tornou obsoleto", disse Putin, tempos atrás. Seu iliberalismo mistura aspectos culturais — a aversão à "diversidade sexual" e ao multiculturalismo — com a negação de traços essenciais das democracias constitucionais. A Rússia foi, desde a transição dos anos 90, "uma democracia ornamental com alma autoritária", como li de um professor russo. Uma "democracia soberana", como o próprio Putin gostava de chamar seu regime. Sistema mais propenso a "proteger a maioria do que o direito de minorias". Putin expressa, por essas ironias da história, o exato oposto do que representou Gorbachev, o arquiteto da grande transição da qual ele mesmo foi o herdeiro. Um líder com a cabeça no século XX, obcecado com os avanços da OTAN e disposto a retomar ao menos uma parte do antigo império soviético.

O primeiro resultado da agressão russa é o medo. Yuval Harari sugere que um eventual sucesso russo na Ucrânia promova uma corrida armamentista global. Mas há um significado mais amplo nisso tudo? Há quem fale no mais duro baque à ordem liberal, e aos próprios fundamentos da de-

mocracia liberal, desde o fim da União Soviética. Não acho que exista uma resposta clara. A história está em curso. Putin perdeu a "guerra de opinião", mas não parece que seja esta a sua maior preocupação.

A crise do liberalismo foi periodicamente anunciada, nas duas últimas décadas. Depois da euforia da virada para os 90, com a queda do muro, com Havel e sua revolução de veludo, o primeiro grande anúncio do fim do mundo liberal foi com o 11 de Setembro. "O mais profundo desafio desde a origem do liberalismo: de uma teologia *illiberal* revelada", como disse Judd Owen, à época. Depois tivemos o surgimento da "nova direita" americana, com o governo Bush e o Tea Party. Depois, a grande crise de 2008 e logo o diagnóstico recorrente

de que nossas democracias deslizavam ladeira abaixo. Quando Trump chegou ao poder, tudo parecia desmoronar. É certo que tudo isso soa como enorme exagero. A leitura da história exige distanciamento. Mesmo os indicadores sobre a democracia, aparentemente técnicos, são forrados de informações duvidosas e predileções políticas. É preciso cuidado. É possível que vivamos até hoje à sombra da euforia e das expectativas exageradas sobre a nova ordem liberal e democrática, anunciada no pós-queda do Muro de Berlim. À sombra daquela tese fulminante de Fukuyama, de que assistíamos a uma vitória definitiva da democracia liberal e da economia de mercado, no que seria o "fim da história".

Talvez tenhamos esquecido que a instabilidade pertence à própria natureza das democracias liberais, e que a história

VALORES Francis Fukuyama: a fundamental defesa de princípios inegociáveis

contém um elemento de imprevisibilidade. Em nosso tempo, diria que o fato imprevisto não se refere a nenhuma guerra, mas à revolução tecnológica. A “destruição criativa”, pela qual vem passando a democracia, na qual antigas instituições — partidos, sindicatos, mídia convencional — são eclipsadas por formas novas e algo caóticas de representação.

Fukuyama publicou um longo artigo, dias atrás, argumentando que nossa crise diz respeito à própria vitalidade da “ideia liberal”. Esquerda e direita teriam culpa no cartó-

DAVID LEVENSON/GETTY IMAGES

“A ideia liberal, diante da brutalidade e do horror, renasce com sua imensa força”

rio. De um lado, a cultura “woke”, seu senso de superioridade moral, sua aversão ao contraditório. De outro, a ideia do liberalismo como inimigo dos valores tradicionais. Putin é a caricatura disso, quando diz “que todos sejam felizes (referindo-se ao direito dos gays), mas que isso não ofusque os valores familiares tradicionais de milhões de pessoas que formam a maioria”.

A tese de Fukuyama: o inimigo da ideia liberal está dentro de casa. Reside em seu ingrediente “antinatural”. A ideia difícil segundo a qual devemos “deliberadamente limitar o alcance da política e celebrar a tolerância das diferentes e opostas visões de mundo”. Essas coisas que fazem todo o sentido quando estamos abaixo da repressão, ou desafiados por um sistema hostil, como na Guerra Fria, mas que logo esquecemos, quando tudo parece estar sob controle e a liberdade parece assegurada. Nos esquecemos de quanto a defesa de certos princípios era importante, logo ali atrás. Afora isso, há o inimigo externo. Larry Diamond observa

que a Rússia tem 6 000 ogivas nucleares, mas é a China que representa o maior risco à democracia liberal. Putin é um líder arcaico, mas carece de um “modelo”. Em contrapartida, há um “modelo chinês” a ser exportado. Fundado na retórica de que a China pratica um tipo “diferente de democracia”, um tipo autoritário de capitalismo de Estado capaz de produzir crescimento acelerado, dispensando os “cansativos padrões ocidentais de freios e contrapesos, e sua retórica moral em torno de direitos e liberdades”.

Há um pano de fundo desse argumento: nos convencer de que a democracia é um valor “relativo”. Que há muitas “formas” de praticar a liberdade. Que é possível imaginar uma democracia sem direitos individuais, sem liberdade de expressão, competição eleitoral, poderes independentes. Toda essa parafernália da tradição liberal que o ocidente desenhou, a duras penas. Talvez seja precisamente a essa “parafernália” que precisamos voltar a prestar atenção. E talvez seja essa a grande lição que as ruas destruídas de Kharkiv e Kiev e as imensas filas de refugiados nos contam. Nos ensinam também que o “fim da história” talvez tenha sido um bom insight intelectual com enorme risco histórico: nos fazer acreditar em um mundo destinado à paz e à democracia. “Vivemos tanto tempo dentro da bolha da ordem liberal”, escreveu Robert Kagan, “que perdemos a capacidade de imaginar outro tipo de mundo. Achamos que ele é natural e mesmo inevitável”. Kagan anotou isso há pouco mais de três anos. Putin, por estes dias, nos trouxe com perfeita clareza o sentido de suas palavras.

Desde este país periférico, o Brasil, o pecado que não deveríamos ter cometido é relativizar a agressão. Por muito que nos interessem os fertilizantes russos, cabia uma posição firme relativa a princípios. A verdade triste é que também por aqui vamos sendo seduzidos pelo iliberalismo. Aceitamos relativizar uma agressão explícita, como contra a Ucrânia, como relativizamos ditaduras, à esquerda e à direita, e agora resolvemos relativizar o direito à liberdade de expressão. De ambiguidade em ambiguidade, vamos cedendo o terreno em princípios dos quais não deveríamos abrir mão.

Há lições a aprender disso tudo. Fukuyama diz que talvez estejamos vivendo o "fim do fim da história". Que há sombras no horizonte. Mas que a bravura dos cidadãos, na Ucrânia, e a solidariedade que despertam, mostra que o "espírito de 1989 permanece vivo". Que a ideia liberal, diante da brutalidade e do horror, renasce uma vez mais, com sua imensa força. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

ACM NETO
Favorito na eleição da Bahia, o ex-prefeito de Salvador lucra com o racha na oposição, provocado pela decisão do PT de manter candidatura própria, mesmo após a desistência do ex-governador Jaques Wagner.

TRIGO
O produto registrou alta de quase 50% desde o início da guerra e bateu recorde histórico de cotação no último dia 7 na Bolsa de Chicago.

BATMAN
Estrelado por Robert Pattinson, o novo filme do herói vem liderando com folga as bilheterias mundiais de cinema.

DESCE

CARLA ZAMBELLI

Titular na tropa de choque bolsonarista, a deputada federal do União Brasil-SP criou um site para auxiliar pessoas que não querem se vacinar contra a Covid.

HONESTIDADE

Uma ação que vai definir se rachadinha é crime, e qual deve ser sua pena, está novamente sem data para ser julgada no STF.

NASSER AL-KHELAIFI

Por suspeitas de suborno na compra de direitos de transmissão das Copas de 2026 e 2030, o presidente do clube francês PSG e da companhia beIN Media é alvo de um pedido de prisão da Justiça suíça.

Edição: **LIZIA BYDLOWSKI**

"Atendendo recomendação do comitê científico da prefeitura do Rio, edição extra do *Diário Oficial* nessa tarde libera do uso de máscaras em espaços abertos e fechados."

EDUARDO PAES, prefeito carioca, fazendo da cidade a primeira capital brasileira a dispensar completamente a obrigatoriedade de rosto coberto em locais públicos

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

“Lá no meu tempo, e isso é história, ou a mulher era professora, ou dona de casa. (...) Hoje em dia, as mulheres estão praticamente integradas à sociedade.”

JAIR BOLSONARO, comemorando o dia internacional delas com uma falta absoluta de noção e sensibilidade

“O que está em jogo neste país não é paixão política. O que está em jogo é nossa nação. Querem entregar o Brasil para a China.”

SILAS MALAFAIA, pastor que presta serviços político-espirituais ao presidente, em ato de apoio de lideranças evangélicas ao Planalto. Bolsonaro devolveu a gentileza: “Eu dirijo a nação para o lado que os senhores assim desejarem”

“Gratidão não é contraprestação.”

EDSON FACHIN, ministro do STF, criticando decisões do procurador-geral, Augusto Aras, a favor de Jair Bolsonaro

“Não sei se tem partidos por aí que querem uma pessoa tão ranzinza.”

JOAQUIM BARBOSA, ex-ministro do STF, sem filiação partidária, confirmando a possibilidade de se candidatar à Presidência se Jair Bolsonaro tiver muita chance de se reeleger

“O Departamento de Saúde da Flórida será o primeiro a recomendar não aplicar vacina contra Covid-19 em crianças saudáveis.”

JOSEPH LADAPO, secretário estadual da Saúde, que duvida da eficácia dos imunizantes, na contramão de todas as evidências científicas — postura, aliás, sacramentada pelo governador Ron DeSantis

“Depois de duas décadas sem julgamento, sob custódia americana, Mohammed vai receber o tratamento psiquiátrico de que tanto precisa na Arábia Saudita, com apoio da família.”

RAMZI KASSEM, advogado de Mohammed Ahmad al-Qahtani, suspeito de participação nos atentados de 11 de setembro preso em Guantánamo desde 2002 e considerado mentalmente incapaz de ser julgado. Restam 38 detidos na base americana em Cuba

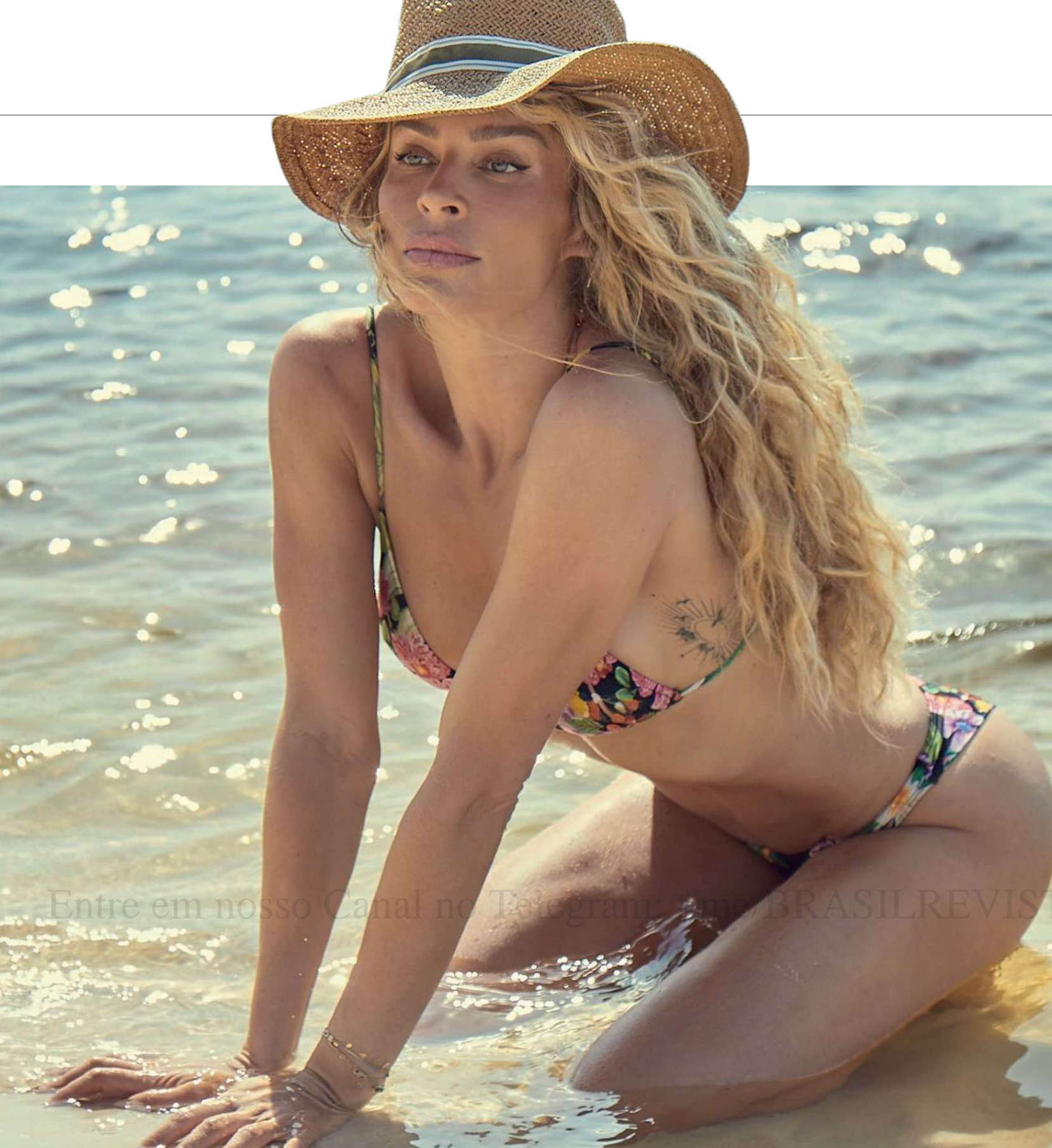
“Por mim, ficaria fantasiada o ano inteiro. Eu gasto, invisto mesmo, porque Carnaval é o que eu amo. A festa é a tradução perfeita da minha personalidade.”

SABRINA SATO, apresentadora e rainha da bateria de duas escolas, declarando-se à folia que, neste ano, foi adiada

“Vou tentar resumir. Peito que enche. Peito que esvazia. Noites sem dormir. Mama, arrota, dorme, mama de novo, arrota, não dorme. É uma loucura imensa, uma felicidade e uma alegria. Cansa, mas recomendo.”

MARIA FLOR, atriz e mãe de primeira viagem, que vem compartilhando suas impressões nas redes sociais

“Ouvir, na época, que não podia fazer teste por causa da cor da minha pele, disfarçada na palavra urbana, fez daquele um momento muito difícil.”

ZOË KRAVITZ, a Mulher-Gato do novo filme *Batman,* comentando que não foi aceita em *Batman — O Cavaleiro das Trevas Ressurge,* de 2012, por ser “urbana demais”

INSTAGRAM @MASSAFERA

“Estar solteira não é sinônimo de fracasso, como ousam entubar em nós, mulheres. É uma decisão, uma escolha, uma vontade.”

GRAZI MASSAFERA, atriz, em desabafo por ter sido chamada de “coitada” e outras coisas ao terminar o namoro com o empresário Alexandre Machafer

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

O caminho das pedras

O TSE livrou Jair Bolsonaro da cassação por *fake news* na campanha de 2018, mas não quer repetir a dose. Nas conversas com partidos que vão ao tribunal fiscalizar a urna eletrônica, **Alexandre de Moraes** tem feito um único pedido aos caciques: reúnam e guardem as provas de desinformação.

Em flagrante

A dificuldade de punir Bolsonaro esteve, sobretudo, na demora para colher dados junto às redes sociais. Que-

STF

DÊ PRINT Moraes: o ministro aconselha partidos a documentar crimes nas redes

bras de sigilo levam tempo. Se os partidos já reunirem as provas no ato do crime, ficará mais fácil, orientou Moraes.

Melhor assim

A favor do voto impresso, o PDT de Ciro Gomes esteve no TSE para fiscalizar a urna. Não falou um "a" sobre os aparelhos. Republicanos, PSD e PCdoB também seguiram essa linha.

Desejada trégua

O Planalto está nas nuvens com Vladimir Putin. O monitoramento do palácio mostra que a guerra tirou Bolsonaro e os problemas do governo da ordem do dia. "Putin reduziu a pancadaria nossa de cada dia", diz um ministro.

Ele não se ajuda

Arthur Lira voltou a pedir que o presidente não fale mais de vacinas. Pediu ainda cuidado nas falas sobre mulheres, público que rejeita o capitão. Bolsonaro mandou um "deixa comigo". Aí fez o discurso dizendo que "elas estão praticamente integradas à sociedade".

Alerta ligado

Sergio Moro escapou da explosão no Paraná, que matou dois operários, porque sua agenda atrasou trinta minutos. Se estivesse no horário, ele estaria no local das mortes. Foi um acidente, mas a campanha ligou o alerta de atentado.

Ao mestre, com carinho

Na conversa que teve com Michel Temer, Moro derreteu-se pelo ex-presidente. "Estudei direito pelos livros do senhor", disse a Temer.

A luta continua

Lucas Furtado, no TCU, foi para cima das empreiteiras da Lava-Jato. Com ameaças sobre os acordos de leniência, exigiu — e conseguiu — novos documentos sobre a Alvarez & Marsal. O alvo, claro, é Moro.

Trimestre perdido

Ao desistir da federação com o PT, Carlos Siqueira lembrou que a oposição está parada nessa "conversa de petista" desde o início do ano, enquanto Bolsonaro avança nas pesquisas.

Homem de confiança

Bolsonaro não deve dar a Luiz Eduardo Ramos o Ministério da Defesa. O presidente quer o general, e amigo, perto dele no Planalto.

Fico onde estou

João Roma deve desistir do governo da Bahia. Para apoiá-lo, Bolsonaro pediu que o ministro troque o Republicanos pelo PL de Valdemar. Nada feito.

Abandonado na estrada

Os colegas notaram. Augusto Heleno virou uma alma triste a vagar pelo Planalto. Em 2018, não foi vice por um problema no partido. Agora, não será porque o presidente não quer.

Já era hora

Bolsonaro finalmente vai realizar uma reunião ministerial para organizar os trabalhos do governo. Será na quinta.

No meio do show

Ao receber os artistas no STF na quarta, Cármen Lú-

cia puxou Seu Jorge de lado para ajudar a arrumar as cadeiras do gabinete. Emicida tirou tantas selfies com servidores que até se atrasou.

Emoções reprimidas

Fanático por Chico Buarque, Rodrigo Pacheco segurou a onda ao falar com o cantor por telefone. Foi protocolar.

Não tem milagre

Chefão da Assembleia de Deus, o pastor Abner Ferreira cortou a empolgação de Bolsonaro com a ação da igreja na campanha. "Pastor não decide eleição", diz o bispo.

Por um triz

No governo de família de Bolsonaro, **Gilson Machado** escapou de uma boa. A pasta fez uma campanha publicitária com influencers da América Latina. Na hora de aprovar a primeira versão, alguém notou: uma das moças na cena, com muitos seguidores no Uruguai, era, na verdade, garota de programa. O trabalho foi refeito. Que pecado.

ROBERTO CASTRO/MTUR

QUASE Machado: publicidade com garota de programa foi vetada a tempo

Força imperialista

A China pressionou o governo de Eduardo Leite a não apoiar um festival da colônia tibetana no estado.

O motivo: risco de atos contra a China e pela independência do Tibete.

O general fica

Paulo Guedes nega com todas as forças que o governo vá tirar Joaquim Luna do comando da Petrobras. "Só pioraria as coisas", disse numa reunião.

Expresso do Oriente

Gigantes da indústria de defesa, a CBC e a Mac Jee acabam de fechar grandes negócios com a Arábia Saudita. Vão vender material bélico e assumir operações de fábricas já existentes por lá.

Não largam o celular

Em 2021, a Vivo faturou 2,6 bilhões de reais em vendas de smartphones, um crescimento de 7% em relação a 2020.

É guerra!

Travando uma disputa judicial com a Cyrela, o Grupo RRG acionou a companhia imobiliária na CVM nesta semana por possível manipulação do mercado de capitais.

Siga o plano

Augusto Aras tinha um discurso escrito para o Dia da Mulher. No meio da leitura, diz um colega, resolveu improvisar. Aí falou do esmalte e dos sapatos.

Pena máxima

O Conselho Superior do MPF, chefiado por Aras, julgou nesta semana, numa sessão secreta, um procurador acusado de agredir a companheira. Foi banido da carreira.

Só podia ser homem

Desde o início de 2021, a Caixa recebeu 235 000 pe-

didos de indenização do seguro DPVAT. Só 22,6% das vítimas de acidentes eram mulheres.

Carnaval fora de época

Com investimento milionário na Sapucaí, o Nosso Camarote, de **Carol Sampaio,** dobrou de tamanho para comportar 2 500 foliões. A empresária estima, no entanto, que o lucro da folia de abril ficará distante dos bons tempos. Só 30% dos ingressos foram vendidos até agora: "O lucro será reduzido, mas cancelar não seria uma opção". ■

BELLA SOLO/DIVULGAÇÃO

VAI TER! Carol: camarote na Sapucaí para 2 500 foliões no desfile de abril

FOME X CORRUPÇÃO

Petistas e bolsonaristas se preparam para o embate eleitoral usando como armas narrativas sobre roubo e miséria – duas pragas que afligem os brasileiros há quase cinco séculos

RAFAEL MORAES MOURA E **LETÍCIA CASADO**

ATAQUE
Bolsonaro: Lula é o maior corrupto da história

CONTRA-ATAQUE
Lula: Bolsonaro é culpado pelo aumento da pobreza

ALAN SANTOS/PR

RENATO S. CERQUEIRA/FUTURA PRESS

Em 1562, um grupo de vereadores da Bahia enviou uma carta a Sebastião I, rei de Portugal, relatando um fato grave que estaria se passando na capitania. Segundo a denúncia, Mem de Sá usou do cargo para se apropriar da escravização de indígenas e do comércio de âmbar. Preocupados, eles pediram ao monarca que nomeasse um novo governador, de preferência um homem "fidalgo", "virtuoso" e que não fosse "cobiçoso". O documento é considerado um dos primeiros registros oficiais de desvios de conduta e enriquecimento ilícito na história do Brasil. Naquela época, a colônia tinha 15 000 habitantes, entre eles os privilegiados servos da Coroa, que já acumulavam verdadeiras fortunas, enquanto índios, es-

cravos e imigrantes — a grande maioria da população — viviam em situação de miséria. Quatrocentos e sessenta anos depois, fome e corrupção, duas tragédias nacionais, continuam no centro do debate político e, mais uma vez, servirão de arma retórica no embate eleitoral entre os dois principais candidatos a presidente da República.

Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL) sabem que o desempenho da economia será decisivo para o resultado da eleição e que o tema da corrupção voltará a ser amplamente explorado durante a campanha. O ex-presidente costuma lembrar que o PIB cresceu 7,5% em seu último ano de mandato, em 2010, mas omite que Dilma Rousseff, escolhida por ele como sucessora, jogou o país na pior recessão de sua história recente. Já o atual presidente prefere criar problemas quase

toda semana em vez de governar o Brasil. No ano passado, a inflação superou a casa dos 10%, e a miséria voltou a ser um assunto nacional. Os dois adversários também não conseguiram virar a página dos escândalos nos quais estão implicados. Lula teve condenações anuladas por questões processuais, e não a inocência reconhecida pela Justiça. Já Bolsonaro vive às voltas com denúncias de rachadinha na família e de aparelhamento de órgãos de fiscalização com o objetivo de manietá-los. Ou seja: ambos compartilham de fragilidades nas áreas que escolheram para atingir o oponente. Será, portanto, um duelo de narrativas. O petista pretende apontar o atual presidente como responsável pela maior onda de pobreza que o país já viveu. Bolsonaro, por

sua vez, pretende pintar o ex-presidente como o político mais corrupto da história.

Preparando-se para o confronto, o PT encomendou à Fundação Perseu Abramo, ligada ao partido, uma pesquisa qualitativa sobre os humores da parcela da população "não polarizada" — eleitores que não gostam nem desgostam da sigla e frequentemente são identificados como indecisos. Foram ouvidas pessoas com renda de até cinco salários mínimos, perfil de mais da metade do eleitorado brasileiro. Os entrevistados disseram que a corrupção é o principal problema da política nacional, mas responsabilizaram o sistema como um todo, e não um ou outro partido especificamente, nem ninguém em particular. Não deixa de ser uma boa notícia para o PT, que protagonizou os dois maiores es-

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

ATUALIDADE A crise econômica do Brasil de hoje: inflação, desemprego e miséria aumentaram no governo Bolsonaro

cândalos de corrupção da história recente, o mensalão e o petrolão, e viu seu líder máximo, Lula, e outros companheiros estrelados ser presos pela Operação Lava-Jato. "A criminalização do PT perdeu força", concluíram os pesquisadores da Fundação Perseu Abramo.

Libertado da prisão e com condenações anuladas por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), Lula vai tratar o petrolão como uma conspiração destinada a tirar o PT do poder e entregar a Petrobras aos interesses estrangeiros. O petista vai insistir que o STF reconheceu a sua inocência, o que não é verdade. "A vantagem da narrativa bolsonarista é

REPRODUÇÃO

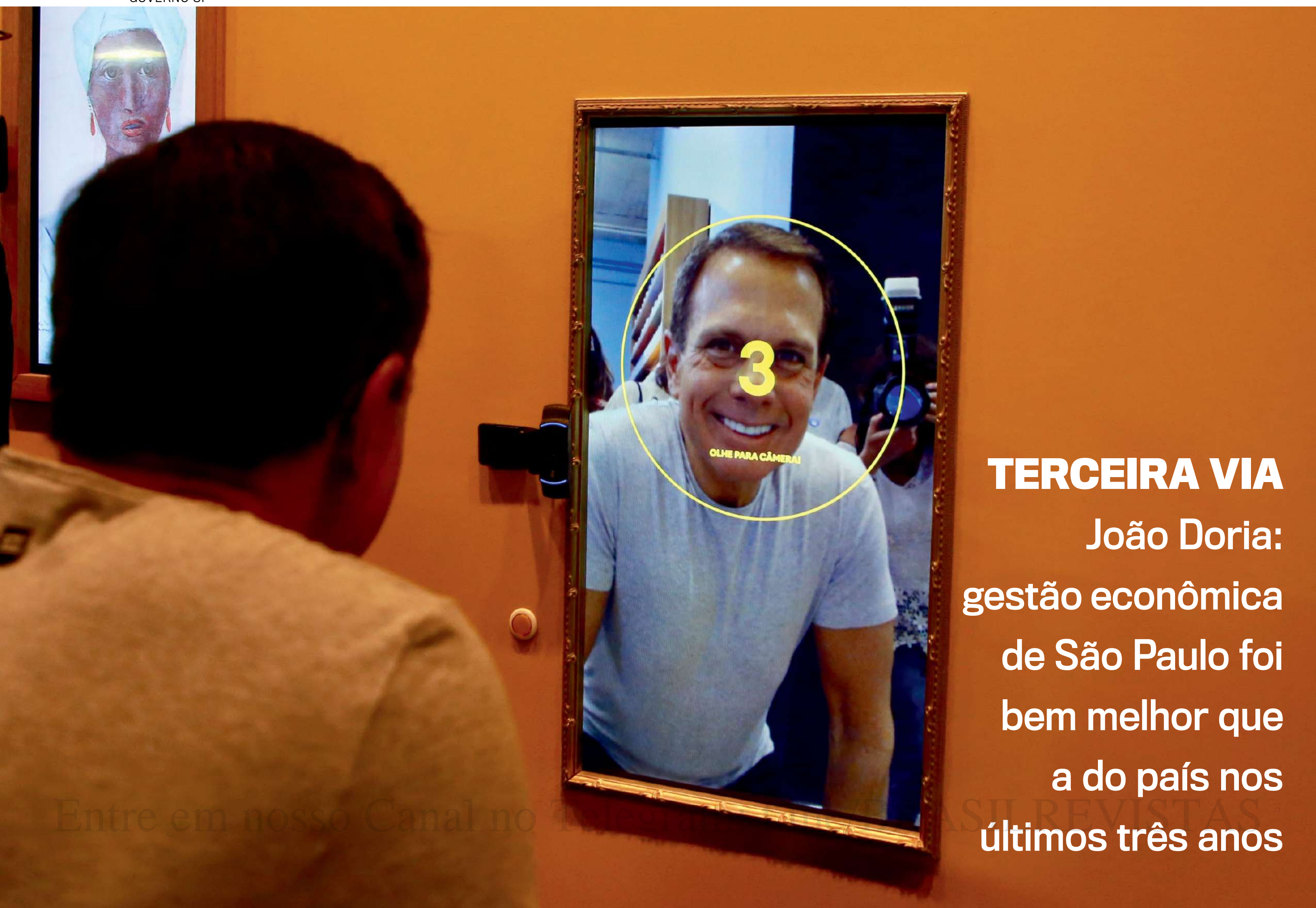
MEMÓRIA Funcionário dos Correios é filmado recebendo propina: o primeiro grande escândalo da administração Lula

que há muitos elementos para pintar o PT como um dos partidos políticos mais corruptos da história do Brasil", declara o cientista político Sérgio Praça, da FGV. Uma pesquisa qualitativa que chegou ao Planalto no fim do ano passado testou um grupo de eleitores no Nordeste, região onde o ex-presidente lidera com folga. Perguntados acerca de quem votariam em 2022, 70% responderam que Lula era o candidato preferido. A imagem do ex-presidente foi então associada ao PT, aos principais escândalos e a figuras notórias de esquemas de corrupção como o ex-ministro José Dirceu. Resultado: metade dos entrevistados mudou imediatamente de

ideia, admitindo a possibilidade de escolher outro candidato. “A corrupção é do DNA da nossa cultura política: sempre foi um problema da nossa história e esteve disseminada em toda a sociedade. Ela provoca miséria e desigualdade social, uma questão fundamental que impede o Brasil de ser uma nação de primeiro mundo”, diz a historiadora Adriana Romeiro, autora do livro *Corrupção e Poder no Brasil: uma História, Séculos XVI a XVIII.*

De acordo com a Transparência Internacional, o Brasil ocupa a 96ª colocação no Índice de Percepção da Corrupção em 2021 — a terceira pior nota da série histórica. Quanto melhor a posição no ranking, menos o país é considerado corrupto. É fato que o governo Bolsonaro, até o momento,

não registrou nenhum grande escândalo de corrupção, mas isso não isenta o presidente de responsabilidade por um dos pilares de sustentação da maioria dos esquemas de roubalheira: a impunidade. O Brasil, segundo a Transparência, está “estagnado em um patamar muito ruim em relação à percepção da corrupção no setor público” — e o motivo disso são ações do Executivo, do Congresso e do Judiciário que “levaram ao retrocesso no arcabouço legal e institucional anticorrupção do país”. Nos últimos anos, com o apoio ou o aval de muitos aliados do governo, a Operação Lava-Jato foi implodida, os investigadores, transformados em investigados e os condenados, soltos. Isso, evidentemente, influiu na percepção geral de que a corrupção aumentou. Mas é Lula, segundo Bolsonaro, a face mais visível desse problema.

GOVERNO SP

TERCEIRA VIA
João Doria: gestão econômica de São Paulo foi bem melhor que a do país nos últimos três anos

O contra-ataque do PT também está devidamente ensaiado. “A grande dificuldade do Bolsonaro é que esse discurso (sobre corrupção) não enche a barriga de ninguém, não bota o prato de comida na mesa de nenhuma família, não gera emprego, não reposiciona o Brasil no mundo”, ressalta o deputado Alexandre Padilha (PT-SP), levando a discussão para o outro terreno. Para o PT, claro, fugir desse tema é mais que uma questão de estratégia, mas, principalmente, de sobrevivência. Diz o cientista político Márcio Coimbra: “Nem Lula nem Bolsonaro possuem autoridade moral para falar de combate à corrupção. O Lula não foi inocentado, ele viu os

casos da Lava-Jato ser arquivados por questões processuais. E Bolsonaro convive com o fantasma de explicar as rachadinhas dos filhos, além de ter se associado ao Centrão, o mesmo grupo que saqueou o Brasil durante o governo Lula. Resumindo, é o sujo falando do mal lavado."

Embora as questões morais tenham suprema importância, as pesquisas mostram que a economia hoje é a principal preocupação dos brasileiros, seguida da saúde e das questões sociais, como a fome. A corrupção está em quarto lugar. Isso, evidentemente, pode beneficiar o desafiante. "Todas as outras pautas são secundárias. A prioridade do Lula primeiro é enfrentar a fome e dar comida ao povo", diz o deputado José Guimarães (PT-CE). Em 2003, no primeiro ano de governo petista, 28% da população brasileira (50,8 milhões de pessoas) viviam abaixo da linha da pobreza, ou seja, tinham uma renda mensal inferior a 261 reais em valores atualizados, segundo dados da Fundação Getulio Vargas (FGV). Treze anos depois, quando o PT deixou o governo, esse índice havia caído para 10,8% (22,2 milhões de brasileiros). Em 2019, quando Bolsonaro subiu a rampa do Palácio do Planalto, havia 23 milhões de pessoas vivendo nessa condição (11% da população). De acordo com o último levantamento feito pela FGV, em outubro do ano passado, no ápice da pandemia do coronavírus, o número de pobres chegou a mais 27 milhões (13% da população). "As pessoas não se importam se o presidente é responsável por tudo na economia. Mas elas votam como se ele fosse", frisa o cientista

político Sérgio Praça. É diante dessa perspectiva que os candidatos vão apostar suas fichas.

Durante a campanha, Lula vai dizer que seu governo criou o maior programa social do mundo, o Bolsa Família. Bolsonaro pretende rebater dizendo que foi ele quem majorou o valor do auxílio. Detalhe: antes de chegar ao poder, Lula foi um crítico feroz de programas assistenciais e "eleitoreiros" como o Bolsa Escola, o embrião do Bolsa Família criado no governo de Fernando Henrique Cardoso. Bolsonaro, também antes de chegar ao poder, classificava o Bolsa Família do governo petista como "esmola". O fato é que nenhum dos dois candidatos enfrentou de verdade o problema da miséria, optando pelo caminho mais fácil de cuidar dos sintomas em vez de tentar curar a doença.

LAVA-JATO

Sergio Moro: "Sou o único com credibilidade para combater a corrupção"

MATHILDE MISSIONEIRO/FOLHAPRESS

Por enquanto, petistas e bolsonaristas polarizam esse debate, que não deve ficar restrito apenas a eles. O ex-juiz Sergio Moro (Podemos), por exemplo, ficou conhecido por sua atuação na Lava-Jato, a maior e igualmente polêmica operação anticorrupção da história. Pelas redes sociais, ele já chamou Lula de "criminoso" e Bolsonaro de "enganador". "Sou o único pré-candidato à Presidência com credibilidade para combater implacavelmente a corrupção", disse a VEJA. Na outra ponta, o tucano João Doria já elegeu "emprego e renda" como o tema principal de sua campanha. São Paulo, como se sabe, tem no quesito economia números melhores do que o Brasil nos últimos três anos. "Não será com populismo de esquerda nem de extrema direita que vamos superar a situação em que se encontra o Brasil", ressalta o governador de São Paulo, que deixará o cargo no fim do mês para se dedicar integralmente à corrida presidencial.

Políticos e analistas acham que a inflação cairá neste ano, mas há dúvida sobre se a queda será suficiente para mudar o humor do eleitor, que, em sua maioria, reprova o governo Bolsonaro. Por outro lado, o presidente começa a apresentar sinais de recuperação nas pesquisas, o que, segundo seus aliados, é reflexo do pagamento do Auxílio Brasil. O programa, que substituiu o Bolsa Família e paga o dobro do valor médio de seu antecessor, é uma das principais apostas do presidente para recuperar popularidade e votos entre quem ganha até dois salários mínimos, a base da pirâmide social. Diante da dúvida sobre o desempenho da economia, ainda

mais agora com a instabilidade provocada pela guerra da Ucrânia, Bolsonaro manterá a pregação contra a corrupção. Como ocorre na maioria das eleições, os favoritos até aqui estão mais preocupados em construir discursos redentores ou benevolentes do que apresentar soluções. Eles podem até se beneficiar eleitoralmente, mas, sem propostas ou ações concretas, continuarão condenando o país a conviver com as mesmas pragas de quatro séculos atrás. ■

MURILLO DE ARAGÃO

A PRIVATIZAÇÃO DO CONFLITO

O inédito engajamento das empresas contra a Rússia

AO INVADIR A UCRÂNIA, Vladimir Putin provocou a privatização da guerra. Tal fenômeno é novo na escala em que ocorre. Com a agressão à Ucrânia, o presidente da Rússia mobilizou contra si, e contra a Rússia, as forças privadas do mundo. Nem na II Guerra se viu algo parecido, fosse por causa das limitações da globalização na época, fosse pela incapacidade de o setor privado se mobilizar.

A reação do setor privado vai além das sanções tradicionais, ao jogar o tema da guerra para uma esfera que, até então, era específica das nações. Há de considerar que o tamanho da reação no mundo privado e na sociedade civil a essa guerra revela a dimensão da traição cultural e de princípios que a Rússia de Putin está praticando perante o mundo.

E a dimensão do engajamento do mundo privado contra a Rússia é único e inédito. Ao invadir o país vizinho, Putin declarou guerra contra Google, Starbucks, Heineken, Amazon, Apple, Facebook, entidades esportivas, Mastercard, Visa e todo o sistema financeiro ocidental, entre outras grandes empresas. E, por tabela, contra os consumidores desses produtos.

“Ao invadir o país vizinho, Putin declarou guerra contra Google, Starbucks, Heineken, Amazon, Apple e todo o sistema financeiro ocidental”

Além do setor financeiro e das plataformas sociais, uma coalizão do mundo privado e da sociedade civil está promovendo o cancelamento da Rússia de Putin. A consequência é o recrudescimento de um preconceito que já existia contra a cultura e as expressões daquele país.

A guerra em curso, além do conflito bélico, cria uma batalha de narrativas, e as narrativas precisam de plateia para circular. No entanto, a maior parte da audiência no mundo não acredita na narrativa russa. Provavelmente, nem mesmo a maioria dos russos.

Por isso haverá, de forma crescente, uma repulsa internacional a tudo que se relacionar ao país. E, em consequência, uma crescente desconfiança interna em relação às autoridades locais.

A Guerra do Vietnã foi vencida na opinião pública, que desarmou o ímpeto bélico dos Estados Unidos no conflito.

Ainda que a Rússia seja uma sociedade muito mais fechada, as ferramentas da globalização conseguem vencer barreiras e levar informações e questionamentos aos quatro cantos do globo.

Outro fator é que países que tinham diferenças conceituais se uniram e mostraram não apenas rejeição ao conflito, mas apoio à Ucrânia. De maneira absolutamente indesejável, a Rússia uniu, ao menos temporariamente, o mundo. Essa guerra é uma espécie de *Guerra dos Mundos,* na qual duas culturas entraram em conflito em múltiplas plataformas. Revela uma desconexão por parte das autoridades russas no mundo de hoje.

A guerra está jogando a Rússia para uma liga alternativa

e obscura do planeta. Na prática, como disse em texto anterior, Putin pode conquistar territórios e até impedir a Ucrânia de aderir à Otan, mas a derrota russa parece inevitável. Ainda que a guerra termine amanhã, o dano à imagem do país levará anos para ser reparado.

Enfim, o conflito é quase um revival do que ocorreu na II Guerra, só que turbinado pela participação das empresas privadas e pela midiatização, provocada pela mídia e pelas redes sociais. Sendo uma questão cultural, a disputa irá além do conflito, agora localizado na Ucrânia. ■

ADUBO NA CRISE

A saída programada de Tereza Cristina do governo coincidiu com o momento de elevada tensão no agronegócio devido aos impactos do conflito na Ucrânia

LEONARDO LELLIS E **TULIO KRUSE**

BOMBEIRA Tereza Cristina: busca por novos parceiros no apagar das luzes de sua elogiada gestão

AFP

NESTE SÁBADO, 12, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, embarca para o Canadá levando na mala uma das prioridades do governo no momento: buscar novas fontes de fornecimento de fertilizantes para evitar o desabastecimento do insumo, que é fundamental para o agronegócio brasileiro e, por extensão, para a economia do país. A preocupação bateu com força em razão da invasão da Ucrânia. Os russos, maiores fornecedores do produto para o Brasil, responsáveis por cerca de um quarto do que importamos no ano passado, são alvos de restrições econômicas e embargos que podem pôr em risco a continuidade das remessas.

De fato, o cenário é preocupante — e pode piorar. No fim de março, a ministra deve se desincompatibilizar do cargo para disputar uma vaga ao Senado por Mato Grosso do Sul. No setor produtivo, é unânime a avaliação de que Tereza Cristina conseguiu trazer mais boas do que más notícias para o setor, cujos resultados sempre estiveram ameaçados pelas sandices do próprio Bolsonaro (com destaque para os movimentos de afrouxamento das regras ambientais), de seus filhos e da tropa olavista na Esplanada, como o ex-ministro Ernesto Araújo (Relações Exteriores). De forma irresponsável, eles trabalharam firme para tentar dinamitar pontes com diversos parceiros, a exemplo da China.

Diante dessa política tresloucada, a parcela mais responsável de empresários do agronegócio sempre confiou no trabalho de redução de danos executado por Tereza Cristina. Ela é vista como uma bombeira, que corre o mundo — foram

MATEUS BONOMI/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

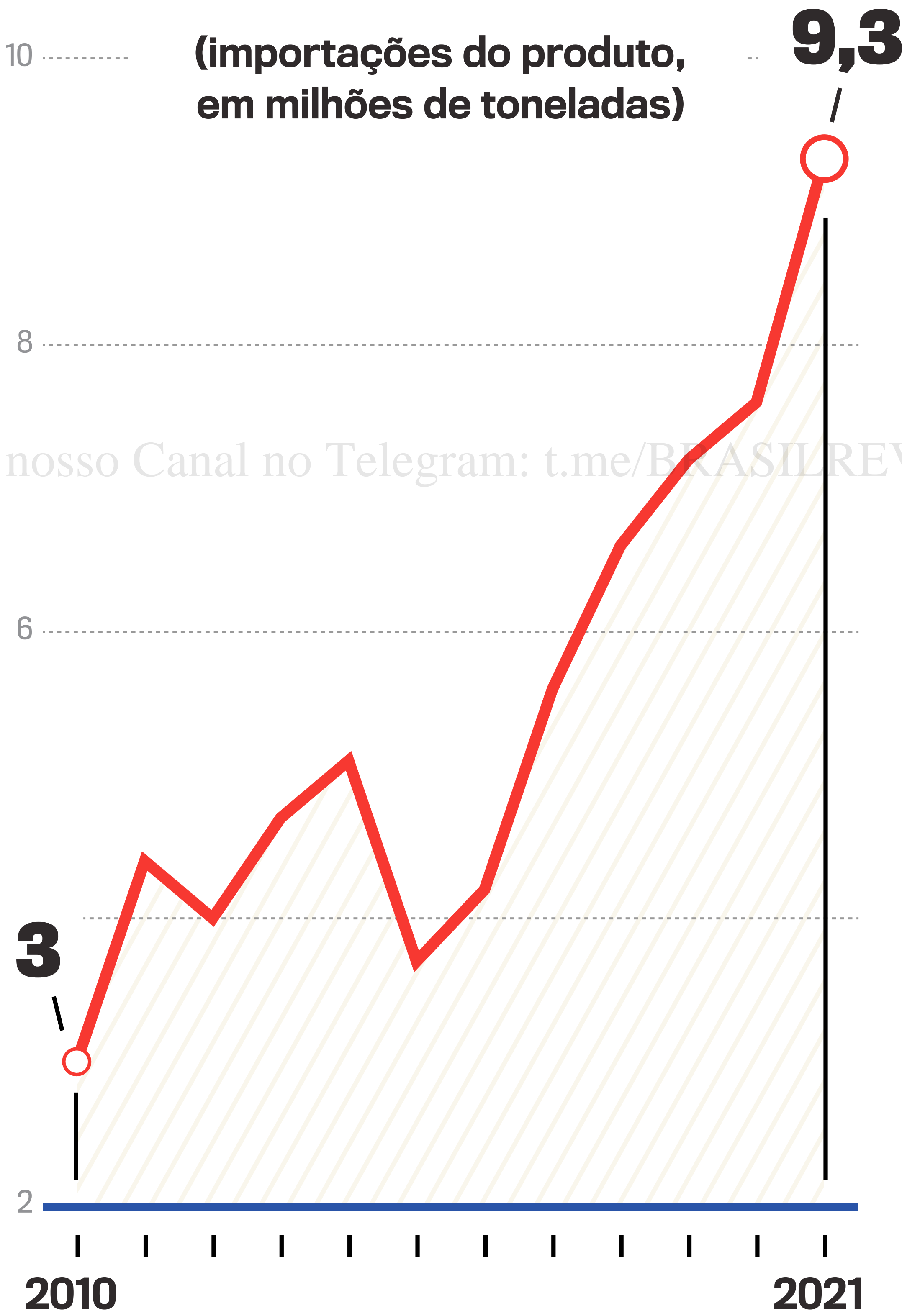
ABASTECIMENTO Fertilizantes: estoques no país duram até outubro

mais de dezesseis viagens internacionais em três anos de governo — para resolver embaraços, abrir portas (ou evitar que elas se fechassem) e ajudar a costurar acordos comerciais para o setor, que responde por quase 30% do PIB. O seu trabalho garantiu o apoio do agronegócio e seus principais representantes ao governo por todo o mandato, a exemplo de Antonio Galvan, presidente da Aprosoja. É verdade que a própria Tereza Cristina, bem antes da invasão da Ucrânia pela Rússia, já havia recebido alertas para os riscos da crescente dependência brasileira do mercado externo de fertilizantes. Um relatório de 2020 da Secretaria de Assuntos Estratégicos

(SAE), do governo federal, apontava para o fato de mais de 80% dos produtos usados por aqui serem de origem estrangeira. “O risco de desabastecimento interno deve ser uma preocupação, uma vez que crises no cenário internacional, questões de geopolítica, assim como uma alta excessiva de preços no mercado externo, provocadas por alguma contingência do momento, podem acarretar prejuízos”, afirmava o documento. Por essa razão, o presidente Jair Bolsonaro fez uma visita inoportuna (e desastrada) ao líder russo Vladimir Putin uma semana antes da ofensiva militar e, no mesmo mês, Tereza Cristina viajou ao Irã para ampliar as relações comerciais com o país e expandir a carteira de fornecedores. A ministra também já havia ido à Rússia em novembro para uma série de encontros com o mesmo objetivo.

Evidentemente, o problema não foi uma criação exclusiva deste governo. Na gestão de Michel Temer (MDB), por exemplo, a Petrobras gradativamente se afastou da produção de fertilizantes. As fábricas de Camaçari (BA), Laranjeiras (SE) e Três Lagoas (MS) acabaram sendo vendidas — essa última foi negociada com o grupo russo Acron, mas o negócio foi suspenso em razão do conflito. A planta que restou, em Araucária (PR), fechou as portas em 2020. “Por que a gente tomou a decisão lá no passado, equivocada, de não produzir fertilizantes?”, disse Tereza Cristina, em uma entrevista recente. “No passado, a decisão era de importar porque era mais barato, e deve ser mesmo até hoje, mas o Brasil precisa tratar esse assunto como segurança nacional e segu-

A AMEAÇA QUE VEM DA RÚSSIA

A dependência brasileira de fertilizantes explodiu nos últimos anos

rança alimentar", completou ela. Atual favorito nas pesquisas ao Palácio do Planalto, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu a indicação de que o tema irá para o debate eleitoral. "Foram os governos de Temer e Bolsonaro que erraram, não o Brasil", criticou o petista.

Além da urgente necessidade de diversificar os fornecedores internacionais, a crise mostrou de forma clara que o Brasil precisa buscar soluções permanentes para o problema. Isso passa pelo aumento do volume da produção nacional, algo desprezado no passado por razões econômicas. "Com o preço do fertilizante, que subiu 200% em dólar nos últimos anos, nós começamos a olhar para dentro. Hoje, já compensa explorar as jazidas brasileiras", avalia o deputado Sérgio Souza (MDB-PR), presidente da Frente Parlamentar de Agropecuária (FPA). Reativar fábricas, atrair investimentos e ampliar a exploração de minerais estão entre os principais objetivos do Plano Nacional de Fertilizantes. Mas nada disso é capaz de mitigar a crise em razão de um eventual agravamento do conflito na Ucrânia, já que são metas para ser perseguidas até 2050. Se não bastasse, dentro da tentação desastrosa de buscar soluções fáceis para questões complexas, Bolsonaro vem dando declarações favoráveis a um projeto de liberação da exploração de potássio (elemento usado na produção de fertilizantes) em reservas indígenas, algo que não resolve o problema e pode criar ainda mais embaraços ao governo, dentro e fora do país. "Diante da questão emergencial, deveríamos pensar em algumas medi-

DIVULGAÇÃO

IMPASSE Fábrica de fertilizantes em Três Lagoas (MS): russos compraram, mas a guerra travou a concretização do negócio

das para desonerar a importação, por exemplo", propõe o deputado Arnaldo Jardim (Cidadania-SP), também integrante da frente ruralista.

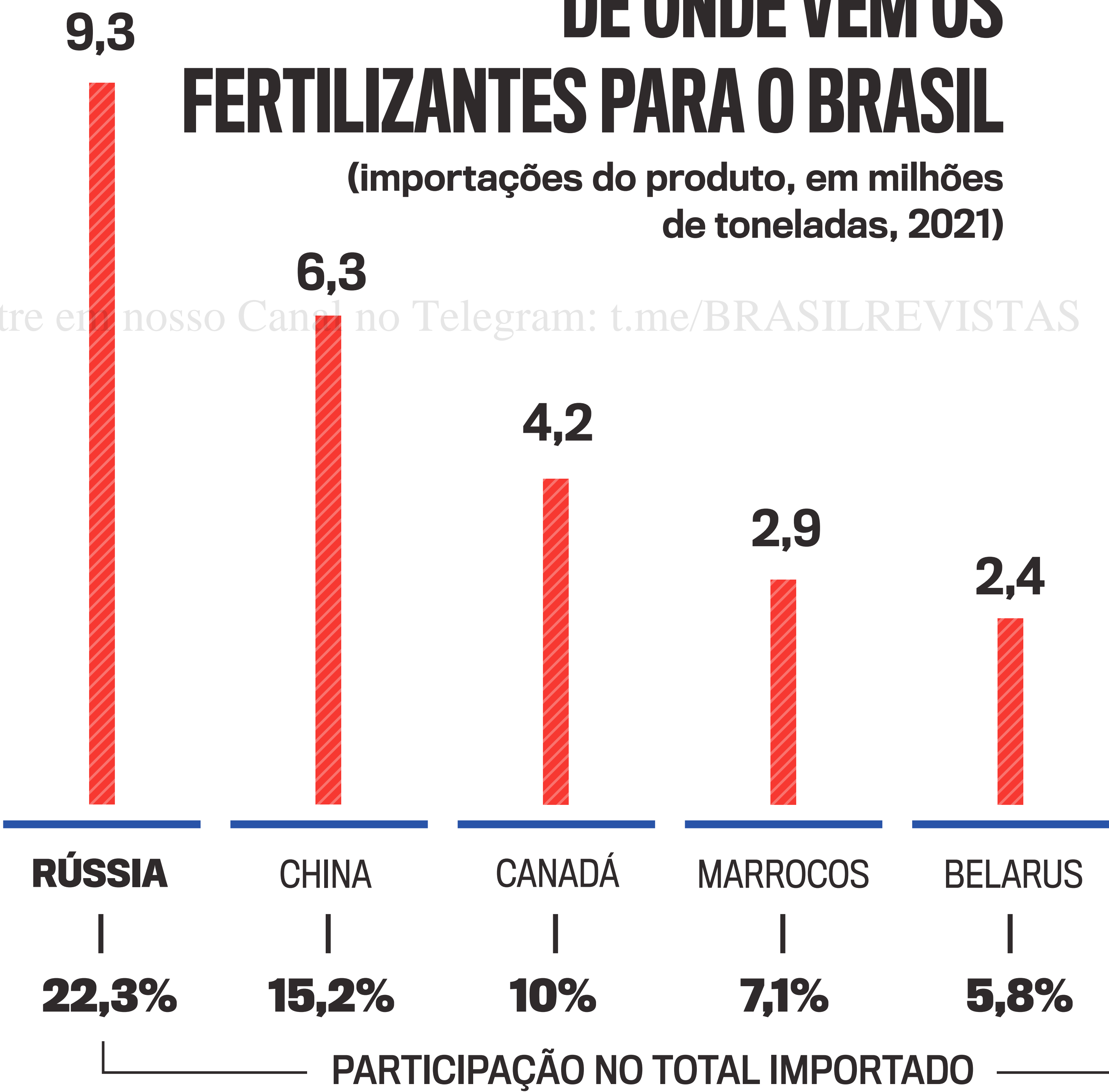
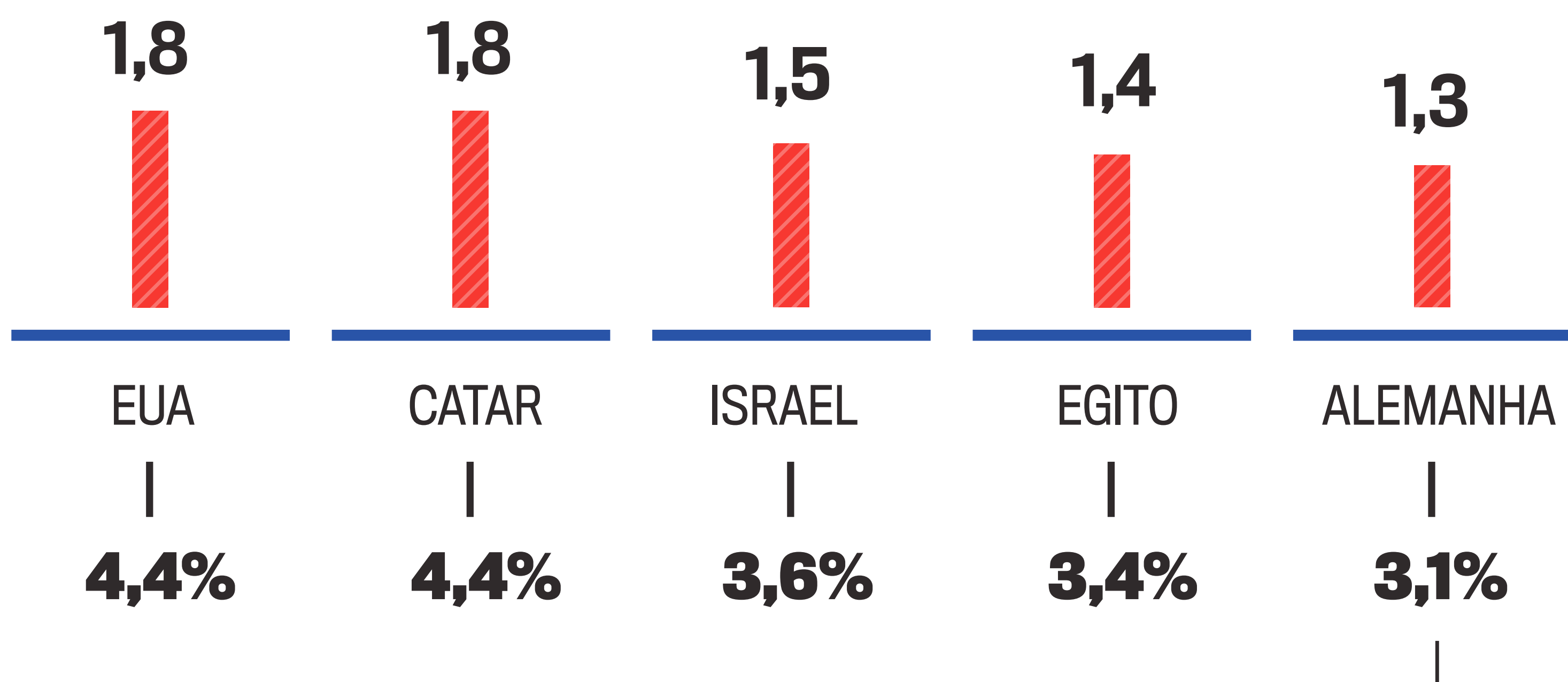
O Ministério da Agricultura tem se concentrado em buscar soluções mais urgentes, como reforçar o monitoramento logístico para impedir que navios não desembarquem por questões burocráticas e iniciar uma campanha para uso racional de fertilizantes — cerca de 40% do insumo é desperdiçado nas lavouras. O governo diz contar com estoques suficien-

DIVULGAÇÃO

APOIO Antonio Galvan: o presidente da Aprosoja é um dos líderes do agronegócio que sempre estiveram com Bolsonaro

tes para a próxima safra, considerando as sobras da anterior e a chegada de cargas contratadas. Mas o efeito nos preços do insumo e dos alimentos será inevitável. "Temos adubo para os próximos meses, mas para a safra de verão, que é semeada a partir de setembro, nós precisaremos de mais", alerta Roberto Brant, presidente do Instituto CNA, ligado à Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil.

A iminente saída de Tereza Cristina do governo colocou ainda mais adubo nessa crise. Existe o risco de que a escolha

do substituto seja definida por critérios políticos, e não técnicos. O nome mais cotado até aqui é o do ex-deputado e ex-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (nome formal da poderosa bancada ruralista) Marcos Montes, atual secretário-executivo da pasta. Por já trabalhar com a ministra, ele é visto como uma transição sem sobressaltos. Mas é

filiado ao PSD, partido que não integra a base governista e nem apoia a reeleição de Bolsonaro. Por isso, circula com força o nome do senador Luis Carlos Heinze (PP-RS), aliado de Bolsonaro no Congresso. A sua nomeação deixaria livre o caminho para o ministro Onyx Lorenzoni (Trabalho e Previdência) se candidatar ao governo do Rio Grande do Sul, cargo também desejado por Heinze. A escolha agradaria ao PP, dos caciques Arthur Lira e Ciro Nogueira, e ao PL, partido do presidente e futuro destino de Onyx. Outras apostas são Geraldo Melo Filho, presidente do Incra, e o ex-deputado Nilson Leitão, presidente do Instituto Pensar Agropecuária (IPA), braço técnico da FPA. Certo mesmo é que não poderia haver pior momento para a troca de guarda na pasta. Sem a "bombeira" Tereza Cristina, a dúvida é se o Palácio do Planalto terá capacidade de evitar o agravamento do atual impasse sobre os fertilizantes. ■

Fonte: *ComexStat*

VELHOS COMPANHEIROS

O PT fala em renovação, mas nada, absolutamente nada — especialmente as ideias — escapa do rigoroso controle e da influência da antiga guarda do partido

DANIEL PEREIRA

OS CONSELHEIROS Guido Mantega, Martins, Celso Amorim, Dulci, Aloizio Mercadante e Carvalho: propostas polêmicas

DESDE A REDEMOCRATIZAÇÃO, o Brasil já realizou oito eleições presidenciais. Líder nas pesquisas para a próxima corrida ao Palácio do Planalto, Lula participou de cinco delas, perdendo as três primeiras e vencendo as duas seguintes. Em 2018, ele também pretendia disputar contra Jair Bolsonaro, mas foi preso por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF). Livre desde que o mesmo STF anulou as suas condenações e restabeleceu os seus direitos políticos, o petista figura como o pré-candidato mais experiente no páreo de 2022, mas promete, se eleito, montar uma equipe de governo renovada, com nomes novos para administrar o país. Esse compromisso foi assumido depois de ele e o PT serem cobrados sobre o papel da ex-presidente Dilma Rousseff na

campanha deste ano. O criador elogiou a criatura, a quem chamou de "pessoa inatacável" e de "competência extraordinária", mas sinalizou que ela não fará parte de seu eventual futuro mandato. "O tempo passou, tem muita gente nova no pedaço, e eu pretendo montar um governo com muita gente nova, muita gente importante e com muita experiência também", declarou o ex-presidente.

Esses ares de renovação ainda não são percebidos na pré-campanha de Lula. Até aqui, figuram como seus principais conselheiros velhos companheiros de partido e antigos colaboradores de seus dois governos — o último deles encerrado em 2010. Talvez por isso, por mais que Lula tente construir um discurso de moderação e uma aliança para além da esquerda, de vez em quando o ex-presidente e seus aliados re-

petem mantras tipicamente petistas, muitos deles capazes de reforçar a rejeição à legenda. Um exemplo é o discurso pela regulação da mídia. Em seu segundo mandato, Lula tirou essa bandeira da gaveta, argumentando que era preciso enfrentar os oligopólios e democratizar os meios de comunicação. Eventuais mudanças nada teriam a ver com censura, alegou na época. A ideia era que Dilma Rousseff, ao assumir a Presidência da República, aproveitasse o caminho pavimentado e negociasse com o Congresso a aprovação da regulamentação. Dilma não topou, o que contribuiu para desgastar um pouco a sua relação com o antecessor.

HEULER ANDREY/FOLHAPRESS

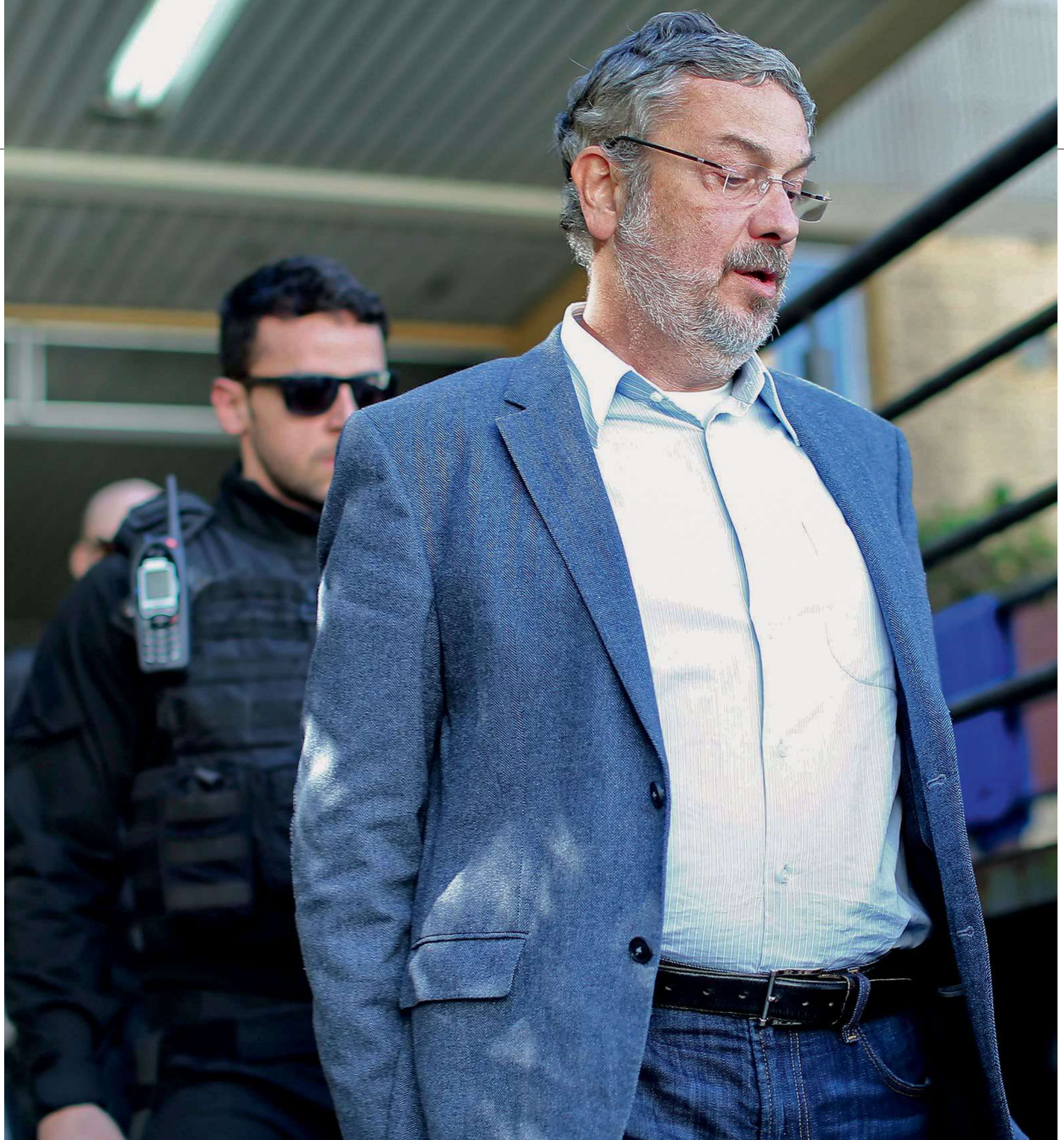
CANCELADA Dilma Rousseff: a ex-presidente foi afastada do núcleo decisório

Em entrevista recente à TVT, emissora mantida por sindicatos de trabalhadores de São Paulo, Franklin Martins, ex-ministro de Comunicação Social de Lula, classificou de “erro” a postura de Dilma e defendeu a regulação das concessões públicas de rádio e televisão com o objetivo de desmontar os oligopólios, que impediriam o pluralismo na produção de informações. “Esse assunto está pendente”, disse

ele. Segundo Martins, o próprio impeachment de Dilma, que chamou de "golpe", começou a ser gestado por um oligopólio. Nada disso, garante o ex-ministro, tem a ver com censura. "Pluralidade na questão da informação, do debate público, é essencial para a democracia", afirmou Martins. Dias depois, o candidato Lula, que ainda procura a modulação menos indigesta para o tema, disse o seguinte a uma rádio: "Não falem de censura para mim, eu quero liberdade de imprensa. Liberdade em que a imprensa fale o que quiser, mas que também seja respeitado o direito de resposta". Além de se dedicar a esse tema, Martins cuidará da campanha de Lula nas redes sociais, área em que Bolsonaro reinou em 2018. O PT espera que a militância seja tão combativa como o ex-ministro, que não esconde o gosto pelo embate político.

Outro conselheiro importante da pré-campanha é Celso Amorim, que chefiou o Ministério de Relações Exteriores entre 2003 e 2010. O ex-chanceler é entusiasta de duas cantilenas caras aos petistas: o respeito à autodeterminação dos povos e, a partir desse conceito, a importância de o Brasil se posicionar como um mediador entre países, sobretudo seus parceiros econômicos da América Latina. A tese parece lógica, mas tem gerado ruídos eleitorais. No fim do ano passado, uma nota publicada no site do PT saudou as eleições de fancaria na Nicarágua, vencidas pelo ditador Daniel Ortega, que mandou prender opositores antes da votação. A repercussão foi imediata, e a contradição, evidente: petistas acusam Jair Bolsonaro de atentar contra

SÉRGIO LIMA/FOLHAPRESS

a democracia, mas aplaudem o ditador amigo. Restou à presidente do PT, Gleisi Hoffmann, tirar a nota do ar, alegando que o texto não havia sido submetido à direção partidária. "Nossa prioridade é debater o Brasil com o povo brasileiro", escreveu Gleisi numa rede social, numa tentativa de contenção de danos. No caso da invasão da Ucrânia pela Rússia, as vozes do passado também ecoam. Lula e Amorim não fizeram até agora uma condenação contundente à ação de Vladimir Putin. O PT prefere desviar o fo-

HEULER ANDREY/AFP

RENEGADOS Os ex-ministros Dirceu e Palocci: condenados por corrupção, o primeiro mantém um afastamento tático do partido e o segundo caiu em desgraça após se tornar delator

co para críticas ao imperialismo americano, com o qual trava uma batalha ideológica desde sempre.

Uma das principais dúvidas sobre o eventual terceiro mandato de Lula se refere à condução da economia — quem será convocado para exercer a função. O ex-presidente convidou Guido Mantega, que foi ministro da Fazenda entre o início de seu segundo mandato e o fim do primeiro mandato de Dilma, para escrever em nome dele numa série do jornal *Folha de S.Paulo* sobre o pensamento econômico dos pré-candidatos.

A reação foi de espanto — entre outros motivos, porque Mantega implementou a "Nova Matriz Econômica", decisiva para jogar o país na recessão. Os petistas logo espalharam a versão de que o convite era um gesto magnânimo de Lula, uma tentativa de resgate da imagem de Mantega, desgastada também por denúncias de corrupção. A explicação não afastou as suspeitas dos agentes econômicos. Eles lembram que outro conselheiro do ex-presidente é o ex-senador Aloizio Mercadante, conhecido por defender, no passado, a tese segundo a qual vale tolerar um pouco mais de inflação a fim de obter um tanto mais de crescimento econômico.

Num artigo recente escrito para a militância petista, Mercadante defendeu a ideia de que a Petrobras foi desmantelada nos governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro. Não se trata de uma opinião isolada. Aliados de Lula falam em "renacionalizar" a empresa, que manteria seu capital aberto, mas voltaria a ter como prioridade o desenvolvimento do país e o interesse do povo brasileiro, e não os ganhos de seus acionistas. O mesmo raciocínio valeria para a Eletrobras e os Correios, que o governo Bolsonaro tenta privatizar. Quando perguntados se um nome novo assumirá a Fazenda, petistas costumam responder com muito pragmatismo e um tanto de cinismo: "Tanto faz. Como sempre, quem mandará na política econômica será o Lula". Na pré-campanha também se destacam os ex-ministros Luiz Dulci, que cuidava da relação do governo Lula com os movimentos sociais, e Gilberto Carvalho, que foi responsável pela interlocução

com as igrejas e, no mandato de Dilma, serviu como olhos e ouvidos de Lula na gestão de sua sucessora. Conhecido por sua capacidade de diálogo para além das fronteiras da esquerda, o senador Jaques Wagner também figura entre os conselheiros e aparece desde já como um coringa para a formação do futuro governo.

É natural que o ex-presidente recorra a pessoas de sua confiança para aconselhá-lo em sua provável sexta candidatura à Presidência. Também é compreensível que ele escolha uma equipe tarimbada, experiente, considerando-se quão acirrada promete ser a disputa. Isso não significa, dizem os petistas, que não haverá a renovação prometida. Eles lembram que Lula nomeou Alexandre Padilha ministro de Re-

lações Institucionais quando este tinha apenas 38 anos. Já Fernando Haddad assumiu o Ministério da Educação com 42. A própria Dilma Rousseff, apesar de um pouco mais velha, foi considerada uma surpresa ao ser escolhida para a Casa Civil e depois candidata a presidente. No caso Dilma, houve um enorme facilitador. Os dois nomes naturais do PT para a sucessão de Lula — os ex-ministros José Dirceu e Antonio Palocci — haviam caído em desgraça, acusados de corrupção e outras traficâncias. O caminho estava livre, e Lula apostou numa novidade. Novidade que, neste início de ano eleitoral, só existe como promessa de campanha. ■

ALON FEUERWERKER

O RESULTADO ESTÁ AÍ

Escândalos deram oportunidades para os gênios proporem suas leis

O BRASIL está em plena "janela partidária", em que o político pode trocar de agremiação sem perder o mandato. Há desta vez uma peculiaridade: o prazo para formar as federações partidárias, nacionalmente verticalizadas e vinculantes, ultrapassa a data-limite para as filiações com vista à próxima eleição. O político se filia ao partido e está sujeito a, mais na frente, descobrir que entrou numa coalizão estável de quatro anos e com a qual não concorda.

É apenas mais um detalhe estranho nos mecanismos de uma fidelidade partidária já meio fantasmagórica. Pois vale para mandatos proporcionais (vereadores, deputados), mas não para cargos decorrentes de escolha majoritária (prefeito, governador, senador, presidente). O "argumento" é que nesse segundo lote o político não depende dos demais para se eleger. Argumentos úteis são o que não falta na folclórica política brasileira. Principalmente quando o Judiciário precisa, ou quer, abrir exceções. Pois ninguém é de ferro.

Por falar em tribunais, a recente decisão do Supremo ao homologar a frondosa anabolização do Fundo Eleitoral sugere uma reacomodação do "sistema". De repente, a explosão das verbas públicas para partidos e candidatos deixou de provocar indignação, e no novo clima os ministros sentiram-se confortáveis para declarar em alto e bom som que seria um absurdo o Judiciário meter-se excessivamente nos assuntos da alçada do Legislativo.

Sim, é isso mesmo que você acabou de ler.

Se conectarmos os dois pontos abordados acima, notar-se-á que o cofre cheio para campanhas eleitorais não deixa de ser, ao menos na teoria, um belo fator de atração de quadros na janela de trocas. O financiamento empresarial está proibido, o privado só rende uns caraminguás, então quem tem mais dinheiro público para investir na eleição tem mais argumentos para atrair gente boa de voto. Também aqui funcionam as leis de mercado.

"A montanha de recursos públicos para partidos não vem acompanhada da exigência de democracia interna"

Na política, a pergunta-chave sempre é "quem detém o poder?". Os anos recentes assistiram à profusão de leis e decisões judiciais supostamente inspiradas pela vontade de aperfeiçoar a democracia. E qual é a resultante? Uma estrutura orgânico-monetária controlada de modo absolutista pelos presidentes de partido, figuras abarrotadas de dinheiro proveniente dos impostos, mas que não precisam prestar contas políticas a ninguém.

Pois a montanha de recursos públicos para as legendas não vem acompanhada de exigências relacionadas à democracia interna. Não precisam fazer prévias para escolher candidatos. Podem ficar a vida inteira no cargo. Podem ir tocando o partido só com base em comissões provisórias, sem diretórios. Podem manter a estrutura partidária na coleira indicando apaniguados para os cargos-chave. E podem decidir que candidatos recebem mais dinheiro.

Eu dizia que cada escândalo dos últimos anos foi uma janela de oportunidade para todo tipo de gênio propor mais uma fornada de leis e regimentos para "aperfeiçoar o modelo". Foi também a deixa para juízes legislarem, "devido à omissão do Legislativo". O resultado está aí. ■

O GENERAL EM CAMPANHA

Alvo da desconfiança de Bolsonaro desde a posse, Hamilton Mourão fará o seu primeiro voo-solo eleitoral em um dos estados mais bolsonaristas do país

JOÃO PEDROSO DE CAMPOS

OFENSIVA Mourão em Caxias do Sul: visitas a cidades gaúchas, entrevistas e reuniões com políticos

BRUNO BATISTA/VPR

HABITUADO a se proteger da Covid-19 com máscaras do Flamengo, seu time de coração, o vice-presidente Hamilton Mourão surgiu na Expointer, tradicional feira do agronegócio em Esteio (RS), usando uma com o emblema do modesto Guarany de Bagé. Circulou entre produtores, premiou uma novilha e mostrou suas habilidades montando um cavalo campeão. Em outro evento recente, na abertura da Festa da Uva de Caxias do Sul, exaltou o "trabalho árduo da gente que habita a Serra Gaúcha". Nos últimos seis meses, não faltaram ao vice esses e outros compromissos típicos de candidato no estado onde nasceu: foram seis viagens (por nove cidades), quatro entrevistas à mídia local e oito agendas em Brasília recebendo autoridades e políticos gaúchos.

Tanto empenho reflete o seu objetivo neste ano: sem espaço na chapa presidencial, vai encarar a disputa ao Senado no Rio Grande do Sul pelo Republicanos, ao qual se filiará na quarta 16, deixando para trás o PRTB. Após passar três anos tentando se mostrar mais moderado e habilidoso politicamente que Bolsonaro e fazendo frequentes contrapontos às sandices do presidente — o que lhe rendeu até a pecha de traidor —, o general fará o seu primeiro voo-solo eleitoral em um dos estados onde o bolsonarismo é mais forte. Com apenas uma vaga ao Senado em disputa, o maior desafio do general será justamente o de conquistar os votos dos bolsonaristas.

O ponto de partida para aparar as arestas será a definição da aliança que incluirá Mourão. Nos bastidores políticos dos pampas dá-se como bem encaminhado — e inevitável

— um arranjo para que ele ocupe a vaga na chapa encabeçada pelo ministro do Trabalho e Previdência, Onyx Lorenzoni, um dos mais fiéis aliados de Bolsonaro, que se filiará ao PL para disputar o governo. “Temos interesse em reproduzir a aliança nacional nos palanques estaduais. Há boas sinalizações do Republicanos e, com a filiação de Mourão, ele passa a ser uma opção”, diz Rodrigo Lorenzoni, filho de Onyx e secretário de Desenvolvimento Econômico de Porto Alegre. “Estamos livres, leves e soltos para trilhar nosso caminho”, afirma o deputado Carlos Gomes, presidente do Republicanos gaúcho, que deve deixar a aliança formada em torno de Eduardo Leite. O governador tucano, aliás, está prestes a trocar o PSDB pelo PSD de Gilberto Kassab para tentar entrar no páreo presidencial.

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

AMEAÇA Ana Amélia: a ex-senadora deve disputar votos com o vice

Uma das principais concorrentes de Mourão para a vaga do Senado será justamente a política apoiada por Leite: a ex-senadora Ana Amélia, secretária de Relações Federativas e Internacionais. Mas nenhum outro desafio se compa-

TWITTER @ONYXLORENZONI

PALANQUE Onyx Lorenzoni: a prioridade é ter unidade em torno do seu nome

ra ao de reconquistar a confiança do eleitorado e dos políticos bolsonaristas gaúchos. Nos últimos dias, caiu muito mal nesse grupo um encontro entre Mourão e o embaixador chinês Yang Wanming. O diplomata, que deixava o cargo, protagonizou embates duros entre o governo federal e a China, que, como costuma lembrar com frequência o presidente, é comunista. "Aquilo caiu como querosene", diz um político próximo a Onyx. Em um lugar tão apegado a suas tradições, há quem torça o nariz até para as "carioquices" de Mourão, como torcer pelo Flamengo em um estado dividido entre Grêmio e Internacional. Por isso, sempre que po-

de, o vice-presidente exibe suas raízes gaúchas. Ele nasceu em Porto Alegre e, durante a carreira militar, foi comandante da Região Sul, baseada na capital.

Apesar das desconfianças, Mourão pontua bem nas pesquisas — em janeiro, apareceu empatado na margem de erro com Manuela d'Ávila (PCdoB), Ana Amélia, José Ivo Sartori (MDB) e Lasier Martins (Podemos), segundo o RealTime Big Data. Nas entrevistas, ele se refere à gestão federal como "nosso governo" (o vice não precisará renunciar para disputar a eleição — mas não poderá mais assumir a Presidência). Agora está em curso uma costura política delicada que tem o objetivo de unificar o bolsonarismo no estado. Para isso, será preciso tirar do páreo a candidatura ao governo do senador Luis Carlos Heinze (PP), também aliado entusiasmado de Bolsonaro. Embora o senador negue, o desfecho visto como mais provável é a sua desistência. Heinze ganharia como consolo o Ministério da Agricultura quando a ministra Tereza Cristina deixar o posto, em abril. Assim, o caminho ficaria livre para Onyx Lorenzoni. "Os votos à direita ficariam mais consolidados se houvesse apenas um candidato claramente identificado com o bolsonarismo", diz o cientista político Augusto Neftali, da PUCRS. A propalada habilidade de estrategista do vice será posta à prova nesse batismo de fogo na guerra eleitoral gaúcha. ■

APAGÃO VERGONHOSO

Em nome da pureza ideológica (e da reeleição de Bolsonaro), o MEC e outros órgãos inibem a divulgação de dados que norteiam as políticas públicas **RICARDO FERRAZ** E **CAIO SARTORI**

PARÂMETRO Escola de ensino médio em Itapajé (CE), a quarta melhor do Ideb em 2019: o índice deste ano é segredo

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO (SEDUC)/DIVULGAÇÃO

A EDUCAÇÃO no Brasil padeceu durante décadas de um problema de fundo: carência de dados essenciais para a elaboração de políticas públicas. O quadro começou a mudar na gestão de Fernando Henrique Cardoso, nos anos 1990, quando foram criados mecanismos de avaliação — da escola, do aprendizado, dos alunos, dos professores — destinados a medir a qualidade do ensino no país. Os governos seguintes, de Lula, Dilma Rousseff e Michel Temer, não só mantiveram a abordagem como a aprimoraram, redesenhando testes e desenvolvendo índices que pudessem servir de parâmetro para estados e municípios. Infelizmente, na Presidência de Jair Bolsonaro, a fórmula desandou. Sob ordens expressas do Planalto de apagar o que considera um viés excessivamente ideológico no setor e inimigo das más notícias, o atual ministro da Educação, Milton Ribeiro, e os dois que o antecederam trataram de atravancar e inibir o levantamento e a divulgação de informações vitais para a garantia de um ensino de alto nível.

Nos bastidores do MEC é dado como certo que o principal indicador da qualidade da educação no Brasil, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), não será divulgado neste ano. A decisão foi tomada por um grupo de trabalho formado justamente para repensar o Ideb, que assim saiu da órbita do Inep, o órgão responsável pela invenção e cálculo do índice, e foi levado para dentro do ministério. Enquanto servidores batiam o pé para manter a metodologia vigente e impedir mudanças na série histórica, iniciada

CRISTIANO MARIZ/AG. O GLOBO

OBEDIÊNCIA O ministro Ribeiro: lambança técnica e aversão às más notícias

em 2007, gestores municipais e estaduais se empenhavam em camuflar a notícia ruim em ano eleitoral. E o Planalto aderiu à operação abafa.

A meta nacional estabelecida para a educação era alcançar nota 6 até 2022, o que colocaria o Brasil na média dos países desenvolvidos. Antes da pandemia, só os anos iniciais do ensino fundamental chegavam perto desse índice. O fechamento das escolas e o consequente atraso das matérias tornaram a missão, que já era difícil, impossível. Na verdade, é muito provável que o patamar tenha baixado. Melhor, portanto, nem divulgar o Ideb — um apelo, aliás, vindo de várias partes. “Defendemos que o resultado não seja consi-

derado para natureza política, pedagógica ou financeira porque ele não retrata um período de normalidade", diz Vitor de Angelo, presidente do Conselho Nacional dos Secretários de Educação, o Consed.

Outro empurrão para atrapalhar a tabulação dos dados oficiais foi o fraco comparecimento nas provas do Saeb, o Sistema da Avaliação da Educação Básica, essencial na composição do Ideb. Problemas a rodo afloraram na aplicação do teste. Estados e municípios não fizeram as devidas convocações, entidades ligadas à educação propuseram que fosse aferida apenas uma amostra, e não o total de alunos, e técnicos do Inep sugeriram inclusive que o Saeb fosse adiado. O governo insistiu e produziu uma avaliação capenga, que não diz ao certo qual o impacto da Covid-19 na aprendizagem. "A ausência de dados é um problema grave", diz Priscila Cruz, presidente executiva do movimento Todos pela Educação. "Só conseguiremos recuperar o tempo perdido se estabelecermos um novo marco zero pós-pandemia, com parâmetros confiáveis do desempenho dos alunos." A intenção de escamotear os números da educação ficou evidente em fevereiro, quando o Inep proibiu o acesso aos chamados microdados, cruciais para a execução de pesquisas acadêmicas e políticas públicas, relativos ao Enem 2020 e à edição de 2021 do Censo Escolar da Educação Básica, Durante meses, técnicos contrários à medida apresentaram ofícios e pareceres propondo "soluções que possibilitem o retorno da divulgação de microda-

dos públicos com segurança", conforme consta de um dos seis documentos obtidos por VEJA que dormem na gaveta da direção do Inep. "Ignoraram totalmente as recomendações", diz um funcionário.

Estudos produzidos pelo instituto também estão na mira do governo. Em março passado, uma pesquisa apontando resultados positivos do programa Alfabetização na Idade Certa, bandeira do governo de Dilma, foi proibida de ser publicada. Mais recentemente, o MEC convidou integrantes da Campanha Nacional pelo Direito à Educação a participar de um livro sobre o custo aluno *versus* qualidade e, em duas reuniões tensas, definiu antecipadamente como determinados temas deveriam ser abordados. "Fun-

cionários disseram existir uma pressão constante vinda do MEC", conta Daniel Cara, ex-coordenador da Campanha. No Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o Ipea, exige-se autorização prévia do comando do órgão para publicar qualquer material. "Passamos a viver sob uma cultura de autocensura", resume o pesquisador Fernando Gaiger. No IBGE, até o Censo Demográfico, cujo orçamento foi reduzido de 3,1 bilhões para 2,3 bilhões de reais, está sendo realizado com um questionário de 25 perguntas, em vez das 46 de costume. Não faltam alertas de que o apagão de dados anda em marcha nas várias esferas e pavimenta uma trilha ruim: o retrocesso norteado por interesses alheios ao que importa para o país dar um salto. É lamentável. ■

FUGA DO INFERNO

Além de bombardeios, fome, destruição e morte, a invasão da Ucrânia pela Rússia desencadeia uma das maiores ondas migratórias da história, levando milhões a deixar tudo para trás e partir

ANNA ROMANDASH, de Lviv,
RICARDO FERRAZ E **CAIO SAAD**

CAPA: FOTO DE DAN KITWOOD/GETTY IMAGES

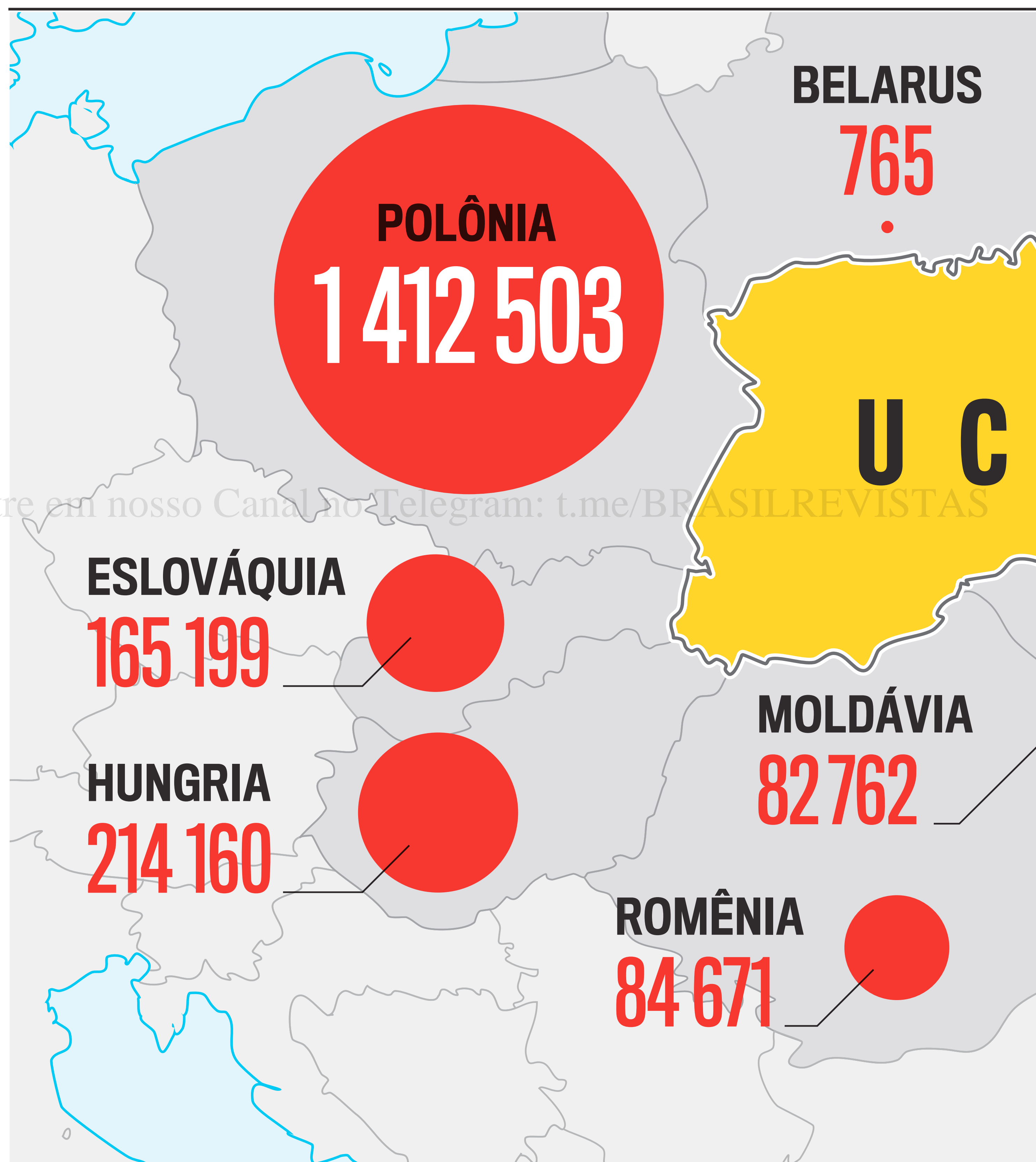
DESPEDIDA
Famílias partidas: pai convocado para a guerra diz adeus à filha em estação de trem de Kiev

EMILIO MORENATTI/AP/IMAGEPLUS

Centro de cultura e artes em tempos de paz fincado no extremo oeste da Ucrânia, a cidade de Lviv, de 700 000 habitantes, não entrou — pelo menos até agora — na rota dos bombardeios e choques armados que aterrorizam outras regiões desde a invasão do país por tropas russas, em 24 de fevereiro. Mesmo assim, a tragédia é palpável. O medo e a preocupação estão nas praças, estações de trem, escolas, ginásios e outros espaços adaptados para acolher multidões de ucranianos que chegam todos os dias com um objetivo em mente: cruzar a fronteira, a 100 quilômetros de distância, e se abrigar na Polônia. Trata-se da principal rota de escape do terror produzido por um conflito inaceitável que conduz a destruição e morte.

Ir embora por pavor do que vem pela frente é uma decisão dolorosa. De de uma hora para outra, tudo o que é conhecido fica para trás, perdem-se amigos próximos, objetos de estimação e o próprio chão que sustenta uma vida cotidiana normal. Neste século, o drama dos refugiados se escancarou em diversos pontos do planeta, em botes de borracha

A DIMENSÃO DA DIÁSPORA

Mais de 2,3 milhões de pessoas deixaram a Ucrânia desde o início da guerra

Fonte: *Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados*

afundando no mar, no arame farpado fechando fronteiras e na superlotação de precários acampamentos. Ver o êxodo acontecer na rica e civilizada Europa, porém, é um choque tão profundo quanto a ocorrência de uma guerra entre dois países do continente, deflagrada pela insanidade de Vladimir Putin. Na Ucrânia, o último trecho da fuga desesperada é percorrido de carro, de ônibus e, muitas vezes, a pé, no ar gelado do inverno europeu. Em duas semanas, mais de 2 milhões de pessoas deixaram suas vidas para trás, metade delas crianças, 40% pelo corredor que parte de Lviv — uma migração quase sem precedentes em tão curto espaço de tempo. "Já observamos cenários parecidos em outras partes do mundo, mas a esta velocidade é a primeira vez desde a II Guerra Mundial", diz Filippo Grandi, do Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.

A estimativa é de que 4 milhões de pessoas — 10% da população — sairão da Ucrânia nos próximos seis meses, mas, se a guerra se arrastar, o total pode ser bem maior. Como todos os homens entre 18 e 60 anos foram convocados para a defesa, as imensas filas de fugitivos são compostas quase que só de mulheres, crianças e idosos. Nas estações de trem e nos pontos de partida de ônibus — muitos com um papel no parabrisa avisando *deti* (crianças, em russo) —, pais em lágrimas se postam nas janelas até o último minuto para dar o doloroso adeus à família dilacerada. "Não sei quando vou voltar a ver meu marido", disse a VEJA Iryna Vyrtosu, 35 anos, que se despediu dele na fronteira com a

DIFICULDADE
Caminho cortado: sob a neve, soldados ajudam idosa em fuga a se desviar de ponte que desabou

Eslováquia. Ela e a filha Vlada, de 3 anos, estão abrigadas em uma escola adaptada para receber refugiados. “É como se estivesse em um mundo paralelo. De repente, não tenho casa e dependo dos outros para sobreviver”, desabafou.

A situação é mais angustiante ainda para os moradores das áreas sob combate e bombardeio intenso russo — cinco cidades no leste e nordeste do país e outras cinco localizadas nos arredores da capital, Kiev. Nelas, faltam comida, eletricidade, água e remédios. Várias tentativas de cessar-fogo e permitir a abertura de um corredor humanitário para a saída de civis fracassaram. Desesperadas, as pessoas arriscam a vida, entre prédios em ruínas e pontes desabadas, tentan-

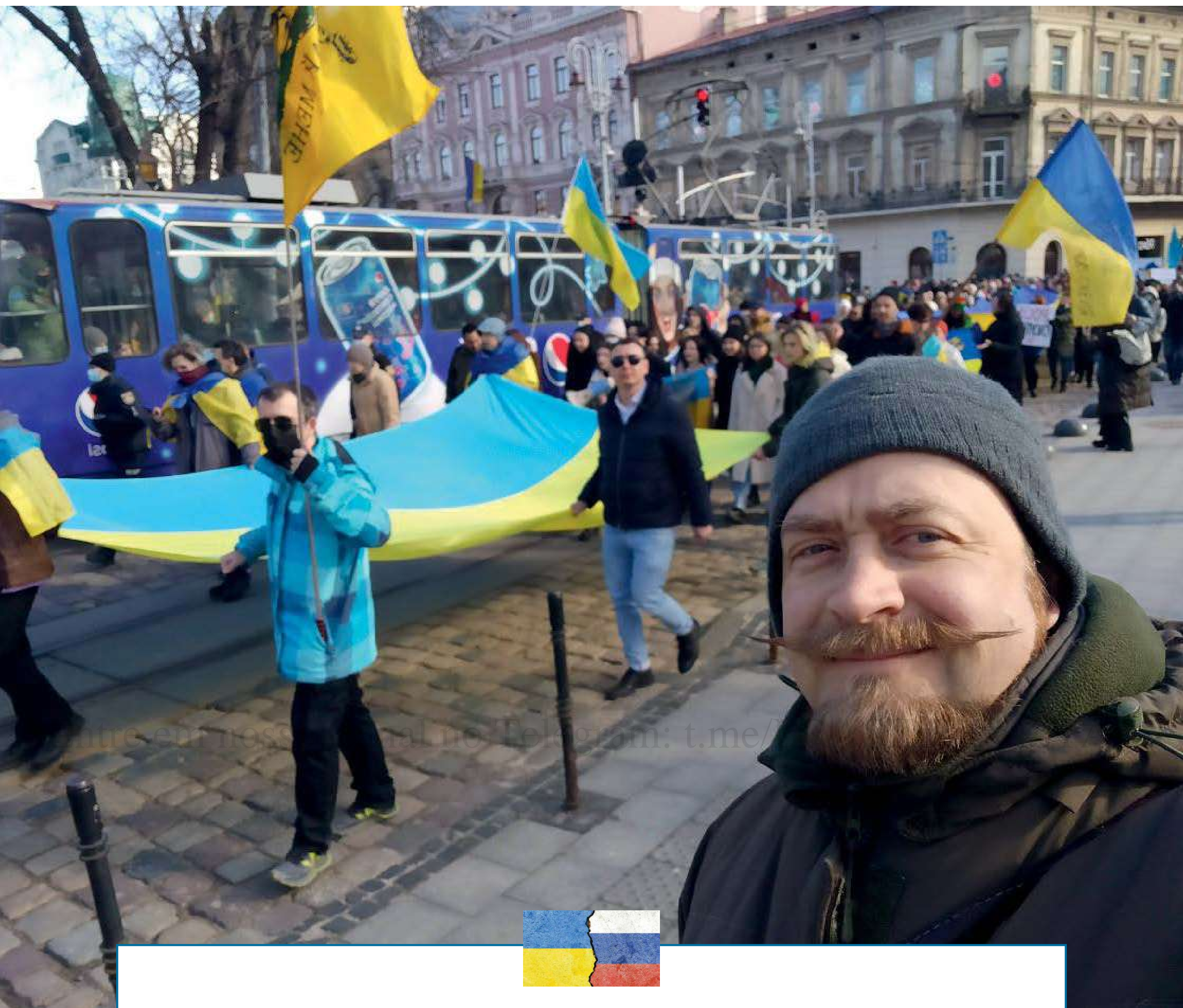
SERGEI SUPINSKY / AFP

do chegar a um lugar seguro. Na cidade portuária de Mariupol, sob cerco russo há mais de uma semana, os supermercados foram saqueados pela população em busca de alimentos. Os bombardeios constantes atingiram uma maternidade, com grávidas e recém-nascidos sendo removidos no meio do caos. Sem poder enterrar os mortos, uma vala comum foi aberta no cemitério local, onde dezenas de corpos, de civis e soldados, são lançados todos os dias, sem cerimônia além de um apressado sinal da cruz.

CENA TRÁGICA
Rota interrompida: atingidos por um morteiro, mãe, dois filhos e um amigo morrem na rua, em Irpin

A designer de interiores Elizabeth Drobot, 26 anos, peregrinou pelo território devastado durante quinze dias. Mo-

OLEKSANDR RATUSHNIAK/EPA/EFE

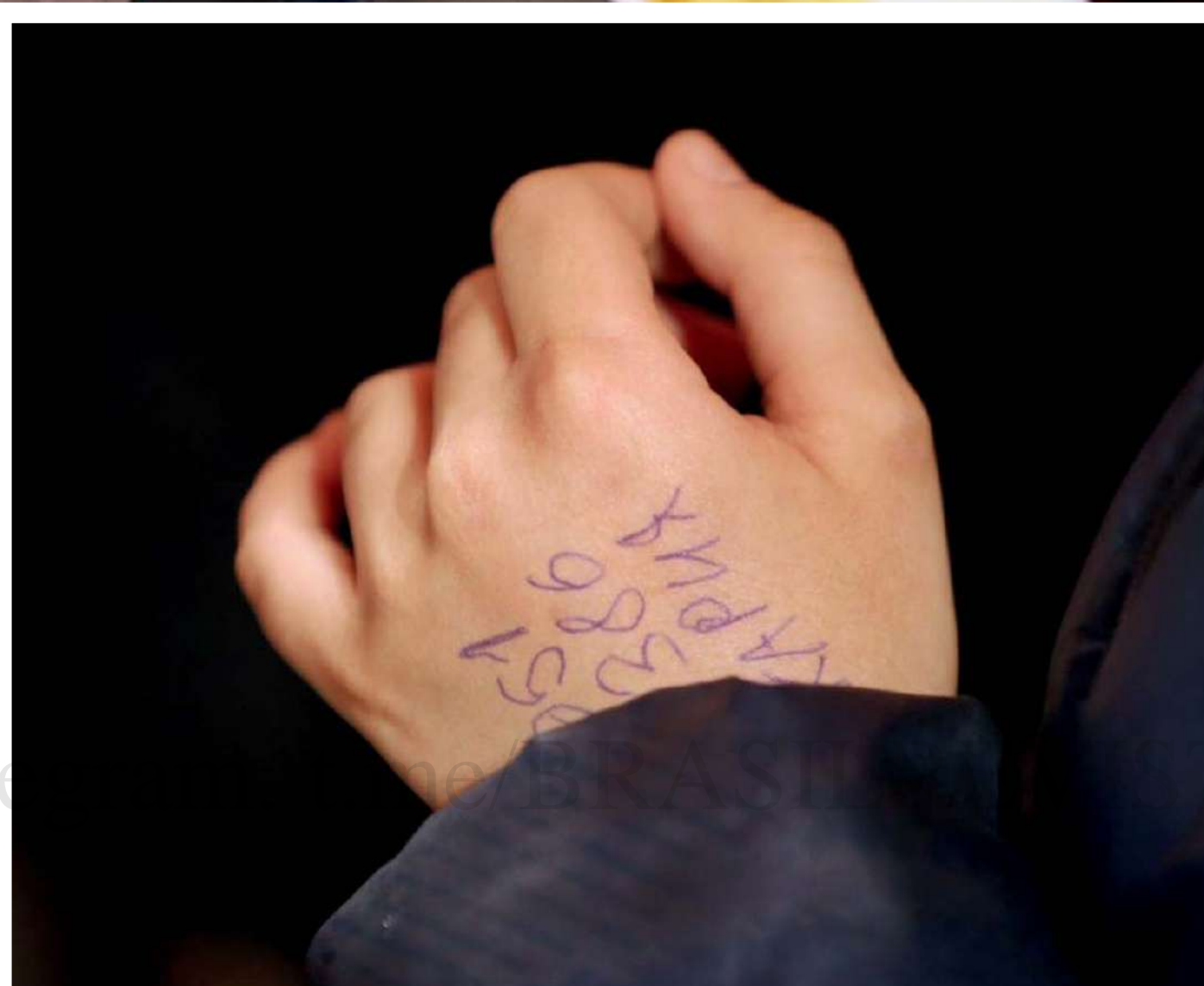
ARQUIVO PESSOAL

GUIANDO DESTERRADOS

O guia turístico **Artem Bondar,** de 39 anos, resolveu permanecer em Lviv, a porta de saída para a Polônia, e usar suas conexões com clientes e empresas para ajudar as pessoas que buscam segurança a cruzar a fronteira e encontrar abrigo. “Passo um tempão falando ao telefone, mas é minha maneira de colaborar”, diz ele, que também acolheu duas famílias em seu pequeno apartamento

radora da região metropolitana de Kiev, ela acordou com o barulho de bombas na madrugada da invasão e correu para a casa dos pais, perto de uma base militar. Os ataques continuaram e a família passou dois dias no porão, até tomar coragem para pegar o carro e fugir. "Saímos quando um foguete atravessou nosso terreno e destruiu oito casas vizinhas", relatou a VEJA, ainda indecisa sobre cruzar a fronteira. Essa dúvida não passou pela cabeça do jogador brasileiro Marlon, do Shakhtar. Assim que a guerra explodiu, ele e colegas se mobilizaram para voltar para o Brasil. Ele, a mulher e os três filhos pequenos (o mais novo tem 3 meses) levaram três dias e passaram muitos sustos para chegar à Moldávia. "A ajuda do Itamaraty se limitou a dar os horários dos trens que saíam de Kiev. Todas as providências foram tomadas pelas federações de futebol", ressalta.

As primeiras rodadas de negociação entre Rússia e Ucrânia não produziram resultado algum. Em clima de alta tensão, os Estados Unidos decidiram suspender sua importação de petróleo russo, levando os preços às alturas com impacto na economia brasileira. Às vésperas da primeira reunião entre os chanceleres da Rússia e da Ucrânia, os ânimos pareceram arrefecer um pouco. O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, abrindo o flanco em relação a exigências russas, disse que está repensando a entrada da Ucrânia na Otan ("já que parece que eles não fazem questão", disse) e que pode se sentar para conversar sobre o status de territórios controlados por separatistas apoiados por Moscou.

FOTOS POLÍCIA ESLOVACA

DEU CERTO
Voluntárias acolhem menino que chegou na Eslováquia sozinho: na mão, um número de telefone

Assessores de Putin negaram a intenção de ocupar a Ucrânia ou depor seu governo. O encontro da quinta-feira 10, porém, não levou a avanço algum. “Iniciativas de paz normalmente aparecem quando as partes em conflito não conseguem mais sustentar ações militares. No caso atual, a impressão é de que tudo ainda está no meio do caminho”, diz Tatyana Malyarenko, professora de relações internacionais da Universidade Nacional de Odessa.

O balanço da ONU, que ela mesma acredita ser subestimado, é de ao menos 550 mortos até agora. O governo de Kiev fala em 2 000. Em Irpin, uma das cidades próximas da

LOUISA GOULIAMAKI/AFP

DESCANSO
Abrigo para refugiados na Polônia: uma das maiores levas migratórias já vistas

capital sob bombardeio intenso, a invasão injustificada e predadora lançada por Putin conduziu a um quadro de contornos particularmente trágicos: uma mulher de 43 anos, seus dois filhos — um jovem de 18 e uma menina de 9 — e um amigo da família foram mortos na rua, atingidos por morteiros, justamente quando tentavam escapar do inferno da guerra. No Facebook, o pai das crianças, único sobrevivente, compartilhou sua dor: “Perdoem-me, eu não os protegi”. Quem consegue romper a

ARQUIVO PESSOAL

A ÚNICA OPÇÃO

O aposentado **Yaroslav Matichek**, 71, e sua esposa **Hanna**, 70, não esperaram a guerra chegar até Kalush, no oeste da Ucrânia. Depois de muita conversa com os filhos, acabaram convencidos a ir para Cracóvia, na Polônia. A viagem foi marcada por uma espera de quinze horas na fronteira, no inverno. “Meu pai queria resistir, mas a única coisa a fazer agora é fugir”, diz a filha Olga

linha de fogo recebe ajuda de voluntários e até de soldados para encontrar abrigo e é bem recebido nos países vizinhos, que mantêm as fronteiras abertas 24 horas por dia. Em Lviv, o guia de turismo Artem Bondar, 39 anos, usa seus contatos no exterior para ajudar pessoas a deixar o país em segurança. "Foi o jeito que encontrei de colaborar", contou a VEJA.

Causou comoção, em Lviv, a passagem de um comboio composto de ônibus e ambulâncias que recolheu 73 crianças com câncer em diversos hospitais e as levou, com os pais, para a Polônia. Outro drama que correu mundo foi o do menino de 11 anos que chegou sozinho, de trem, à Eslováquia, com uma mochila nas costas, um celular no bolso e um número de telefone escrito a caneta na mão. Depois que voluntários identificaram e contataram seus familiares no país, a mãe, em vídeo, explicou que teve de ficar na Ucrânia para cuidar da avó imobilizada e agradeceu a ajuda. A fuga de idosos, que têm gravada na memória outra guerra desesperadora, é particularmente penosa. Yaroslav Matichek, 71 anos, e sua mulher, Hanna, 70, levaram quase dois dias para chegar a Cracóvia, na Polônia — um trajeto que, em tempos normais, demora no máximo seis horas. "Eles ficaram mais de quinze horas na fronteira, esperando a liberação do ônibus. Fazia 3 graus negativos", disse a filha Olga Matichek, que mora em Malmo, na Suécia.

A Polônia é, disparado, o refúgio mais procurado. Pelos oito pontos de controle, distribuídos ao longo da divisa de 530 quilômetros, passaram mais de 1,2 milhão de ucranianos em

SERGEI CHUZAVKOV/AFP

DESESPERO Estação de trem em Kiev, em março de 2022, e a Gare Montparnasse, em Paris, em março de 1940: fugindo do Exército invasor

ROGER VIOLLET/GETTY IMAGES

quinze dias — um aumento súbito de 3% na população do país. Desde o início da guerra, o governo de Andrzej Duda, da direita nacionalista, que se reelegeu prometendo fechar as portas para refugiados da Síria, do Iêmen e do Iraque, tem mantido a mão estendida à Ucrânia. "É fato que há uma identificação cultural, religiosa e étnica entre os dois países. Mas o gesto pode ter o benefício adicional de permitir à Polônia recuperar o capital político que vinha perdendo na União Europeia", avalia Gilberto Rodrigues, coordenador da pós-graduação da UFABC e especialista em refugiados. Por considerar que o governo polonês fere os princípios democráticos ao censurar a mídia, perseguir homossexuais e intervir no Judiciário, a UE mantém congelados 36 bilhões de euros do fundo de recuperação da pandemia destinados à Polônia.

Os refugiados ucranianos têm permissão para permanecer nos 27 países da União Europeia por até três anos, sem precisar pedir asilo. O custo dessa medida pode chegar a 30 bilhões de dólares somente no primeiro ano, de acordo com o Center for Global Development, sediado em Washington. Mesmo assim, os vizinhos da Ucrânia na Europa Oriental, justamente os que agora mais recebem refugiados, têm um incentivo histórico para entrar nesta briga: todos fizeram parte do bloco soviético e saíram dele maldizendo a Rússia. "Eles sabem que podem ser as próximas vítimas do expansionismo russo e, abrindo as portas, sinalizam que estão agindo em conjunto", diz Victor Del Vecchio, pesquisador do Observatório das Migrações da Unicamp.

TÂNIA RÊGO/AGÊNCIA BRASIL

ALÍVIO NA CHEGADA

Antes de conseguir desembarcar no Rio de Janeiro, o jogador de futebol **Marlon** e a família passaram dias em um hotel e depois viajaram quase 24 horas, de carro e de trem, até cruzar a fronteira da Moldávia. "É difícil manter a calma quando você escuta o barulho de bombas e a TV anuncia o tempo inteiro a invasão", diz ele. "Quando cheguei, demorou a cair a ficha de que estávamos seguros."

Pela rapidez com que avança, o fluxo de ucranianos em fuga é comparável aos maiores da história. O conflito que mais produziu refugiados no século XXI foi a guerra da Síria: 6,6 milhões de pessoas ao longo de onze anos. A crise econômica na Venezuela expulsou pouco mais de 4 milhões em quase vinte anos. Na década de 1990, as guerras nos Bálcãs, na Bósnia e no Kosovo provocaram movimento de 2 milhões a 3 milhões de pessoas em um período de oito anos. Há cinquenta anos, a independência de Bangladesh produziu uma das maiores diásporas da história recente: 10 milhões fugiram em nove meses de conflitos. A tragédia humanitária, porém, alcançou o ápice na barbárie da II Guerra Mundial — 12,5 milhões de pessoas deixaram tudo para trás, 5 milhões só com a ocupação nazista da França. Os danos costumam ser profundos, na forma de traumas duradouros, pesadelos e dificuldades de relacionamento. As marcas de guerra, infelizmente, não se apagam com a paz. ■

Com reportagem de Matheus Deccache

UM GIGANTE ENTRE DUAS GUERRAS

Acuada pela crise deflagrada com a invasão da Ucrânia e pela ameaça de intervenção política, a Petrobras se encontra novamente sob risco

FELIPE MENDES, LUANA MENEGHETTI E **VICTOR IRAJÁ**

ANDRE RIBEIRO/AGÊNCIA PETROBRAS

SOB RISCO
Plataforma do pré-sal, na Bacia de Santos: pressão do governo pela manutenção dos preços

DIANTE de uma plateia de mais de 1 000 executivos do setor petrolífero reunidos na cidade de Houston, no Texas, o nigeriano Mohammad Barkindo, secretário-geral da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), aproveitou-se da visibilidade que recebia para lançar um discurso soturno. Com ar preocupado, declarou que, nos pouco mais de sessenta anos de existência da entidade, ocorreram sete episódios de crise que lançaram o mundo em verdadeiros sobressaltos. E acrescentou que, com a guerra na Ucrânia, abre-se uma janela para que um novo cataclismo dessa ordem produza mais uma catástrofe econômica. O posicionamento de Barkindo se deu na terça-feira 8, pouco depois de o presidente americano, Joe Biden, anunciar o bloqueio das importações para os Estados Unidos de petróleo e derivados produzidos na Rússia.

WIN MCNAMEE/GETTY IMAGES/AFP

BLOQUEIO
Biden: o anúncio de que os Estados Unidos não vão importar petróleo russo levou a cotação às alturas

Além de fechar as portas de seu país, o americano defendeu a adoção de medida semelhante por seus aliados, em que acabou seguido apenas por Boris Johnson, o primeiro-ministro do Reino Unido. Assim como aconteceu na conferência de petroleiros em Houston, a decisão de Biden enviou ondas de choque para os quatro cantos do planeta e, obviamente, atingiu o Brasil. Por aqui, a maior empresa do país, a Petrobras, se tornou o alvo direto desse abalo. E pior: não bastasse a crise vinda de fora, o solavanco acontece em um momento em que a companhia enfrenta uma situação delicada, acuada

em meio à disputa eleitoral que a aponta como responsável pela disparada dos preços dos combustíveis no Brasil.

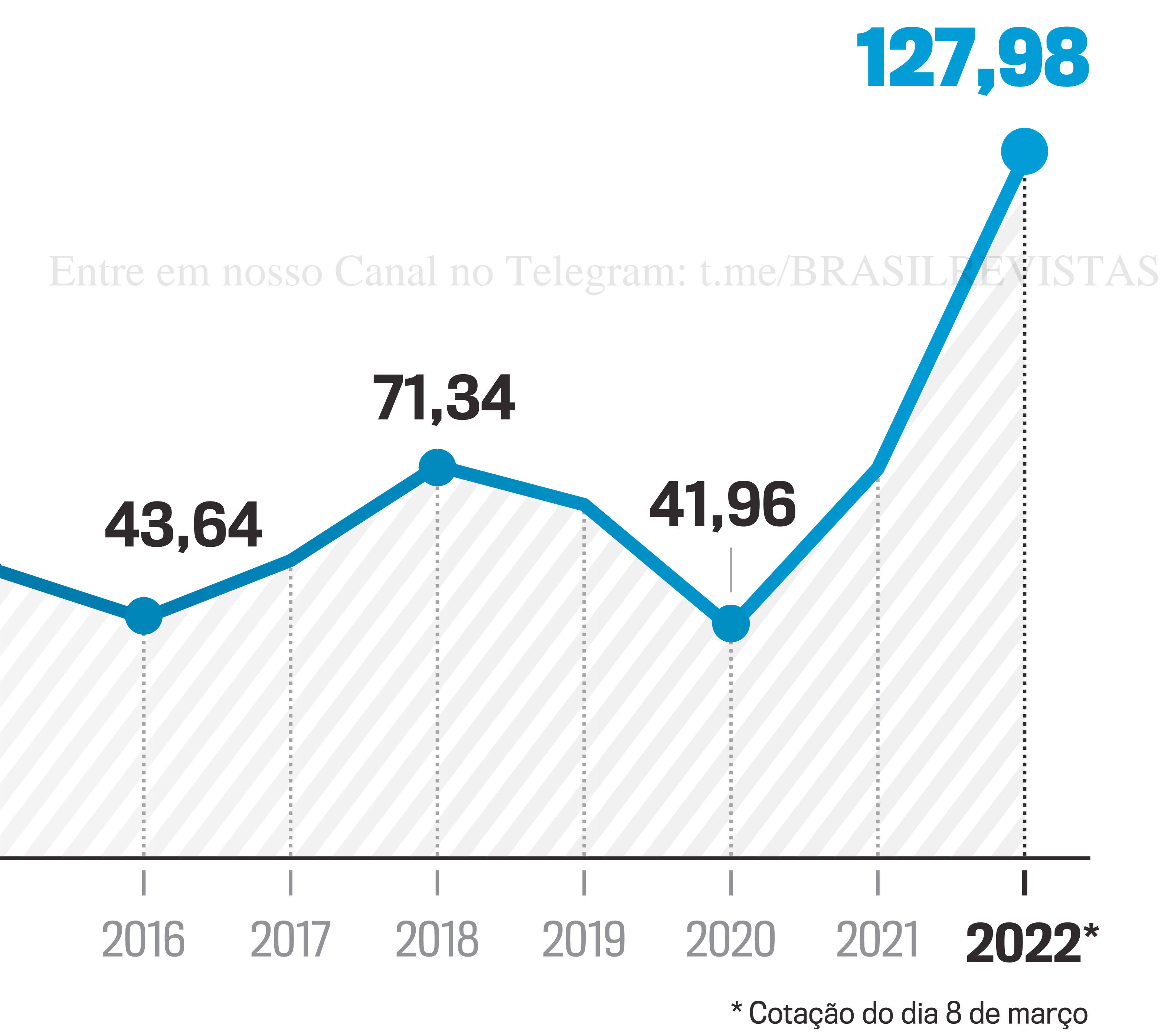
Nesse cenário, a Petrobras, hoje uma empresa de capital misto — de controle estatal, mas com milhões de investidores individuais —, se viu transformada em território conflagrado entre duas guerras. A primeira delas, a milhares de quilômetros de distância, tem causado impactos globais que fizeram disparar o preço do petróleo do tipo brent à cotação acima de 130 dólares, um patamar que não era visto desde 2008, quando se atingiu a marca histórica de 146 dólares. O segundo embate é muito mais próximo e conhecido dos brasileiros. O governo de Jair Bolsonaro trouxe de volta a discussão e torna cada dia

mais palpável a possibilidade de uma intervenção política na empresa, algo malvisto pelo mercado financeiro e que costuma trazer impactos de longo prazo bastante prejudiciais à companhia e ao país, dada sua relevância para a economia. Bolsonaro nunca escondeu seu incômodo com a política de preços da Petrobras, baseada nas cotações do mercado internacional. Com a inflação afetando o humor do eleitorado e ameaçando seu projeto de reeleição, a irritação do ex-capitão só cresceu. Apesar de ter derrubado o presidente anterior da empresa, Roberto Castello Branco, no início de 2021, por sua recusa em se dobrar a medidas populistas que prejudicassem a companhia, intervenções mais agressivas de Bolsonaro vinham sendo contidas pelo Ministério da Economia.

O conflito militar desencadeado pela Rússia, porém, funcionou como uma oportunidade para o presidente investir novamente contra a empresa. E, desta vez, as defesas do passado não existem mais. Até mesmo o ministro da Economia, Paulo Guedes, arrefeceu sua resistência a

PREÇO EM ASCENSÃO

Fonte: *Ipea/Energy Information Administration – EIA/Statista*

subsídios que contenham artificialmente os preços dos combustíveis. Se, no passado recente, o ministro defendia apenas medidas mais brandas, como a extinção de impostos federais incidentes sobre a gasolina e o diesel, agora, sob a justificativa de momento de exceção a partir de uma crise internacional, passou a aceitar iniciativas mais agressivas, que foram analisadas em uma série de reuniões das quais participou na última semana.

Na terça-feira 8, Guedes e os ministros da Casa Civil, Ciro Nogueira, e de Minas e Energia, Bento Albuquerque, se encontraram no Palácio do Planalto com os presidentes da Petrobras, Joaquim Silva e Luna, e do Banco Central, Roberto Campos Neto, para traçar uma estratégia para o governo. No dia seguinte, o ministro da Economia se reuniu com congressistas na casa do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, para tentar alinhar o apoio a dois projetos de lei defendidos pelo PT, que vinham tendo as suas votações adiadas nas últimas semanas. Relatados pelo senador Jean Paul Prates (PT-RN), eles propõem um valor fixo para a cobrança de ICMS sobre o petróleo — o que desagrada aos governadores, que travaram uma possível votação na quarta-feira — e um fundo de estabilização

dos preços do combustível. Na quinta-feira, os senadores aprovaram os dois projetos. A Petrobras, por sua vez, reajustou a gasolina em 18,8% e o diesel em 24,9%. "Não conheço um caso de fundo criado com essa finalidade que tenha sido bem-sucedido", diz David Zylbersztajn, ex-presidente da Agência Nacional do Petróleo (ANP). "Se você sobretaxar as exportações, por exemplo, vai quebrar a empresa."

No Ministério da Economia, a justificativa para a guinada é que, se a guerra persistir, os preços podem até dobrar. Com isso, as chances de reeleição de Bolsonaro tornam-se exíguas. E, mesmo com o reajuste, a Petrobras tem sido comedida. Segundo a Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis (Abicom), antes do dia 10 a defasagem média no diesel era de 40% , enquanto a da gasolina estava em 30%. O problema é

JUSTIN LANE/EPA/EFE

DESGOSTO
Posto de combustível em Nova Jersey: a tensão elevou os preços para consumidores de todo o mundo

que, com os preços do mercado interno ainda mais baixos que no exterior, pode acontecer um desabastecimento. Afinal, os importadores não vão querer trazer petróleo de fora para processamento e venda no país — e o Brasil ainda depende em 30% de importações. “A importação já está totalmente inviabilizada pela oferta de óleo barato aqui. Sem dúvida, já está ocorrendo um prejuízo para a Petrobras e para os seus acionistas, coisa que a gente viu

ROMAN PILIPEY/EPA/EFE

CAMPO DE BATALHA
Bombeiros combatem incêndio perto de Kiev: os custos da guerra

pela última vez em 2012", diz Sergio Araujo, presidente da Abicom.

Em suas investidas contra a petrolífera, Bolsonaro se vale, entre outras táticas, do ataque pessoal ao presidente da estatal, um general que ele próprio alçou ao comando da empresa. A estratégia de fritura de Joaquim Silva e Luna tem sido a mesma usada para desmoralizar o antecessor: a exposição de seu salário e o questionamento de sua competência para o cargo. "O diretor ganha 110 000 reais por

JENS BÜTTNER/PICTURE-ALLIANCE/AFP

mês. O presidente, mais de 200 000 por mês e no final do ano ainda têm alguns salários de bonificação. Os caras têm que trabalhar", afirmou o presidente, em um evento no fim de fevereiro. "Eles têm que apresentar a solução e mostrar o que está acontecendo. 'Ah, a gasolina tá alta'. Cai no meu colo. Eu não tenho como interferir na Petrobras, mas cai no meu colo." Embora trate de não demonstrar publicamente sua

CHANTAGEM
Gasoduto Nord Stream: responsável pelo abastecimento da Europa com energia, virou alvo de sanção

insatisfação, pessoas próximas a Luna dizem que as cobranças públicas abalaram o humor do general e ele já avalia a possibilidade de deixar o cargo.

Em uma dose extra de pressão, Bolsonaro nomeou como o próximo presidente do conselho de administração da empresa Rodolfo Landim, atual presidente do Flamengo e seu aliado de primeira hora. Segundo o conselheiro Marcelo Mesquita, representante dos acionistas minoritários na Petrobras, o nome de Landim foi recebido "com normalidade", mas só o tempo dirá se haverá intervenção. "O governo pode subsidiar combustível se quiser e se tiver dinheiro, mas nunca a Petrobras. O conselho não pode aprovar subsídio. É ilegal", diz. "Subsídios para a gasolina e o diesel são

um mecanismo de transferência de renda perverso. Se o Brasil fosse um país rico, essa discussão já seria horrível. Sendo um país pobre, então, passa a ser uma bomba atômica. Os pobres são os que mais sofrem com a quebra de contratos e ambiente nefasto a investimentos e criação de empregos. Populismo só traz pobreza, e não riqueza." Na segunda-feira 7, dia em que a nomeação de Landim foi confirmada e quando Bolsonaro abriu novamente seu vasto repertório de declarações de caráter intervencionista, as ações da Petrobras caíram 7%, um paradoxo uma vez que os papéis das concorrentes internacionais se valorizavam em decorrência do conflito no Leste Europeu.

Um bloqueio amplo ao combustível da Rússia, como o proposto por Biden, tem impactos gigantescos na econo-

DANIEL RAMALHO/AFP

PROXIMIDADE
Bolsonaro com Landim: do Flamengo para a presidência do conselho da maior empresa do país

mia global. O país de Vladimir Putin é o segundo maior exportador do mundo, atrás apenas da Arábia Saudita, e responsável por 10% do fornecimento mundial. Os membros da aliança militar Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) compram mais da metade dos 7,5 milhões de barris diários de petróleo bruto e produtos refinados que a Rússia exporta. Segundo o Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP),

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

EM CONJUNÇÃO
Os ministros Ciro Nogueira e Guedes: alinhamento em torno da reeleição

cada 1 milhão de barris de demanda não atendida se reflete em um adicional de 14 a 20 dólares no preço do barril. Uma sanção de larga escala tem potencial de gerar um déficit de 5 milhões de barris por dia, de acordo com estimativas do Bank of America, podendo elevar os preços do petróleo para o patamar de 200 dólares por barril, algo explosivo para a inflação brasileira e de todo o mundo. As perspectivas de um acordo de paz entre Rússia e Ucrânia interme-

diado por Turquia e Israel desanuviou parcialmente o cenário. Mas o risco ainda segue latente. “Já há no mercado um aumento na busca e nos preços por contratos futuros de petróleo, com operadores apostando que o petróleo possa chegar a 200 dólares por barril”, diz Daniel Cobucci, analista do Banco do Brasil Investimentos.

O mundo torce para que o conflito não leve a situação para esse nível e que as propostas de cessar-fogo evoluam. Por enquanto, as sanções que levariam os preços a esse patamar têm mais uma função de pressão. Afinal, os Estados Unidos e o Reino Unido, que se comprometeram com elas, são mercados menos importantes para as commodities russas do que a União Europeia, que preferiu ainda não dar esse passo. Cerca de 30% das importações de petróleo cru e 40% de todo o gás natural que chegam à Europa são de origem russa. Para o Velho Continente, pelo menos por enquanto, é praticamente impossível abrir mão desse fornecimento. Ainda assim, a Europa anunciou que quer cortar em dois terços a sua dependência da energia russa até o fim da década. Ela também avalia alternativas de gás, mesmo que o custo do transporte na forma líquida por navios seja mais alto do que via gasodutos. Outra opção seria retomar as usinas a carvão como fonte energética, uma ação emergencial que vai contra os compromissos ambientais assumidos pelo bloco.

A atual crise no setor de combustíveis fósseis aponta para uma completa reestruturação do modelo energético em nível

global. No Brasil, a própria Petrobras também passa a ser alvo de maior atenção por parte dos investidores. As ameaças de intervenção na empresa lembram diversos momentos complicados da estatal. Historicamente, a Petrobras acumulou uma triste tradição de pilhagem por governos, interessados em tirar proveito de seu monumental potencial de gerar riqueza. A situação atingiu o seu paroxismo nas gestões petistas, quando a petrolífera foi obrigada a arcar com uma carga pesadíssima de investimentos, para ajudar o governo federal a manter a economia rodando, em projetos faraônicos de refinarias como a Comperj, no Rio de Janeiro. Ou protagonizando aquisições que se provaram desastrosas, como a da refinaria americana de Pasadena, na Califórnia, que recebeu o apelido de "enferrujada" dado o seu grau de obsolescência. As investigações do escândalo do petrolão ainda mostraram personagens como o ex-diretor de abastecimento da empresa Paulo Roberto Costa, elo entre os contratos da

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

GENERAL SOB ATAQUE Silva e Luna, da Petrobras: desrespeitado por Bolsonaro

companhia e propinas pagas a políticos. No governo de Dilma Rousseff, a empresa foi usada no esforço de controle da inflação de toda a economia, ao segurar os repasses do custo internacional dos combustíveis. Essa estratégia, muito parecida com a que Bolsonaro quer repetir agora, acabou provocando um prejuízo de 45 bilhões de dólares nas contas da estatal.

CRISTIANO MARIZ

PETROLÃO

O ex-diretor Paulo Roberto Costa: dinheiro desviado para corrupção durante a gestão petista

Para recuperar os abusos petistas, a empresa realizou uma drástica reestruturação a partir de 2016. Desde então, adotou o preço de política de importação, que baseia o valor cobrado das distribuidoras domésticas de acordo com a variação do petróleo no mercado internacional e com a cotação do dólar. Além disso, foi obrigada a seguir regras mais severas de governança e de transparência na prestação de informações exigidas pelo órgão que regula o mercado de capitais nos Estados Unidos, a Securities and Exchange Commission (SEC). Também houve um drástico

GILBERTO TADDAY

MAU NEGÓCIO
A refinaria americana de Pasadena: compra ruinosa de uma unidade obsoleta

controle de dívidas e a venda de ativos tidos como não estratégicos pelos ex-presidentes Pedro Parente e Castello Branco.

É natural que, em meio a uma crise global, o consumidor não deseje pagar mais pela gasolina ou por outros produtos impactados pela inflação. Mas as soluções de curto prazo, principalmente com viés eleitoreiro, podem sair muito mais caras no futuro, pesando principalmente no bolso do contribuinte. De fato, a Petrobras deu, no ano passado, lucro de

106 bilhões de reais, o tal “lucro abusivo”, segundo Bolsonaro. O presidente, porém, se esquece de dizer em suas declarações bombásticas e populistas que o governo nunca recebeu tantos dividendos da Petrobras quanto aconteceu no ano passado. São recursos que podem servir para conduzir políticas públicas de forma eficiente, se não forem desperdiçados. Gastar bem esses recursos deveria ser a prioridade, e não aproveitar uma conjuntura global adversa para avançar sobre o cofre da maior empresa do país. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

PETRÓLEO É ESTRATÉGICO?

A riqueza gerada de commodities cedeu espaço à inovação

BEM ESTRATÉGICO é todo aquele fundamental para a economia de um país. São os casos de commodities cuja oferta deve ser assegurada. Não se pode correr o risco de ruptura no seu suprimento doméstico, que seria danoso à segurança e ao desenvolvimento. Exemplos são o petróleo e os demais produtos essenciais ao consumo interno e às exportações, como trigo, soja, carne, minério de ferro e outros. Roma invadiu o Egito Antigo para controlar o comércio de trigo, que representava um terço de suas importações do produto. A escassez de trigo geraria fome, tornando o império insustentável.

O problema é como definir o conceito. Nos países ricos, estratégico tem a ver com o suprimento doméstico. Os Estados Unidos mantêm um estoque de petróleo de cerca de 600 milhões de barris, em sessenta cavernas subterrâneas. O Japão atacou a base de Pearl Harbor (1941), no Havaí, para destruir a frota de navios de guerra ali estacionados. Os militares japoneses temiam que os americanos restringissem o acesso vital ao petróleo de ilhas do Pacífico sob o domínio holandês.

Sob outro ângulo, o petróleo é estratégico por suposto papel no desenvolvimento. Isso era aceito até os anos 1970. Daí a criação, nos países menos desenvolvidos, de empresas estatais para exercer o monopólio da exploração e produção da commodity. Até hoje, quase todos os países emergentes produtores possuem estatais de petróleo. No Brasil, a campanha nacionalista "o petróleo é nosso" fez nascer a Petrobras (1953). Seus ecos a mantêm como estatal. Poucos admitem a privatização.

Como afirmei numa coluna anterior, nenhum dos sete países mais ricos controla estatais petrolíferas. Seus setores privados dispõem de capacidade financeira, acesso a crédito e competência gerencial para atuar na área. Mais importante, o petróleo perdeu a relevância que teve como motor do crescimento econômico.

Como disse o historiador israelense Yuval Harari, nas últimas décadas a "economia global se transformou, migrando de um processo baseado em materiais para outro fundado no conhecimento".

"As economias baseadas no conhecimento são superiores às de países ricos em recursos naturais"

De fato, continua Harari, as origens anteriores de geração de riqueza, “como minas de ouro e poços de petróleo”, deram lugar ao conhecimento. E prossegue: “É possível tomar à força poços de petróleo, mas não se consegue adquirir o conhecimento dessa maneira”. As vantagens da conquista pela guerra praticamente desapareceram.

Estudos indicam que economias baseadas no conhecimento têm desempenho superior às de países ricos em recursos naturais, embora esses possam contribuir para gerar algum nível de riqueza.

O conhecimento tornou-se o elemento essencial para a inovação, hoje a fonte básica dos ganhos de produtividade. Esses ganhos constituem o principal meio para promover o desenvolvimento.

Precisamos, tal como no caso dos Estados Unidos, entender que bens estratégicos são os essenciais para o abastecimento interno. O desafio para quem ainda acha que o petróleo é um bem estratégico para a geração de riqueza é aprender essa simples lição. ■

MANIFESTOS FASHION

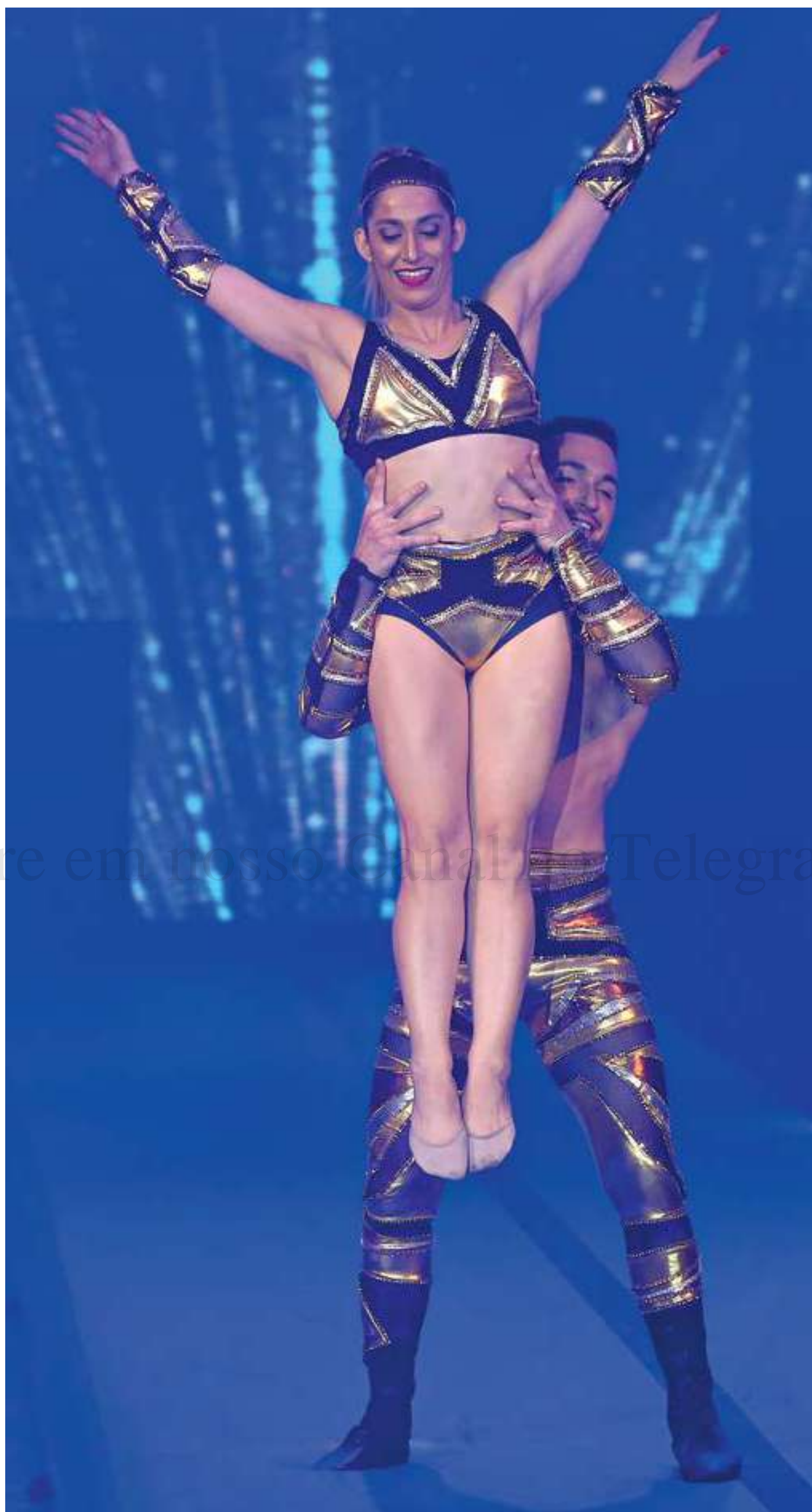
INSTAGRAM @SALMAHAYEK

Contratada para ser o rosto (e o corpo) da grife Balenciaga, **KIM KARDASHIAN**, 41 anos, a mãe de todas as influenciadoras, optou por um traje inusitado (como é de seu feitio) para comparecer ao desfile da marca na Semana de Moda de Paris: com a ajuda de quatro assistentes, enrolou-se, do pescoço aos pés, em fita adesiva amarela com o nome da grife impresso. “Estou com medo de rasgar quando eu me sentar”, comentou (não rasgou). O desfile foi, todo ele, uma homenagem à Ucrânia, com modelos carregando pertences em sacos de lixo tal qual pessoas em fuga. A ideia partiu do estilista Demna Gvasalia, ele próprio refugiado da Geórgia quando o país foi invadido pela Rússia, em 2006. Também presente, a atriz **SALMA HAYEK** postou foto, ao lado de Kim, vestindo uma roupa com as cores da bandeira ucraniana.

INSTAGRAM @PATRICIAPOETA

PROMESSA CUMPRIDA

Pedalando contra o vento, sob um sol de rachar, a apresentadora **PATRÍCIA POETA**, 45 anos, encarou no começo do mês um percurso de 60 quilômetros até a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, no interior de São Paulo, que completou em quatro horas. Ela partiu de bicicleta da casa de amigos em Pindamonhangaba, decidida a cumprir a promessa que fez à santa em setembro do ano passado, quando precisou passar por uma cirurgia de emergência nas amígdalas. "Me sinto mais viva do que nunca", disse a VEJA, animada. Patrícia conta que começou a praticar ciclismo há poucos meses, mas tomou gosto pelas longas distâncias e, firme e forte, já está planejando as próximas aventuras. "Sonho em conhecer a Itália de bicicleta", revela. "A família Poeta teve sua origem lá." É uma boa perspectiva.

PIRUETA NA CARREIRA

ROBERTO FILHO/DIVULGAÇÃO

Respeitável público, com vocês... os irmãos **DANIELE** e **DIEGO HYPOLITO**, 37 e 35 anos, respectivamente. Depois de anos dedicados à ginástica artística, eles trocaram as barras e argolas pelo picadeiro. Diego, medalhista de prata na Olimpíada de 2016, e Daniele, catorze vezes campeã brasileira, são as principais atrações de um circo armado na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. "Não me sinto diminuída, pelo contrário, é uma honra levar a magia circense para as pessoas. É o ciclo da vida", afirma ela, que ainda treina no Flamengo — ele, também mestre de cerimônias do espetáculo, abandonou o esporte em 2019. Daniele, no entanto, não pretende seguir por muito tempo sob a lona. "Hoje sou artista de circo, mas quero ser comunicadora esportiva", planeja a ginasta, que faz faculdade de marketing.

INSTAGRAM @MADONNA

PATROA DIFÍCIL

Não é fácil ser **MADONNA** – ainda mais se for para interpretar a diva de disfarçadíssimos 63 anos no cinema. Em pleno processo de escolha da protagonista de sua "autobiografia visual", a ultra-controladora cantora, que tem a palavra final em cada passo do projeto, vem submetendo as candidatas ao papel – entre elas a inglesa Florence Pugh e as americanas Julia Garner e Alexa Demie – a maratonas dignas de sargentos sádicos. As sessões de dança, comandadas por seu coreógrafo, chegam a durar onze horas. Os testes de leitura e canto são conduzidos por Madonna em pessoa, que também é coautora do roteiro e vai dirigir o filme. Em uma entrevista, justificou sua onipresença no set: "Um bando de gente já quis fazer um filme sobre mim. Mas eram todos homens". Está explicado. .

QUANTA PRESSÃO VOCÊ AGUENTA?

Em um mundo assombrado por uma guerra e uma pandemia, a resiliência torna-se a habilidade emocional indispensável para impedir que corpo e mente desmoronem

CILENE PEREIRA

TONIS PAN/SHUTTERSTOCK

Em determinado trecho de *Guerra e Paz,* o clássico do escritor russo Liev Tolstói, Pierre Bezúkhov — o personagem principal da monumental história passada em meio à invasão da Rússia em 1812 pelas tropas francesas de Napoleão — faz uma reflexão pungente. Bezúkhov, filho ilegítimo de um conde e apresentado como um jovem idealista imerso numa jornada em busca da essência do espírito, é obrigado a amadurecer em meio à realidade bruta da guerra e das relações humanas descritas magistralmente por Tolstói. Depois de ter sido preso pelos franceses e testemunhado as atrocidades cometidas pelas tropas napoleônicas, o personagem resume o que leva da experiência. "Eles dizem: sofrimentos são infortúnios. Mas se neste minuto eu fosse perguntado se eu permaneceria como era antes de ter sido pego como prisioneiro, ou se passaria por tudo novamente, eu diria, pelo amor de Deus, deixem-me ser um prisioneiro e comer carne de cavalo novamente. Nós imaginamos que assim que somos arrancados de nosso caminho habitual tudo acaba, mas é apenas o começo de algo novo e bom. Enquanto houver vida, haverá felicidade. Há muito, muito diante de nós."

O ensinamento que Tolstói transmite por meio das palavras de Bezúkhov é extraordinário. Ele resume de que forma o ser humano é capaz de manter intacta sua estrutura emocional mesmo quando o mundo desaba ao seu redor. Pode ser em razão de uma guerra, como a que afligiu o personagem Bezúkhov, ou a que agora reduz ao sofrimento milhões de pessoas na Ucrânia atacadas pelas tropas de Putin. Ou de uma pandemia, como na Gripe Espanhola, entre 1918 e 1920, durante a qual, estima-se, 50 milhões de pessoas tenham morrido, ou a de Covid-19, doença que nos últimos dois anos tirou a vida de 6 milhões de indivíduos. Ou, então, o desmoronamento provocado pelas pequenas tragédias pessoais, aquelas sobre as quais não há holofotes, mas que seguem alimentando as dificuldades humanas e das quais praticamente ninguém escapa.

Não importa a origem do sofrimento. O segredo para sobreviver emocionalmente às adversidades da vida está no grau de resiliência de cada um. A palavra é emprestada da física e significa a capacidade que determinado material tem de aguentar pressões e voltar à forma original passado o estresse. Traduzindo para o universo humano, o conceito diz respeito à habilidade de se adaptar a diferentes circunstâncias e manter-se são. “Resiliência é a combinação entre ser apto a se levantar se for preciso e ter treinamento necessário para ser flexível em um mundo incerto como o de hoje, onde não sabemos o que pode acontecer”, define Dorie Clark, da Universidade Duke, nos Estados Unidos. De fato, a capaci-

PILAR REFORÇADO

O primeiro tijolo de uma estrutura emocional firme é identificar o que o faz ser mais resiliente

ABAIXO, ESTÃO CINCO DOS MAIS IMPORTANTES

PROPÓSITO

Ter um ou mais objetivos e traçar metas para alcançá-los organiza os passos em condições adversas

SENSO DE HIERARQUIA

Priorizar o enfrentamento dos problemas de acordo com gravidade e urgência foca a energia onde ela é necessária

AUTOESTIMA

Desenvolver apreço por si mesmo ajuda a não se vitimizar e a acreditar no próprio potencial

EXPOR-SE ÀS FRUSTRAÇÕES

Elas servem para que cada um aprenda a lidar com os limites que a vida impõe

SOCIALIZAÇÃO

Saber se envolver em redes de amigos ou familiares é útil na hora de dar e receber acolhimento

Fontes: *Alaor Carlos de Oliveira Neto, psiquiatra do Hospital Alemão Oswaldo Cruz; Associação Americana de Psicologia; Emerson Santos, diretor-geral da Escola da Inteligência; Mayo Clinic*

SERGEY DOLZHENKO/EPA/EFE

GUERRA E PAZ Os soldados ucranianos Valeriy e Lesya trocaram as armas pelo champanhe para celebrar a união: amor

dade tornou-se a diferença entre quem passa por tudo sem ruir e aqueles que podem nunca mais se erguer diante de mazelas tão desafiadoras quanto as atuais. É preciso ser resiliente em relação às aflições universais, às exigências profissionais, às transformações sociais e às demandas afetivas de uma sociedade em permanente ebulição.

Por se tratar de tema tão decisivo, e tão intimamente ligado à realidade, a resiliência ganhou espaço na ciência comportamental nas últimas quatro décadas. Descobriu-se que a dificuldade de lidar com a complexidade do mundo pode

adoecer corpo e mente. Os estudos tomaram fôlego ao mesmo tempo que floresciam as investigações sobre a depressão e a ansiedade, enfermidades psiquiátricas cujas raízes também têm a ver com o jeito de responder a circunstâncias hostis. Desde o início, a pergunta a ser respondida era a seguinte: por que as pessoas reagem de maneira diferente diante de uma mesma situação desfavorável? A explicação possibilitaria identificar de que material são feitos uns e não outros, os que sobrevivem às pressões e os que sofrem.

As respostas começam agora a surgir. A questão central que emerge das informações levantadas é a importância da percepção que cada indivíduo tem dos problemas. O psicólogo americano George Bonanno, coordenador do Laboratório de Perdas, Traumas e Emoções da Universidade Columbia, em Nova York, pesquisa o assunto há 25 anos e, segundo ele, a força da resiliência pode variar de acordo com a classificação dada pela pessoa a determinado acontecimento. É o indivíduo que vai considerar se o evento foi traumático ou, ao contrário, se representou uma oportunidade de aprender e de crescer. "O que aconteceu só será um trauma se o vivenciarmos e nos lembrarmos dele como tal", diz Bonanno.

É dificílimo fazer o que ele e outros estudiosos do tema sugerem. Contudo, é exatamente assim que agem os mais resilientes. Basta ver os jovens que se casaram em plena pandemia ou em plena guerra na Ucrânia. Também são vários os exemplos de pais e mães que perdem filhos para doenças ou violência e transformam a dor em combustível

PETRAS MALUKAS/AFP

NA SAÚDE E NA DOENÇA Na Lituânia, Dainius e a noiva, Ramune, selam o casamento com beijo e máscaras: proteção

para promover iniciativas que ajudam comunidades de vítimas de tragédias semelhantes. E o fazem independentemente das condições da própria vida. Ricos ou pobres, esses indivíduos dão ao infortúnio o significado de oportunidade em vez de marcá-lo com o símbolo da amargura.

Mas eles não nascem assim. Descobriu-se, felizmente, que a resiliência não é inata. É possível construí-la ao longo dos anos ou aprendê-la rapidamente, se preciso. “Qualquer pessoa é capaz de usar recursos para enfrentar os problemas”, diz o psiquiatra Alaor Carlos de Oliveira Neto,

do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, de São Paulo. O primeiro movimento é prestar atenção nos fatores que influenciam quanto cada um será resiliente. O essencial é criar mecanismos que mudem as reações cognitivas e comportamentais diante de um obstáculo. Há ferramentas psicoterapêuticas eficazes para isso, usadas para ensinar os indivíduos a reclassificar pensamentos negativos, a reagir racionalmente, a dar aos fatos a dimensão correta e a compreender que os contextos mudam. O sofrimento não vai durar para sempre. "As pessoas precisam aprender, ainda, que a maioria dos problemas não foi criada por elas", diz Emerson Santos, diretor-geral da Escola da Inteligência, organização que atua em 1 000 escolas do país dando aulas de resiliência e inteligência emocional, com mais de 300 000 alunos impactados.

O outro aspecto a ser trabalhado é o social. É possível ensinar desde cedo uma criança a lidar mais adequadamente com situações hostis oferecendo a ela a possibilidade de enxergar algo positivo onde parece haver só escuridão. Um caminho é proporcionar um ambiente familiar afetuoso e seguro, estimulando a capacidade de adaptação a novas circunstâncias. Para os adultos, a resiliência pode ser alimentada em situações que ofereçam a convivência com pessoas acolhedoras, acessíveis e prontas para ajudar, e por meio da sensação de pertencimento. "Toda pessoa que se vê pertencente a um grupo sente-se amparada na luta contra um desafio", diz o psiquiatra Oliveira Neto.

Ser resiliente é atributo vital para a sobrevivência humana. Se não fosse assim, o mundo estaria ainda pior em questões que exigem a força emocional de todos, como o enfrentamento da Covid-19. No entanto, é graças à resiliência demonstrada em dois anos de pandemia que o brasileiro hoje pode comemorar a suspensão total ou parcial do uso de máscaras em várias cidades do país, feita na hora certa e com o aval da ciência. É coisa para se orgulhar. A resiliência nos fez chegar a um bom porto, e com algum louvor, apesar das perdas. A crise sanitária, a mais dura em um século, é prova de que a sociedade consegue lidar com obstáculos. Tomando por empréstimo as palavras de Pierre Bezúkhov, o personagem de Tolstói, muita gente pensou que, ao sermos arrancados do caminho habitual, tudo acabaria. Mas a resiliência, insista-se, nos faz agora vislumbrar o começo de algo novo e, quem sabe, bom, apesar das guerras. ■

Colaborou Paula Felix

CADÊ AS MULHERES?

Apesar dos discursos sobre igualdade, a presença feminina em posições de liderança ainda é pequena. Como acelerar a mudança?

SABRINA BRITO E **ANDRÉ SOLLITTO**

SÓ HOMENS O retrato do preconceito: cenas como essa são comuns no mundo corporativo

COMSTOCK/GETTY IMAGES

NO DIA Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março, o Brasil foi tomado por campanhas e mensagens de empresas enaltecendo a participação feminina no mercado de trabalho. As homenagens destacaram trajetórias de sucesso, ressaltaram a importância de políticas afirmativas e apontaram para os avanços obtidos nos últimos anos em diversos setores econômicos. No mundo das aparências que costuma pautar as datas comemorativas, o discurso foi altivo e inspirador. Na vida real, porém, o que se vê é uma história menos edificante. De acordo com um levantamento do Programa Diversidade em Conselho (PDeC), louvável projeto que é fruto de parceria entre o Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), B3, International Finance Corporation (IFC), Spencer Stuart e Women Corporate Directors (WCD) Foundation, as executivas representam apenas 14% das vagas nos conselhos de administração de empresas listadas na bolsa brasileira. Repita-se: em cada 100 profissionais nos conselhos, uma das posições mais relevantes nas estruturas das grandes companhias, somente catorze são do sexo feminino. Nos cargos de diretoria, as mulheres respondem por 25% do total. Há uma década o índice era de 20%. Ou seja: elas estão subindo degraus em passos de tartaruga. É inaceitável.

O que explica o atraso da ascensão feminina nos quadros das empresas? Para começar, há a relutância dos homens em compartilhar espaços dominados por eles desde sempre. Preconceitos enraizados são difíceis de quebrar, mas é preciso apontar que existe uma razão ainda mais direta e objeti-

LONGE DO TOPO

Lideranças femininas são minoria no Brasil

das vagas em conselhos de administração são ocupadas por mulheres. **No ano passado, o índice era 11,5%**

dos cargos de diretoria pertencem a mulheres. O avanço é mínimo: **há dez anos, o indicador estava em 20%**

Fonte: *Programa Diversidade em Conselho (PDeC), do IBGC (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa)*

DIVULGAÇÃO

ANA KARINA BORTONI

Enquanto cursava doutorado em química, Bortoni participou de um processo seletivo na McKinsey e entrou. Passou quase dezenove anos na consultoria antes de presidir o conselho do BMG. Hoje, é CEO — a primeira mulher a ocupar a posição em um banco brasileiro de capital aberto

va: os executivos, mesmo que jamais admitam, não querem perder a primazia da liderança e poder. "Conselhos de administração são ambientes muito masculinos e seus participantes tendem a mantê-los assim", afirma Adriana Muratore, coordenadora do Programa Diversidade em Conselho. A melhor forma de romper a deplorável tradição é a pressão da sociedade — ainda que falha e por vezes tímida, ela tem ganhado intensidade de uns tempos para cá.

Há raras e honrosas exceções de executivas no comando. Mas elas revelam evidente incômodo em ambientes predominantemente masculinos. "Quantas reuniões das quais

CLAUDIO GATTI

PAULA PASCHOAL

Diretora de parcerias do Google Pay, a divisão de pagamentos do gigante de tecnologia, Paula Paschoal já foi a número 1 do PayPal no Brasil e ajudou a empresa de pagamentos a expandir a atuação no país. Ela é uma das vozes mais ativas na defesa da diversidade no ambiente corporativo brasileiro

participei em que eu era a única mulher presente, tanto dentro da empresa quanto fora, atendendo clientes", diz, com um ponta de indignação, Ana Karina Bortoni, CEO do Banco BMG. Bortoni é um exemplo notável de liderança. Atuou durante anos na área acadêmica, no ramo da química, antes de participar de um processo seletivo da McKinsey. Entrou e foi subindo posições até se tornar sócia em 2010. Deixou a consultoria após quase dezenove anos para assumir a presidência do conselho do BMG, em 2019. No ano seguinte, foi nomeada CEO e se tornou a primeira mulher a ocupar a posição em um banco brasileiro com capital aberto na bolsa.

Ela diz que há, sim, uma preocupação genuína das empresas em mudar o quadro corporativo, mas isso leva tempo. “Não é algo que aconteça de uma hora para a outra, estamos numa jornada”, diz Bortoni. No BMG, o conselho é formado por cinco homens e quatro mulheres. “Não estou mais sozinha”, comemora a CEO.

A jornada, de fato, começou, mas o caminho será árduo. Na maioria dos lares, são os representantes do sexo feminino que assumem a maior parte das responsabilidades relacionadas aos filhos e às tarefas domésticas. Dados do IBGE apontaram que, em 2019, a mulher brasileira dedicou, em média, 18,5 horas semanais a afazeres da casa, quase o dobro do tempo gasto pelos homens (10,3 horas). Na pandemia, o cenário se agravou. Segundo o Estudo Longitudinal da Saúde do Adulto (ELSA-Brasil), coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), quase metade (48%) das 5 000 mulheres pesquisadas disse que a carga de trabalho aumentou durante a crise do coronavírus. Em home office, elas foram obrigadas a fazer tudo ao mesmo tempo — cuidar de filhos, participar de reuniões, administrar a rotina da casa. Enquanto isso, os homens fizeram o mesmo de sempre, sem derramar uma gota de suor a mais.

Os obstáculos para a maior inserção feminina são reflexo do papel secundário a que as mulheres foram submetidas ao longo da história. Parece inacreditável, mas direitos antigos para os homens foram conquistados muito depois por elas. É o caso do voto feminino, que acaba de completar noventa

MARY BARRA

Barra assumiu o cargo de CEO mundial da GM em 2014, tornando-se a primeira mulher a ocupar a posição mais alta de uma indústria automotiva, ambiente notadamente masculino. É uma das mulheres mais poderosas do mundo

JOE VAUGHN/THE NEW YORK TIMES/FOTOARENA

anos. O direito ao divórcio só veio em 1977. Antes de 1979, acredite se quiser, elas não podiam nem jogar futebol — os times femininos só foram autorizados a disputar campeonatos a partir daquele ano. Nem é preciso ir tão longe assim: a importunação em transportes públicos só passou a ser considerada crime em 2018.

É por isso que a redução do fosso corporativo entre homens e mulheres passa também pela transformação por completo das estruturas que regem a sociedade. As organizações profissionais são, afinal, fruto das culturas nas quais estão inseridas. Em um recente ranking de diversidade nos conselhos elaborado pela consultoria Deloitte, os países mais inclusivos são aquelas em que as conquistas sociais femininas vêm de longa data, como França, Noruega e Bélgica. Na lanterna da lista estão nações como Catar, Arábia Saudita e Kuwait, onde persistem severas restrições às mulheres em todas as esferas — na política, na cultura, na religião e, claro, no mercado de trabalho.

Eliminar barreiras para que mulheres cheguem ao topo traz benefícios imediatos para as corporações. Diversos estudos já provaram que a diversidade produz melhores resultados financeiros. Uma dessas pesquisas, realizada pela consultoria LHH, mostrou que a igualdade entre homens e mulheres nas empresas aumenta o lucro em até 21%. As marcas também se tornam mais admiradas e, portanto, têm melhores chances de conquistar o público. “Para garantir a longevidade das empresas, é urgente ace-

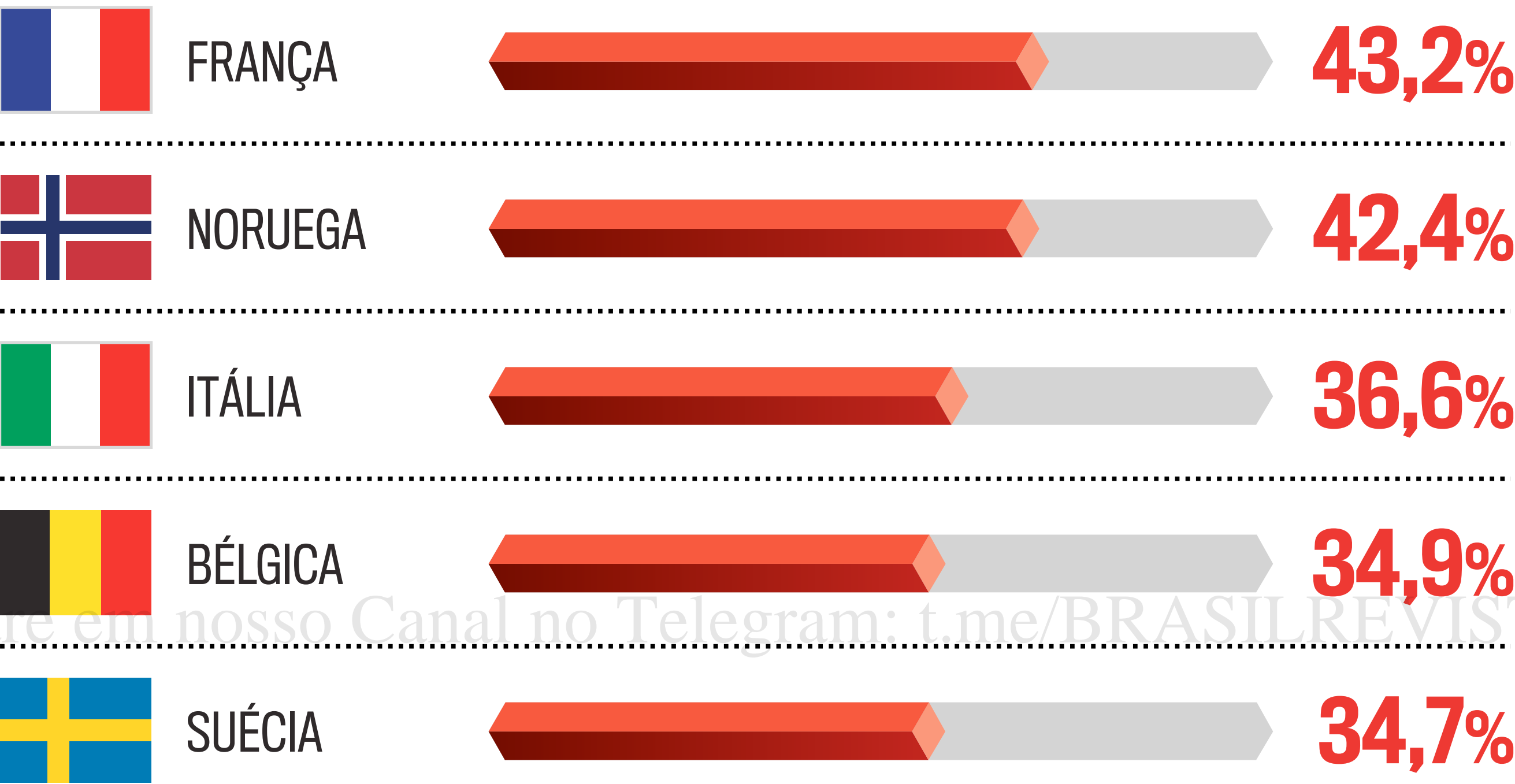
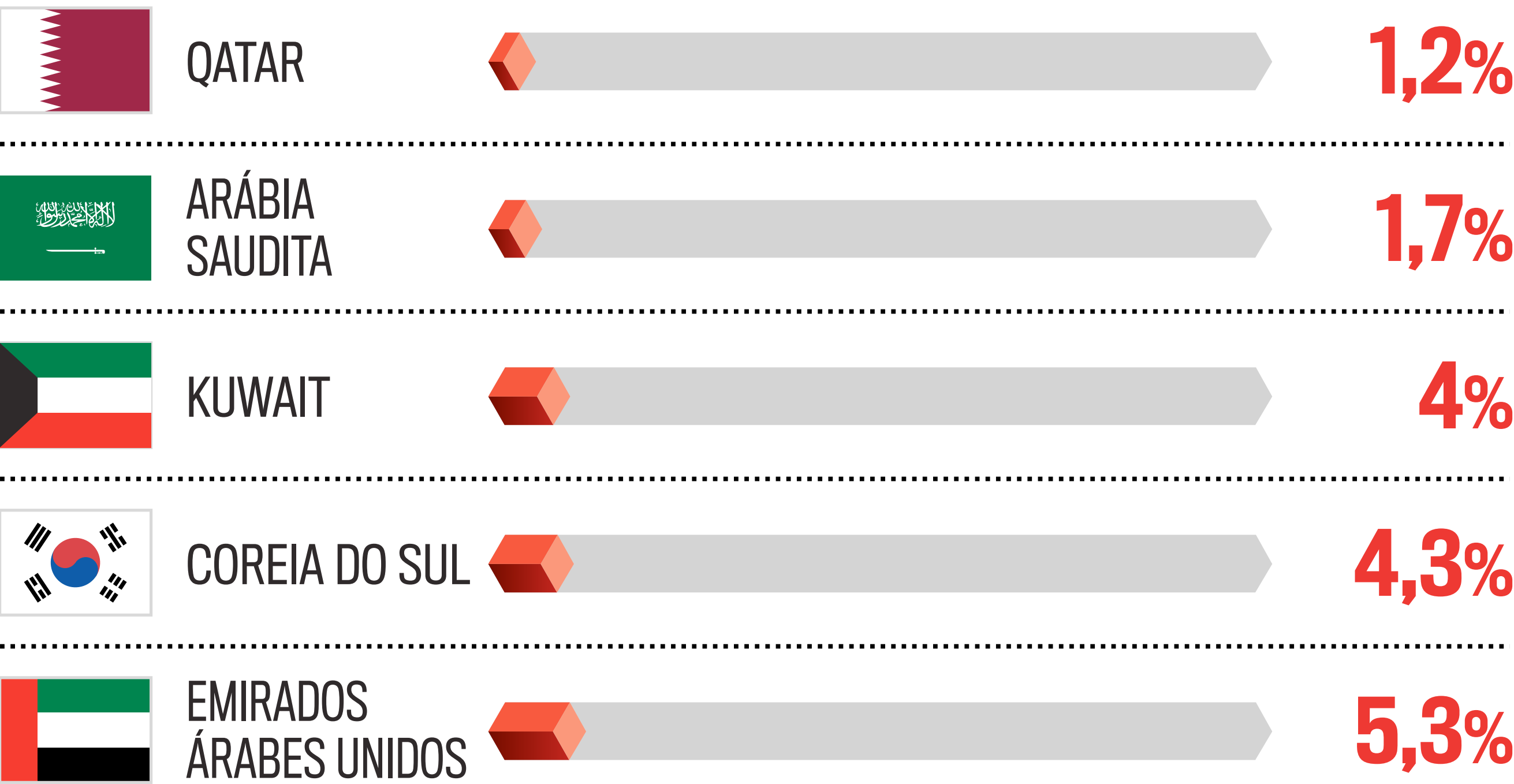
OS PAÍSES MAIS E MENOS DIVERSOS

Onde as executivas têm mais espaço nos conselhos de administração das empresas

OS MAIS INCLUSIVOS

País	%
FRANÇA	43,2%
NORUEGA	42,4%
ITÁLIA	36,6%
BÉLGICA	34,9%
SUÉCIA	34,7%

OS MENOS INCLUSIVOS

País	%
QATAR	1,2%
ARÁBIA SAUDITA	1,7%
KUWAIT	4%
COREIA DO SUL	4,3%
EMIRADOS ÁRABES UNIDOS	5,3%

Fonte: *Deloitte*

lerar a agenda de inclusão", afirma Adriana Muratore. "Esse senso de urgência é menos explícito porque a falta de diversidade não arruína os negócios imediatamente. Consequentemente, é menos visível."

A boa notícia é que a inclusão deverá ganhar velocidade nos próximos anos, quando os millennials e os representantes da geração Z dominarem o ambiente corporativo. Hoje em dia as duas vertentes respondem por um terço do total do mercado de trabalho, mas chegarão a 60% nos próximos dez anos. O público mais jovem é aberto a esse tipo de discussão e, mais do que isso, tende a ser intolerante com preconceitos. "As novas gerações defendem uma sociedade mais igualitária, e isso inclui diversidade racial, de gênero,

ações para a população LGBTQIA+ e para pessoas com deficiência", afirma Venus Kennedy, sócia da Deloitte Brasil e que fará parte do conselho da consultoria a partir de junho. Americana que mora no país há sete anos, ela elogia o trabalho que vem sendo realizado por aqui. "Eu vejo o Brasil como líder no conceito de diversidade", diz. "Viajei muito, conheci várias culturas e em muitos países não há nem mesmo conversas sobre esse tema. Os brasileiros deveriam ter orgulho." Os especialistas dizem que falar sobre diversidade de gênero — ou sobre qualquer tipo de diversidade — é importante, pois coloca luz sobre a questão. Deixá-la escondida nas sombras de escritórios não faz nenhum sentido. A hora das mulheres é agora, em qualquer lugar — inclusive nos cargos mais altos das empresas. ■

NADA É PROIBIDO

Um novo entendimento das alergias alimentares recomenda que, para evitar crises, as crianças sejam expostas a todos os alimentos entre 6 meses e 1 ano de idade **CILENE PEREIRA**

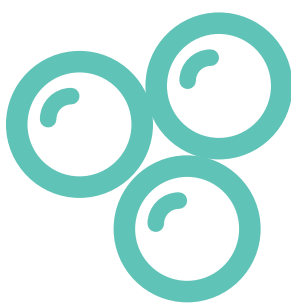
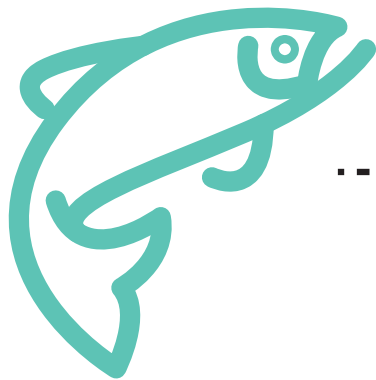
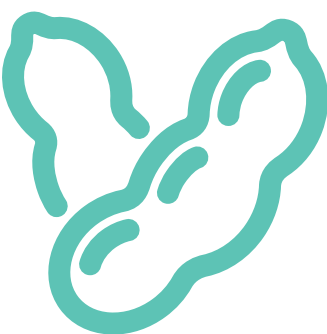
CORES E SABORES Paladar: a exposição gradual aos alimentos desde cedo habitua o organismo aos compost os que costumam causar reações

ISTOCK/GETTY IMAGES

ALERGIAS alimentares estão na lista dos pesadelos de qualquer pai ou mãe. Como em geral é muito difícil saber se os filhos têm predisposição para apresentar reações exacerbadas a algum nutriente, sempre houve o temor de que essas respostas aparecessem ao primeiro contato dos bebês com os alimentos. Por isso, durante muito tempo prevaleceu na medicina a orientação de que ingredientes sabidamente alérgenos deveriam ser incluídos na dieta infantil apenas depois da introdução de refeições sólidas e de forma bem espaçada. Uma safra recente de pesquisas mostra que a história é bem diferente: quanto mais cedo os alimentos forem oferecidos aos pequenos, menor o risco de eles apresentarem alergias, especialmente as severas.

Tradicionalmente, os ingredientes que mais causam reações em crianças e em adultos são leite de vaca, ovo, frutos do mar, peixes, amendoim, castanha, soja e trigo. A alergia acontece como resposta do corpo a compostos presentes nos alimentos que são classificados pelo sistema imunológico como prejudiciais ao organismo. O ataque das células de defesa faz disparar a produção de uma cascata de substâncias, entre elas a histamina, associada à inflamação. Em tese, tudo isso ocorre para proteger o corpo. Mas a resposta exagerada das defesas leva à progressão de um processo inflamatório extremamente danoso. Há graus na manifestação dos sintomas — de coceiras e erupções passageiras na pele à parada respiratória. As reações podem simplesmente passar com o tempo ou se prolongar pela vida adulta. Isso é bastante comum na

CAMPEÕES DE REJEIÇÃO

Os **8 alimentos** que mais provocam reação

AMENDOIM

FRUTOS DO MAR

São responsáveis por **90%** das respostas inflamatórias a alimentos de crianças e adultos

8% das crianças com menos de 3 anos e cerca de **3%** dos adultos apresentam alergia a diferentes comidas

Fonte: *Hospital do Coração, São Paulo*

alergia ao amendoim. Em geral, estima-se que cerca de 8% das crianças e 3% dos adultos apresentem crises alérgicas.

No tempo em que o processo alérgico era razoavelmente desconhecido pela ciência, havia uma regra de ouro: precaução. Ela ditava o afastamento das comidas que mais provocam reações indesejadas dos pratos das crianças até os 2, 3 anos. No entanto, descobriu-se que muitos dos sintomas interpretados como sendo de hipersensibilidade alimentar eram reflexos da imaturidade dos sistemas imunológico, nervoso e gastrintestinal dos bebês.

As recentes revelações são atalho para uma mudança comportamental no cotidiano das famílias. Prevenir a alergia continua sendo muito difícil, porém a exposição aos alimentos mais alérgenos entre 6 meses e 1 ano de vida baixa consideravelmente a possibilidade de sua ocorrência. “Descobrimos que não havia sustentação científica para a orientação anterior”, diz a médica Jackeline Motta Franco, coordenadora do Departamento de Alergia Alimentar da Associação Brasileira de Alergia e Imunologia (Asbai). “Já não se deve retardar a apresentação dos alimentos para um ano depois do nascimento do bebê.” É, de fato, uma revolução.

Os resultados da mudança nas recomendações pelas sociedades científicas mundiais começam a surgir. Uma recente pesquisa feita por duas das mais reputadas instituições australianas de ciência para a nutrição demonstrou que a alteração nas diretrizes teve impacto decisivo na queda de casos de reações alérgicas alimentares graves em crianças. Se-

gundo o estudo, publicado no periódico *The Journal of Allergy and Clinical Immunology,* na faixa de 1 a 4 anos, a taxa anual de aumento de internações por anafilaxia alimentar caiu de 17,6% ao ano entre 1999 e 2007 para 6,2% ao ano entre 2008 e 2015 e depois 3,9% ao ano desde 2016, quando se estabilizou. Entre 1999 e 2007, a orientação era evitar alimentos alergênicos na faixa de 1 a 3 anos. A partir de 2008, a indicação foi para não atrasar a introdução desses alimentos. Desde 2016, a orientação é oferecê-los com frequência e desde cedo para os bebês — e os resultados dessa nova postura começam a despontar.

No Brasil, ainda não há dados confiáveis sobre o impacto das transformações. Existe, no entanto, preocupação

dos especialistas com diagnósticos excessivamente cuidadosos. As alergias são um problema, não há dúvida. Contudo, tratar como processo alérgico algo que não é representa risco à saúde. “A restrição desnecessária leva a estigmas nutricionais, psicológicos e sociais”, diz a médica Renata Cocco, integrante do Departamento Científico de Alergia Alimentar da Asbai. O segredo, mais uma vez, está em acertar o diagnóstico para não incluir alimentos que provocam reações e tampouco tirar do prato a comida certa. Mas há um ponto em torno do qual parece não haver mais hesitação: os bebês não são tão frágeis assim. Eles podem comer mais do que imaginamos. ■

EMPREENDER É SUOR E SORTE

Luiz Quinderé, de 32 anos, começou a vender brownie aos 15 e hoje produz 1 tonelada do doce por semana

ESTAVA NA ESCOLA, aos 15 anos, quando notei uma oportunidade de negócio. Na ocasião, eu tinha levado um brownie pela primeira vez de lanche e o doce fez o maior sucesso com meus colegas. Eu conhecia havia pouco tempo o tal bolinho: uma amiga me serviu um e eu peguei a receita. Em casa, pedi à Antonieta, cozinheira que trabalhava para meus pais, que fizesse para mim. Ao perceber a demanda na escola, fizemos mais brownies e comecei a vender. Na época, em 2005, eu os vendia por 3 reais — e 50% dos lucros ficavam com Antonieta. Os pedidos cresceram para além do colégio e passei a fazer entregas de skate. Seis anos depois, eu estava na Ana Maria Braga falando do Brownie do Luiz, apelido que os amigos

usavam e eu abracei como nome da empresa. Hoje, temos sessenta funcionários, produzimos 1 tonelada de brownies por semana e estamos presentes em mais de 2000 pontos de vendas no Brasil. Conto essa história em detalhes no livro *Fora da Lata,* lançado pela editora Rocco. Desde 2005, venho construindo essa trajetória e senti o desejo de escrever um livro para ajudar os que estão começando no mundo dos negócios e para tirar um pouco o glamour do empreendedorismo.

Foram muitos os perrengues que enfrentei até aqui. As pessoas não veem as horas que um empreendedor fica sem dormir, a rotina puxada no fim de semana e as muitas burocracias. Minha grande inspiração nessa área foi minha mãe, Renata Quinderé. Aos 24 anos, na década de 80, ela saiu do zero e abriu a Academia da Cachaça, no Rio de Janeiro. Minha mãe é cearense e meu pai, maranhense. Foi a partir dessa herança nordestina que aprendi desde cedo sobre a importância do trabalho. Minha mãe perdeu o pai em 1973, vítima do acidente do voo Varig 820, que saiu do Galeão rumo a Londres e caiu na França. O luto foi seguido de dificuldades financeiras e minha avó, que não trabalhava, teve de se reinventar para criar cinco filhos sozinha. A mudança para o Rio foi uma forma de buscar uma vida melhor tanto para a minha família materna quanto para a paterna.

Desde criança, eu entendi que devia ter meu próprio dinheiro. Aos 8 anos, vendi balas para comprar a camiseta do meu time (Botafogo). Na adolescência, joguei futebol no Botafogo e no Flamengo. Eu não nasci para trabalhos con-

vencionais. Não fui bem na escola, nem na faculdade — que não terminei. Deixei de lado o roteiro “formatura e emprego estável”. Mas sempre tive o desejo de tirar projetos do papel e provar que consigo ir além do que esperam de mim. Uma das grandes lições que minha mãe me deu foi a frase: “Crie o problema e depois a gente resolve”. É uma boa maneira de fazer um planejamento sem medo de ousar. Outro aprendizado vindo dela foi a importância de ter pessoas confiáveis ao seu redor. Depois que a Antonieta deixou a casa dos meus pais, a Vânia Maria assumiu a produção — e hoje é minha sócia. Do meu quadro societário, apenas um injetou dinheiro na empresa, os demais trabalham com suas especialidades. Eu me cerquei de amigos e bons profissionais, o que não me isentou de enfrentar dramas, como o baque de ter 40 000 reais roubados por um funcionário.

Quando a produção de brownies deixou de ser caseira para virar de fato uma empresa, deparei com as dificuldades de empreender no Brasil. Abrir um negócio aqui é quase uma burrice, pois a chance de quebrar é maior do que a de sobreviver. A relação risco e retorno não é equilibrada. Os pequenos empresários e aqueles que, como eu, partiram para o empreendedorismo precisam ter estímulos fiscais para continuar na jornada do crescimento, no jogo da economia. Ao unir essas lições no livro, vi que empreender é uma mistura de suor e sorte. É preciso ser dedicado e focado para ter o próprio negócio. ■

Depoimento dado a Raquel Carneiro

COLOSSO Wonder of the Seas: com capacidade para 9 300 pessoas, o maior navio do mundo zarpou da Flórida

OCEANO AZUL

Depois de dois anos de paralisia, o setor de cruzeiros dá a largada para a nova temporada com a expectativa de recuperar os prejuízos trazidos pela pandemia **LUIZ FELIPE CASTRO**

MICHEL VERDURE STUDIO/ROYAL CARIBBEAN

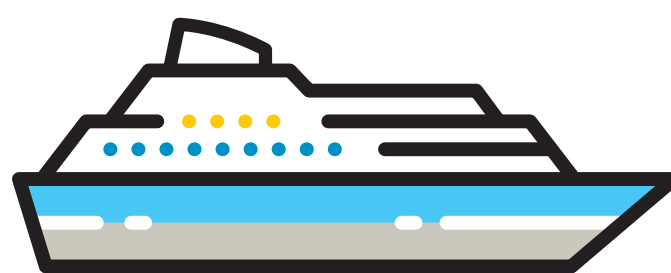
EM 20 DE JANEIRO de 2020, 3 711 pessoas embarcaram no navio Diamond Princess, em Yokohama, no Japão, em um cruzeiro pelo Sudeste Asiático que entraria para a história como um marco do início da pandemia. Poucos dias depois, no início de fevereiro, o capitão anunciou: um passageiro idoso que desembarcara em Hong Kong havia testado positivo para Covid-19. Para conter a propagação do vírus, agentes sanitários obrigaram os viajantes a permanecer presos em suas cabines, em quarentena. Em pouco tempo, o pesadelo se materializou: 712 turistas testaram positivo na bolha turística, com catorze mortes. Na clausura asiática, descobriu-se que a contaminação era multiplicada pela presença de pessoas assintomáticas e a máscara passou a ser item

de proteção fundamental. Era o primeiro surto fora da China e o início de um calvário que parecia não terminar.

Dois anos depois, mais precisamente no último dia 4, o Wonder of the Seas, novo baluarte da frota da Royal Caribbean, partiu de Fort Lauderdale, na Flórida, Estados Unidos, para uma jornada de sete dias até o Caribe. Trata-se do maior navio comercial do mundo, com 362 metros de comprimento e 64 de largura, podendo acomodar 6 988 turistas e 2 300 tripulantes. É o equivalente a cinco Titanics, o mais célebre e azarado dos transatlânticos, que naufragou em 1912, no Atlântico Norte. O contexto agora é de puro otimismo. Se o Diamond Princess representou o começo da pandemia, o Wonder of The Seas pode significar o seu fim, ou ao menos a âncora de um novo momento.

LUIGI BONGIOVANNI/THENEWS2/AG. O GLOBO

NO BRASIL Mar à vista: dezenove roteiros e rígidos protocolos sanitários

O maior navio do mundo é o símbolo máximo de uma atividade nascida no fim do século XIX, quando o empresário alemão Albert Ballin (1857-1918) começou a encher os navios da companhia Hapag de turistas. Surgia assim o negócio dos cruzeiros marítimos, segmento que movimentou globalmente 154 bilhões de dólares em 2019, último ano antes da pandemia. O Wonder of the Seas custou cerca de 1,3 bilhão de dólares e tem entre suas atrações dezenove piscinas, vinte restaurantes, onze bares — um deles serve drinques preparados por um robô — uma pista de gelo, cassino, piscina com ondas artificiais, campo de minigolfe,

HORA DA RETOMADA

As perdas com a pandemia e os planos para o futuro

SETOR CRUCIAL

Estima-se que cada transatlântico movimente cerca de **350 milhões de reais** para a economia brasileira — para cada 1 real investido, o setor gera 4,63 reais

PREJUÍZOS

A última temporada pré-pandemia no Brasil (de novembro de 2019 a março de 2020) movimentou 2,24 bilhões de reais, com **740 000 passageiros** e **34 000 empregos gerados**

CALENDÁRIO 2022

Quatro vezes adiada, a temporada foi retomada em **5 de março e vai até 18 de abril,** com dezenove roteiros e oito destinos nos estados de SC, SP e RJ

Fontes: *Fundação Getulio Vargas e Clia Brasil*

duas paredes de escalada, tirolesa de 25 metros de comprimento e área verde com 20 000 plantas e árvores. Entre junho e setembro, ele será uma das estrelas do verão europeu — e, ressalve-se, é possível fazer reservas do Brasil, com preços a partir de 4 200 reais por passageiro em viagens de uma semana.

Com as taxas de contaminação caindo e as de vacinação subindo, o setor pode, portanto, retomar sua normalidade, mas com cuidado. No Brasil, a nova temporada de cruzeiros foi reaberta no último dia 5, com dezenove roteiros e destinos como Balneário Camboriú, Santos, Ilhabela, Rio de Janeiro, Angra dos Reis e Búzios. Antes, ela havia sido suspensa por quatro vezes, já que a pandemia não dava trégua. Agora, as empresas do ramo enxergam um oceano azul pela frente.

A previsão da Associação Brasileira de Cruzeiros Marítimos (Clia Brasil) era transportar mais de 360 000 pessoas, com um impacto de 1,7 bilhão de reais e 24 000 empregos gerados. Com o calendário encurtado, os objetivos serão mais modestos. Os viajantes que tiveram seus passeios cancelados poderão solicitar reembolso, sem penalidade, ou a conversão do valor em crédito a ser usado até 2024, junto a empresas como MSC e Costa Cruzeiros. Em 2019, o setor movimentou 2,24 bilhões de reais no país, com gasto médio por pessoa de 3 256 reais em viagens de cinco dias.

Os protocolos contra a Covid-19 seguem rígidos. Para embarcar no Brasil, são exigidos vacinação completa, testagem pré-embarque, testagem frequente de, pelo menos, 10%

dos ocupantes do navio, capacidade reduzida a bordo, uso obrigatório de máscaras e um plano de contingência com equipe médica. A temporada 2022/2023 está programada para começar em outubro, já com oito navios confirmados. "Alcançaremos os níveis de 2019 apenas uma temporada depois da pandemia", diz Marco Ferraz, presidente da Clia. "Até 2027, entrarão em operação 93 novos navios e eles precisarão de destinos. Estamos fazendo nosso trabalho para que o Brasil seja candidato a recebê-los." Que venham bons ventos pela frente. ■

TÚNEL DO TEMPO

O Museu do Futuro, em Dubai, abre uma janela para o mundo daqui a cinquenta anos, estimulando a busca por soluções sustentáveis para a vida no planeta Terra **ALESSANDRO GIANNINI**

SILHUETA Formato toroide: um dos projetos arquitetônicos mais bonitos do mundo

GOVERNMENT OF DUBAI/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

INAUGURADO no fim de fevereiro em Dubai, o Museu do Futuro não demorou para se tornar uma maravilha do século XXI, celebrado como um dos mais belos museus em atividade. O xeque Mohammed bin Rashid Al Maktoum, vice-presidente e primeiro-ministro dos Emirados Árabes Unidos, foi ainda mais longe e tuitou com pegada superlativa: "É o edifício mais bonito do mundo". Al Maktoum é suspeito. A imponente construção de fibra e aço de formato insólito — toroide, no jargão matemático —, como se fosse um doce em forma de rosca, traz gravadas em árabe poesias de sua autoria. Em uma das citações, lê-se: "Podemos não viver por centenas de anos, mas os produtos de nossa criatividade podem deixar um legado muito depois de nossa partida. O futuro pertence a quem pode imaginá-lo, projetá-lo e executá-lo. Não é algo que você espera, mas cria".

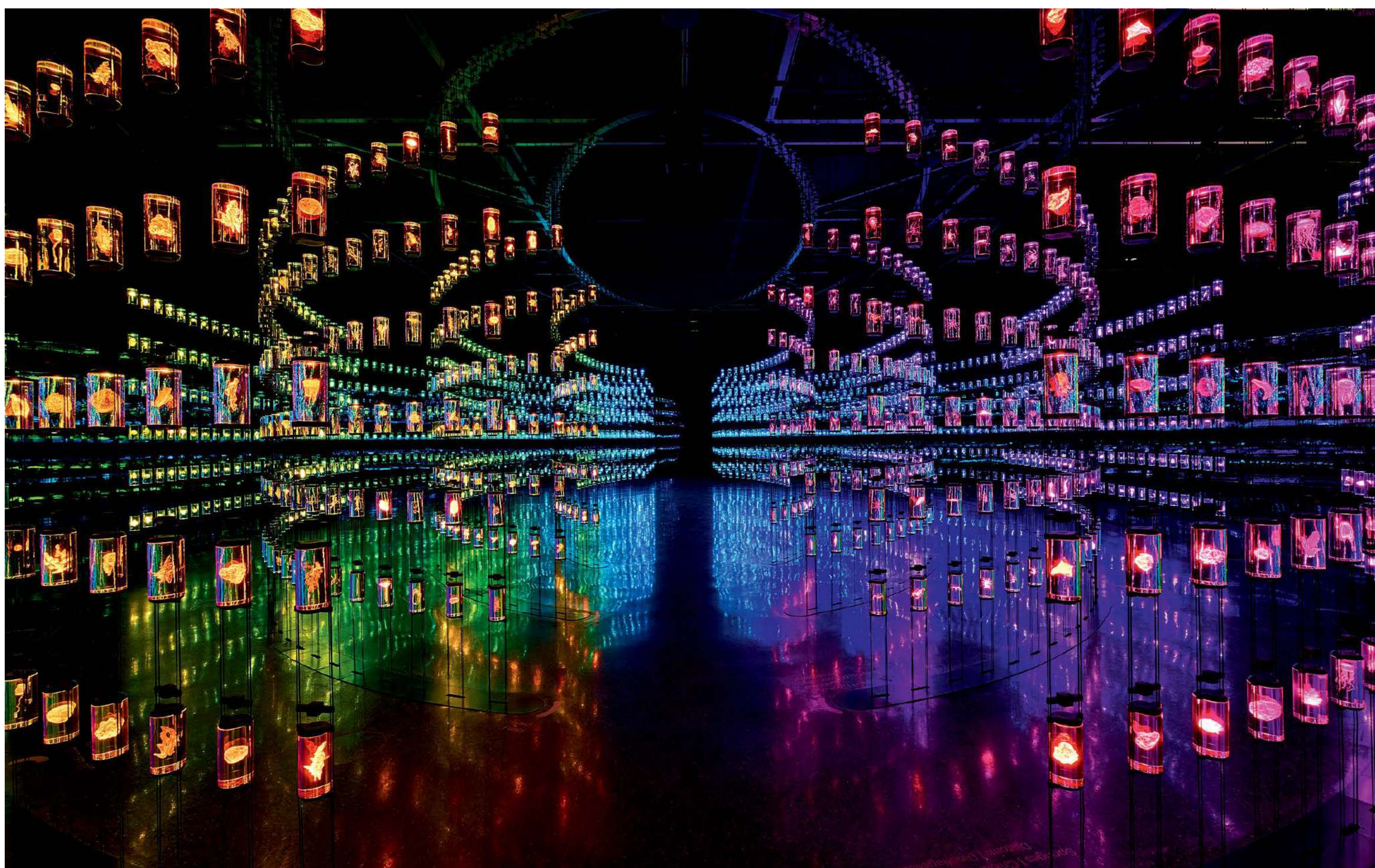
O museu foi concebido como uma janela com vista para o mundo daqui a cinquenta anos, mostrando como soluções tecnológicas de ponta poderão melhorar e tornar mais segura a vida humana na Terra. Está localizado perto do chamado Boulevard, onde fica o complexo Emirates Towers, um dos cartões-postais de Dubai, e tem como objetivo proporcionar aos visitantes uma viagem no tempo, como nos melhores filmes e séries de ficção científica. O estúdio local de arquitetura Killa Design projetou o monumental edifício com 77 metros de altura e cerca de 30 000 metros quadrados de área construída. A fachada é feita de aço inoxidável e composta de mais de 1 000 peças fabricadas em 3D, com

DIVULGAÇÃO

INOVAÇÃO Cinco andares: experiência imersiva ao longo das salas

garantia de processos livres de emissões de carbono. São cinco andares de exposição e um reservado à administração, sobre um pódio de três andares e um deque, onde ficam o auditório, lojas, estacionamento e serviços.

Os pisos de 1 a 5 são dedicados às exposições. Três incluem experiências imersivas, com foco no espaço sideral, ecossistemas e bioengenharia, saúde e bem-estar. Outro é dedicado às tecnologias do futuro que lidam com água, alimentos, transporte e energia. O último espaço estimula as crianças a pensar soluções para tornar o mundo um lugar melhor.

A ideia da experiência imersiva permeia todo o museu. Os visitantes, que pagam cerca de 40 dólares pela entrada, começam pegando um elevador que os levará para uma "es-

DIVULGAÇÃO

ESPAÇO INTERNO Luzes: visitante parece estar num filme de ficção científica

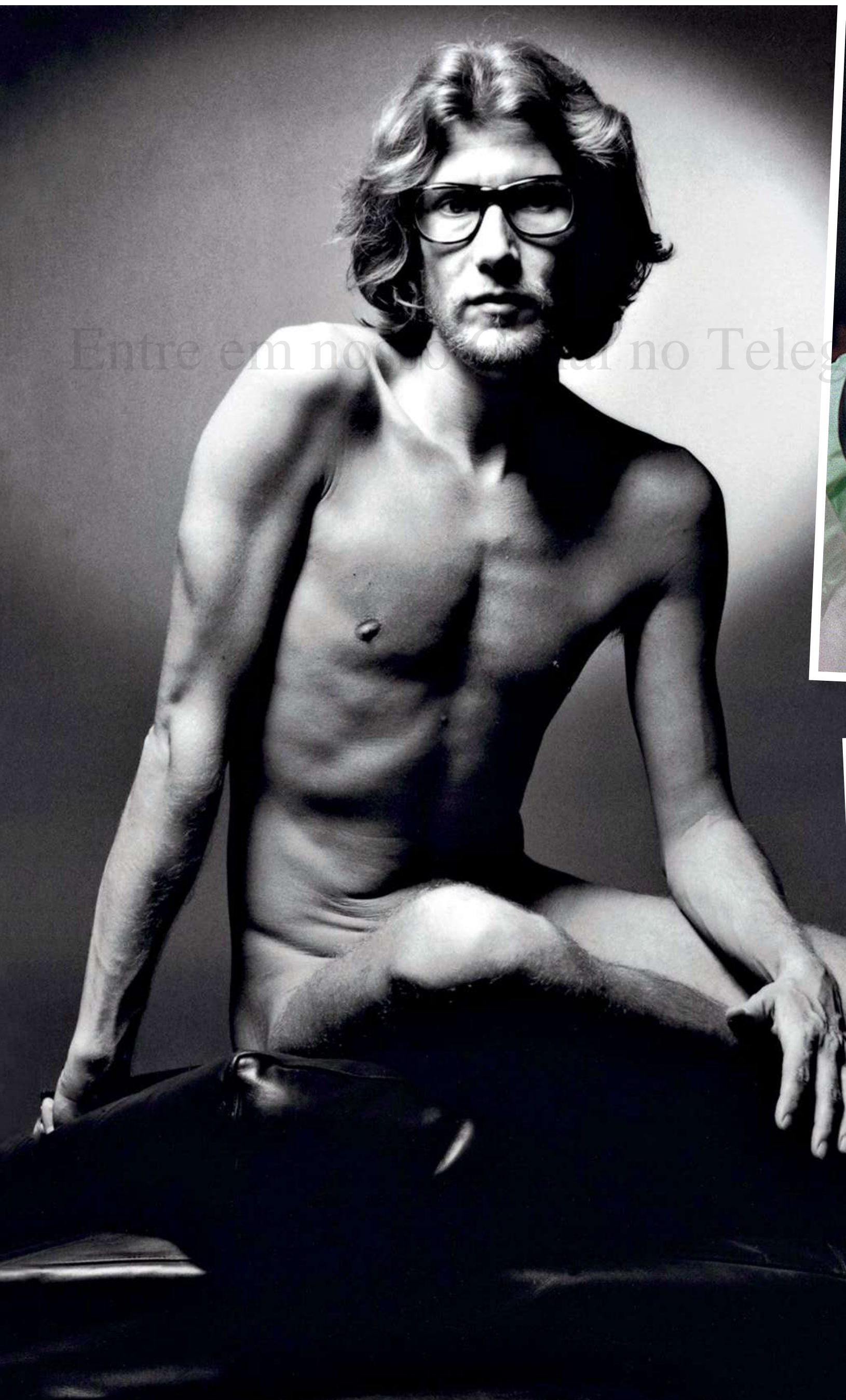
tação espacial”. No caminho, uma janela mostra a Terra se afastando e constata-se que o planeta está doente. Cada um dos participantes recebe um papel, seja como médico ou cientista, e propõe suas próprias soluções.

Além de ambicionar ser uma janela para o futuro, o novo museu e mais recente joia arquitetônica de Dubai faz parte de um projeto de transformá-la em uma cidade moderna e inclusiva, ainda que os Emirados Árabes Unidos sejam vistos como um país tradicionalmente conservador e autoritário. Primeira nação do Oriente Médio a sediar a Feira Mundial, também vem sendo apontada como um dos mais liberais do Golfo, com tolerância a outras culturas e crenças.

Ao mesmo tempo que busca transformar entretenimento em conscientização sobre o futuro da humanidade, o Museu do Futuro vive a contradição de estar em uma das cidades mais ricas do mundo, em um país cuja principal riqueza vem da produção de combustível fóssil. “Abordar as mudanças climáticas e sustentabilidade não significa que você tenha de voltar à era dos grupos caçadores e coletores”, diz Brendan McGetrick, diretor criativo do espaço. Dentro de seu escopo, o museu estimula a pensar no que é possível fazer agora e transformar isso em ação. O planeta agradece. ■

O BAD BOY DA ALTA-COSTURA

Paris homenageia os sessenta anos da marca de Yves Saint Laurent em uma série de museus. As roupas traduzem a arte e a rebeldia de um dos grandes criadores da moda **SIMONE BLANES**

ESTATE OF JEANLOUP SIEFF/CENTRE POMPIDOU; PIERRE VERDY/AFP ; ERTRAND RINDOFF PETROFF/GETTY IMAGES

NO MUSEU DO LOUVRE, em Paris, uma jaqueta de organza dourada, bordada com fios de ouro e cravejada com cristais e pedras que evocam as joias da coleção do rei Luís XIV (1638-1715) brilha na Galerie d'Apollon. Trata-se da Hommage à Ma Maison, uma das mais luxuosas peças de Yves Saint Laurent, estilista que há sessenta anos iniciava uma das mais inovadoras carreiras da moda. "Participei da transformação da minha época", disse ele, em 2002, quando se despedia do mundo fashion. "Fiz isso com roupas, que certamente são menos relevantes do que a música, a arquitetura, a pintura e várias outras artes, mas, seja como for, eu o fiz." YSL, celebrado por suas iniciais, morreu em 2008, aos 71 anos.

Seu legado vai muito além de laivo de modéstia, ao considerar a costura uma atividade menor. Não é.

No ano em que a grife completa seis décadas, suas criações viraram atrações dos mais prestigiados museus da França na mostra *Yves Saint Laurent aux Musées.* Até 15 de maio, cinquenta peças da obra do costureiro estarão no Louvre, no Museu d'Orsay, no Centro Pompidou, no Museu de Arte Moderna de Paris e no Museu Picasso Paris. "Ele foi o maior criador de moda da segunda metade do século XX",

NA VANGUARDA
Uma vida em três atos: o retrato, feito em 1971 *(à esq.),* chocou a sociedade conservadora; com a ex-modelo Claudia Schiffer *(de noiva, em desfile)* e ao lado de Catherine Deneuve, a bela da tarde

afirma a jornalista e consultora Costanza Pascolato, uma das maiores referências da moda no Brasil.

Pela primeira vez, um estilista é homenageado em tantas instituições ao mesmo tempo. Compreende-se. "A genialidade de Saint Laurent foi a de borrar as linhas entre moda e arte", diz Mouna Mekouar, cocuradora das exposições. Graças a ele, a separação passou a ser menos evidente. "O que é maravilhoso na minha arte é que o sonho e a realidade podem se tornar um só", dizia ele. No Centro Pompidou, os olhares vão para a relação de YSL com artistas do século XX. Estão expostas 500 fotografias polaroides de suas musas, incluindo Kate Moss e Carla Bruni, um vestido da coleção Picasso (outono-inverno 1979), e os célebres modelos inspirados no trabalho do holandês Piet Mondrian. No Museu de Arte Moderna da França, está o vestido jeans da linha prêt-à-porter Rive Gauche de 1970 contrastando com painéis pintados pelo francês Daniel Buren. No Museu Nacional Picasso, a arte do designer é vista por meio de coleções inspiradas no balé e no cubismo. O ponto de encontro do estilista com a literatura de Marcel Proust está no D'Orsay. Proust o inspirou na criação do Le Smoking — ou smoking feminino —, uma de suas marcas registradas.

Nascido em 1936, na Argélia, a paixão do designer pela moda começou na infância com as roupas da mãe. Aos 17 anos, mudou-se para Paris, onde foi trabalhar com Christian Dior, de quem herdou a direção criativa da maison francesa após a morte do estilista, em 1957. Aos 26 anos, fundou sua

A COSTURA ENCONTRA A ARTE

STEPHANE DE SAKUTIN / AFP

Joia para vestir
A jaqueta Hommage à Ma Maison, exposta na Galerie d'Apollon do Museu do Louvre, traz bordados de fios de ouro, cristais e pedras preciosas. É o mais lindo exemplo do trabalho minucioso de modelagem

Inspiração masculina
YSL adorava incluir na moda feminina elementos do guarda-roupa masculino. O macacão exibido no Museu do Louvre demonstra como ele soube adaptar o uso de calças de maneira criativa e arrojada

Cores em movimento
O vestido da coleção Picasso, da temporada outono-inverno de 1979, exibido no Centro Pompidou, bebe da extensa obra multicolorida da artista Sonia Delaunay

FOTOS MUSEU DO LOUVRE

marca homônima ao lado do sócio e companheiro Pierre Bergé. Da década de 1960 até meados de 1990, a marca se consolidou e espraiou sua relevância, amada por musas incontornáveis como a atriz Catherine Deneuve.

É inquestionável: ele sempre esteve à frente de seu tempo, apontado como o bad boy da alta-costura pelo comportamento às vezes despojado e o frenético consumo de drogas. Com intuição extraordinária, assimilou o trabalho de artistas para reinventá-los dentro de um vasto repertório de inspirações e inovações. Por isso, seu trabalho perdura até hoje como um dos mais impressionantes e celebrados da história da moda. Várias vezes, mudou os rumos do universo da alta-costura, ao romper com os tradicionalismos. Foi dele, por exemplo, o pulo do gato do prêt-à-porter. A originalidade de YSL é atemporal. Daí a ideia de levá-lo aos museus. ■

NOVIDADE NO SÍTIO Giovanna Ewbank em sua piscina estilizada: água cristalina e peixinhos nativos do Malaui, na África

IMERSÃO NA NATUREZA

Em busca de contato com a Mãe Terra, um subproduto da pandemia, ricos e famosos estão trocando a piscina por lagos onde se pode mergulhar e nadar com os peixes **DUDA GOMES**

INSTAGRAM @GIOEWBANK

ATÉ OUTRO DIA, palacete digno desse nome tinha de ter uma bela piscina no jardim. Mas, diante da competição e das dimensões cada vez mais extravagantes das mansões dos milionários, o espaço para se refrescar também deu um salto qualitativo: chique mesmo é poder exibir seu próprio lago, com peixinhos, plantas aquáticas e água onde se pode mergulhar e nadar. Ter um lago para chamar de seu não é novidade e várias empresas, no Brasil e no exterior, se especializaram em construir do nada uma extensão de água tranquila e cristalina. A maioria delas se enquadra na categoria ornamental, destinadas apenas a enfeitar, mas o know-how para tornar a água própria para banho também é conhecido e utilizado há tempos. No último ano, no entanto, as encomendas se multiplicaram, mais um efeito colateral da — sempre ela — pandemia. "Muitas pessoas viram que seus apartamentos não as representavam e mudaram de vida, buscando mais contato com a natureza", teoriza Carlos Oliveira, coordenador de projetos da Ecosys, que constrói lagos artificiais.

No Reino Unido, os paisagistas registraram um aumento de 150% nos pedidos de projetos de lagos para nadar durante e após os meses de isolamento. Ajuda a turbinar a demanda o fato de estarem presentes nas casas de campo de celebridades como o cantor Ed Sheeran e David e Victoria Beckham. O casal inclusive demorou meses para convencer os vizinhos de que seu gigante de mais de 4 000 metros quadrados não causaria danos ao meio am-

SAM BAGNALL/ALAMY LIVE NEWS

biente. No Brasil, o ator Bruno Gagliasso postou recentemente fotos do lago particular que construiu em seu sítio em Membeca, no estado do Rio, onde nadam — ele, a mulher, Giovanna Ewbank, e os filhos — na companhia de carpas e ciclídeos, esse um peixe de água doce natural do Malaui, na África, onde nasceram os dois adotivos. “Participei de todo o processo de construção com a equipe. Quando ficou pronto eu pirei. Não tinha ideia do amor que ia sentir pelos peixes”, derrama-se Gagliasso.

Ter um lago no quintal de casa requer um caixa reforçado. Para manter a água cristalina, sem lama nem resíduos e imune a algas, são utilizados seis tipos de filtro em operação 24 horas por dia, além de bombas de recircula-

INSTAGRAM @DAVIDBECKHAM

GIGANTE Os Beckham e sua extravagância: muito trabalho para convencer os vizinhos

ção e oxigenação da água — um maquinário complexo que costuma ficar escondido sob um deque. O metro quadrado da obra varia entre 3 000 e 6 000 reais, dependendo da profundidade e das características do terreno. Nada que desanime os entusiastas: Ricardo Caporossi, dono da Geneses Ecossistemas, de São Paulo, que tem entre seus clientes os apresentadores Xuxa e Serginho Groisman, diz que vendeu trinta projetos no último ano. Do portfólio de Oliveira, da Ecosys, que atende Rodrigo Faro e Isabella Fiorentino, consta um lago monumental em uma mansão em Bragança Paulista, interior de São Paulo, com 4 metros de profundidade, 2 milhões de litros de água, mais de 60 000 peixes e 100 000 mudas de plantas aquáticas.

“Demorou dez meses para ficar pronto e a casa de máquinas precisou ser disfarçada sob um morro suave coberto de vegetação”, descreve.

Os cuidados para manter a água sempre cristalina distanciam os lagos para nadar dos ornamentais, que, embora bem cuidados, têm certa liberdade para exibir algas e resíduos comuns em represas naturais. “Eventualmente vão aparecer minhocas, insetos, outros peixes. É a natureza seguindo seu curso”, diz o biólogo Abílio Soares Gomes, da UFF. Por mais que os donos evitem o termo, o lago para se banhar não deixa de ser uma piscina estilizada. “A água não tem cloro, mas exige tratamento contínuo”, ressalta Gomes. Curiosamente, a maioria dos pedidos parte dos homens. “As mulheres têm receio de que vá se tornar um espaço sujo, cheio de lama. Mas depois de pronto elas também se encantam”, afirma Caporossi. Em Uberaba, Minas Gerais, o administrador de empresas Alceu Vieira, de 52 anos, trocou há um ano a piscina por um lago e está feliz da vida. “Fico em paz só de olhar para ele”, diz. Que dirá nadando entre peixinhos e plantas coloridas. ■

PODEROSA Maria Fernanda: de modelo na adolescência a atriz em elenco hollywoodiano

TALENTO TIPO EXPORTAÇÃO

Longe das novelas, a atriz Maria Fernanda Cândido brilha no cinema europeu e se prepara para sua maior estreia até aqui: o terceiro filme da saga *Animais Fantásticos* **RAQUEL CARNEIRO**

LUCAS SEIXAS

EM AGOSTO DE 2020, Maria Fernanda Cândido foi convidada para um teste confidencial. "Eu não sabia para que filme era, nem para qual papel", contou ela a VEJA. De Paris, onde vive desde 2017 com o marido, o empresário francês Petrit Spahira, e os dois filhos adolescentes, a brasileira enviou o teste em vídeo numa segunda-feira. Na terça, recebeu o resultado: ela fora aprovada. "O diretor *(o inglês David Yates)* me ligou dizendo que eu era bem-vinda ao time. Mas eu nem sabia que time era esse." Assim a atriz de 47 anos entrou para o elenco de *Animais Fantásticos: Os Segredos de Dumbledore,* terceiro filme da saga derivada de *Harry Potter* — e um dos lançamentos mais esperados do ano.

Se a aprovação para o papel foi rápida, a viagem a Londres, onde o longa foi rodado, se revelou um desafio excruciante. Não bastasse a pandemia e as fronteiras fechadas, as ruas da França estavam tomadas por protestos e o Brexit dificultara o acesso à Inglaterra. "Foram dez dias de burocracias. O oficial que analisou minha papelada perguntou: 'O que você vai fazer nesse filme?'. Ainda sem ter muitos detalhes, respondi: 'É um papel pequeno, mas bem interessante'", lembra ela, que arrancou risos do guarda — e o carimbo no passaporte.

De modelo na adolescência até o horário nobre da Globo (como esquecer a sensual Paola, de *Terra Nostra?),* Maria Fernanda preenche todos os requisitos de uma estrela de novela nacional, combinando talento, beleza e carisma. Mas, ao fugir do óbvio, ela trilhou caminhos distintos das colegas

WARNER BROS

BRUXA NACIONAL Em *Animais Fantásticos:* uma latina na saga de J.K. Rowling

globais. "Sou movida por bons projetos", diz. Essa trajetória culminará, em 14 de abril, na estreia da paranaense no universo mágico criado pela inglesa J.K. Rowling. Em um elenco com Eddie Redmayne e Jude Law, interpreta Vicência Santos, bruxa representante do mundo latino na trama. "Quando pisei no set, senti um privilégio enorme", conta.

A transição entre o Brasil e o cinema europeu teve um pouco de acaso e outro tanto de faro para oportunidades. Após mais de uma década no Brasil, o marido de Maria Fernanda propôs a mudança para Paris. Dona de uma elegância e inteligência notáveis — ela diz que fala três línguas e meia: português, francês, inglês e "meio" italiano —, a atriz não demorou a arranjar trabalho. A primeira opor-

tunidade veio com o filme *O Traidor,* do italiano Marco Bellocchio, que concorreu à Palma de Ouro em Cannes, em 2019. Amparada por uma agência de talentos na França e outra na Itália, ela rodou outros três longas — sem contar *Animais Fantásticos* — ainda inéditos no Brasil. Um deles é *La Chambre des Merveilles,* dirigido pela elogiada cineasta francesa Lisa Azuelos. Maria Fernanda ainda manteve um pé do Brasil: ela lança este ano a adaptação de *A Paixão Segundo G.H.,* de Clarice Lispector; e *El Presidente,* série da Amazon que vai investigar na nova temporada a história de João Havelange, o brasileiro que comandou a Fifa entre os anos 70 e 90.

Impedida de dar detalhes sobre *Animais Fantásticos,*

Maria Fernanda solta pistas. Foram seis meses de filmagem — logo, sua participação deve ir além de um "papel pequeno". Outra dica é o nome da personagem. "Vicência vem de vicejar, é alguém que vive com força. Santos são humanos que viraram divindades. São características dela", diz, enigmática. Com a fama mundial à porta, a atriz não se sente pressionada a conquistar Hollywood. Este ano, seu principal projeto é um monólogo sobre Clarice Lispector — de novo — no teatro francês. Nem só as bruxas são poderosas. ■

CHAGALL, MARC/AUTVIS, BRASIL, 2022

PURA POESIA *O Galo Violeta* (1966-1972): memórias de infância vertidas em sonhos irresistíveis

O AMANTE DAS CORES

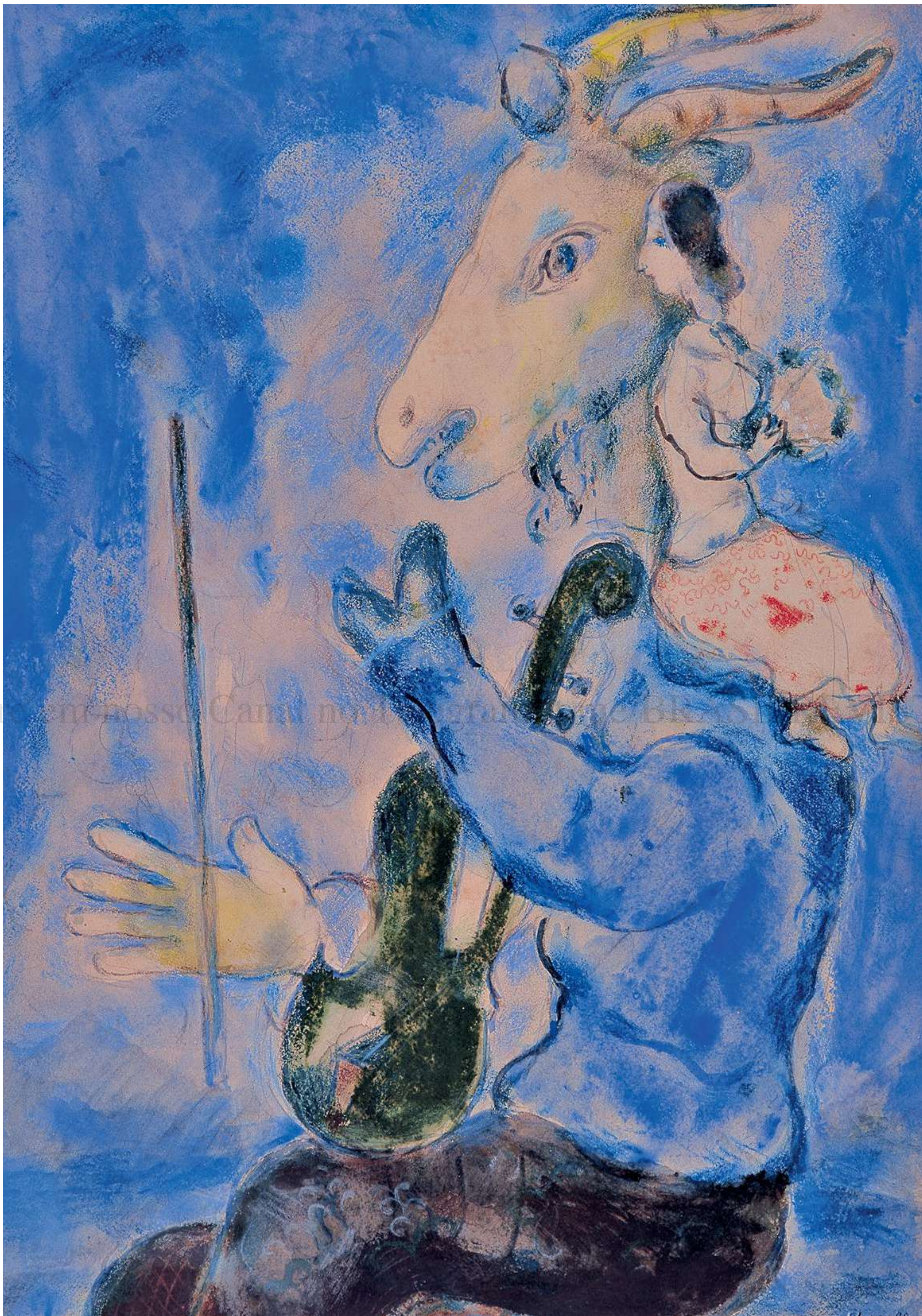
Uma belíssima mostra no Rio celebra a obra de Marc Chagall, pintor que saiu de uma aldeia na Rússia para maravilhar o mundo com sua pintura cheia de lirismo — e cuja vida traz lições de esperança e otimismo diante dos problemas do mundo atual

MARCELO MARTHE

No fim do século XIX, os territórios que hoje compõem países como Ucrânia, Belarus e Moldávia eram parte do império dos czares — e a mão sempre pesada e autoritária da "Mãe Rússia" mantinha a vasta população judia local sob vara curta. Essas pessoas não podiam entrar nas grandes cidades sem autorização; volta e meia, eram vítimas de massacres odiosos, os *pogroms.* O passado opressivo remete, inevitavelmente, ao tormento infligido pelos russos aos vizinhos ucranianos na guerra de 2022. Mas, ainda assim, um menino judeu revelava-se capaz de sonhar. Nascido na pequena Vitebsk, na atual Belarus, Marc Chagall (1887-1985) voava longe na imaginação: dentro

de sua mente, o casario e as festas religiosas da infância se diluíam em visões fantásticas de galos, vacas e asnos flutuando em uma atmosfera de cores vívidas. Nas imagens líricas que mais tarde traduziriam seus vislumbres de criança em obras célebres, o pintor e a amada Bella surgiam entregues à paixão — como se desafiassem, assim, as durezas da vida. É essa história de esperança e superação que conduz a belíssima mostra ***Marc Chagall: Sonho de Amor,*** que entra em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, a partir da quarta-feira 16.

A maior retrospectiva já feita da obra de Chagall no país vai passar também por Brasília, Belo Horizonte e São Paulo até o início de 2023 — e é um pacote embalado para consumo popular. Com orçamento de 9 milhões de reais

CHAGALL, MARC/AUTVIS, BRASIL, 2022

COISA NOSSA *Primavera* (1938-39), do MAC-SP: tesouro de acervo nacional

JEAN PIERRE LOTH/INA/GETTY IMAGES

SUPERAÇÃO O artista na velhice: ele sobreviveu a guerras, à perseguição e ao comunismo

apenas em recursos de incentivo, a exposição chega com selo de aprovação no exterior: antes da pandemia, fez sucesso em cidades europeias como Nápoles. Mas a versão brasileira ganha um acréscimo valoroso. Além das 179 telas, gravuras e desenhos de acervos privados estrangeiros, serão exibidas sete pinturas pertencentes a instituições nacionais. O número parece ínfimo, mas sua relevân-

CHAGALL, MARC/AUTVIS, BRASIL, 2022

FORÇA ANCESTRAL *Aldeia Russa* (1929): conexão com raízes e fé judaica mesmo no exílio

cia é enorme: obras como *Primavera,* do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, atestam a qualidade dos trabalhos do artista russo espalhados por nossas coleções.

Se o nome Chagall atrai filas pelo mundo, é por uma razão singela: a simplicidade intuitiva de seus quadros provoca identificação imediata — e irresistível — no público. "Ele é o mestre supremo da cor na pintura moder-

SENSUALIDADE *Os Amantes com Asno Azul* (1955): o amor eternizado sob atmosfera onírica

na. Compreender sua obra não depende de conhecimento prévio sobre arte: ela é acessível a pessoas de qualquer idade e condição”, diz a espanhola Lola Durán Úcar, curadora da exposição. A temática realçada no evento — a relação de Chagall com o amor — é um chamariz que obviamente redobra a aura pop do artista. Mas não configura uma estratégia de divulgação apelativa: Chagall

CHAGALL, MARC/AUTVIS, BRASIL, 2022

NATUREZA VIVA A tela *Buquê de Flores sobre Fundo Vermelho* (1970): os tons fortes de um mestre da cor

realmente propalava que esse sentimento era impulso fundamental de sua criação. “Há só uma cor que dá sentido à vida e à arte: é a cor do amor”, dizia. Como esclarece a curadora, o conceito ia muito além do puro romantismo: “O amor, para Chagall, deve ser compreendido de forma ampla: é o amor a Deus, à natureza, às pessoas.” E, claro, às mulheres.

Somente com muita paixão pela vida, de fato, alguém conseguiria vencer os obstáculos que ele enfrentou. Chagall veio de uma família humilde para a qual o desejo do filho de ser artista (antes de pintar, ele pensou em ser violinista) era visto com desconfiança. Sobreviveu a duas guerras mundiais, à perseguição aos judeus e à Revolução Russa de 1917. A princípio, trabalhou como professor no regime bolchevique, mas logo abandonou o barco (e a Rússia) porque seu otimismo sem amarras se chocava com os dogmas do construtivismo, estilo oficial soviético. Chagall sempre foi mais que isso: sua obra era "sobrenatural", definiu o poeta e amigo Apollinaire.

CHAGALL, MARC/AUTVIS, BRASIL, 2022

IMAGINAÇÃO *Duas Cabeças* (1966): parte de acervo internacional exibido no país pela primeira vez

Para atravessar tantas provações, Chagall agarrava-se a seu porto seguro: as reminiscências da aldeia aprazível que fora seu mundinho na infância, com seus bichos, tipos humanos adoráveis e rituais religiosos. Parte da mostra,

aliás, é devotada às gravuras que ele fez sobre a *Bíblia*. Homem de fé e orgulhoso das raízes judaicas, Chagall encontrou em Bella, sua paixão juvenil e primeira esposa, um modo de manter a sintonia com o interior da Rússia mesmo após mudar-se para Paris ou exilar-se nos Estados Unidos, nos tempos de Hitler.

O relacionamento com Bella ultrapassava a paixão romântica. A moça de família abastada, para a qual era proibitivo unir-se ao pobretão Chagall, acabou sendo um esteio intelectual em sua carreira. Bella ajudou o marido a construir a imagem de artista mítico conectado às origens mesmo no exterior. Após a morte da esposa por uma enfermidade repentina e fulminante, nos anos 1940, Chagall se casaria mais duas vezes. Até o fim da vida, porém, Bella continuou a povoar suas telas. Que a alegria de viver de Chagall seja uma inspiração para estes dias de guerra e pandemia. ■

O FILHO DA HISTÓRIA

No autobiográfico *Belfast*, Kenneth Branagh relembra como a explosão do conflito na Irlanda do Norte interrompeu sua infância e fez sua vida virar de cabeça para baixo

ISABELA BOSCOV

VEM, MENINO Caitríona Balfe, como a mãe, e Buddy (Jude Hill): o mundo de cabeça para baixo

ROB YOUNGSON/FOCUS FEATURES

BUDDY (Jude Hill), 9 anos, brinca de luta de espadas com a garotada, no meio da rua, quando um bando feroz se aproxima: está-se no verão de 1969 e a turbulência que há quase um ano agita a Irlanda do Norte vem explodindo na forma de guerra urbana. Na rua de Buddy, como em tantas outras, católicos e protestantes conviveram sempre sem ligar para quem é o quê, mas agora a turba quer depredar e queimar as casas dos vizinhos católicos. Checkpoints erguidos com entulho e arame farpado surgem nas esquinas; valentões se autopromovem a chefes de milícia e intimidam outros protestantes a se declararem inimigos dos católicos. O pai de Buddy (Jamie Dornan) quer levar a família para a Inglaterra, onde já passa longos períodos trabalhando na construção civil, porque prevê que as coisas irão de mal a pior. A mulher dele (Caitríona Balfe) se agarra à esperança e quer ficar: essa rua, esse bairro e essa cidade são tudo o que ela conhece e o lugar em que sempre se sentiu segura e querida.

A inspiração para o ***Belfast*** (Reino Unido, 2021) de Kenneth Branagh, em cartaz nos cinemas, é autobiográfica — uma memorialização de como, nessa mesma idade, ele viu sua vida ser virada de cabeça para baixo. É, também, uma reflexão sobre como, ainda que se imagine o pior, é com perplexidade que se vê ele acontecer. Buddy, naturalmente, não consegue atinar com o cisma violento que está partindo seu mundo ao meio. Mas também seus pais e seus avós (Judi Dench e Ciáran Hinds) olham incrédulos para o quebra-quebra, a pancadaria, os coquetéis molotov e a atmosfera de perigo que paira sobre Belfast: como se chegou a esse ponto, e tão rápido?

ROB YOUNGSON/FOCUS FEATURES

RETORNO Branagh dirige Hill:
o incompreensível visto pelos olhos da infância

Não faria mal, aliás, que o filme explicasse um pouco melhor à plateia por que razões o conflito escalou de tal forma no fim dos anos 1960. Um resumo breve: depois de séculos de hostilidades, em 1921 a Irlanda majoritariamente católica se libertou do controle britânico e protestante, mas ao custo de se dividir em duas. Na sua porção do Norte, integrada ao Reino Unido, a minoria católica passou a enfrentar níveis debilitantes de discriminação no emprego e na habitação até que, inspirada no movimento americano pelos direitos civis, organizou-se em reivindicações às quais os lealistas protestantes reagiram com truculência crescente. Em agosto de 1969, o barril de pólvora explodiu. Em questão de dias, o governo norte-irlandês perdeu o controle da situação e apelou aos soldados britânicos para manter a paz, ao que se seguiram três décadas de ocupação militar, confrontos, guerrilha e terror.

Compreende-se que Branagh apenas tangencie as questões políticas e opte por se concentrar no drama de seu pequeno núcleo central; pela origem protestante, sua família não é, para efeitos históricos, a parte injustiçada, e qualquer dissecção do conflito poderia ser tomada como prepotência. Sua delicadeza, entretanto, acaba por ser excessiva: repartindo o ponto de vista entre Buddy e cada um dos quatro adultos, ele dá aos atores bons momentos (excelentes, Dornan e Hinds tiram leite de pedra em papéis minimamente estruturados), mas impede que uma espinha dorsal clara se forme. Até o preto e branco primoroso do diretor de fotografia Haris Zambarloukos paradoxalmente acaba por contribuir para o sabor algo genérico do conjunto. Não fosse a força de Caitríona Balfe como a mãe, *Belfast* talvez não se sustentasse — mas, em uma manifestação das suas predisposições erráticas, é justamente Caitríona, claro, que a Academia escolheu deixar de fora das indicações do Oscar. ■

POP COM INTELIGÊNCIA

Após dezessete anos, a dupla inglesa Tears for Fears retorna com um disco que fala com franqueza sobre a morte e ensina como fazer hits bem elaborados

FELIPE BRANCO CRUZ

RECONCILIAÇÃO Smith e Orzabal: eles ficaram nove anos sem se falar, mas perceberam que dependiam um do outro

TWITTER @TEARSFORFEARS

OS ÚLTIMOS CINCO ANOS de vida de Caroline, esposa do cantor e compositor Roland Orzabal, não foram fáceis. Alcoólatra, ela misturava bebida com remédios controlados. Como consequência, desenvolveu demência e a cirrose que a mataria em 2017. Orzabal acompanhou a esposa nessa angustiante via-crúcis. Atingido em cheio pelo drama, acabou ele próprio internado em uma clínica de reabilitação. Quando saiu, percebeu que Curt Smith, seu parceiro artístico de longa data no Tears for Fears, seria seu porto seguro para enfrentar a nova fase da vida. No primeiro álbum da dupla em quase vinte anos, o recém-lançado *The Tipping Point*, Orzabal canta sobre a tragédia com uma sinceridade desconcertante. "A vida é cruel, a vida é dura / A vida é louca, e então tudo vira pó", diz a letra da faixa-título, escrita logo após a morte de Caroline.

Aliar poesia de primeira qualidade (e altamente pessoal) a melodias assoviáveis e radiofônicas sempre foi uma raridade na música pop ou no rock. Quando essa conjunção ocorre, dos Beatles ao Fleetwood Mac de *Dreams*, o resultado são canções imbatíveis. Os músicos do Tears for Fears têm lugar de honra nesse panteão. Ao longo de 41 anos, o duo britânico enfileirou hits atrás de hits sem abrir mão da inteligência, elegância e talento musical.

Orzabal e Smith formaram o Tears for Fears no início dos anos 1980, quando eram adolescentes. O nome foi inspirado na controversa Teoria do Grito Primal de Arthur Janov — que seduziu até John Lennon e Yoko Ono, e pre-

gava se libertar dos traumas por meio de berros vigorosos. Logo de saída, em suma, o Tears for Fears foi na contramão do pop acéfalo daquela década. A dupla cantou suas dores em canções sentimentais, mas que não deixavam de ser grudentas. Eles lançaram apenas três discos entre 1983 e 1989. Mas, mestres em criar refrões antológicos, emplacaram no período arrasa-quarteirões como *Shout*, *Mad World* e *Everybody Wants to Rule The World* — até hoje, quatro décadas depois, são canções que ainda reverberam nas rádios e no streaming.

No início dos anos 1990, divergências criativas fizeram com que a dupla se separasse. A ferida ficou aberta por nove anos, período em que os dois não se falaram. Na mesma

época, Orzabal lançou dois esquecíveis álbuns que levavam o nome da banda e Smith tentou uma irrelevante fase-solo. Até que um perrengue forçou uma reaproximação: diante das dívidas deixadas por um antigo empresário, os dois tiveram de se falar de novo. Na conversa, constataram que haviam superado as desavenças, e que um dependia do outro (inclusive para voltar a faturar com a música). "Percebi quanto nossas colaborações eram valiosas e como ele era importante para mim. Parece óbvio, mas só então me dei conta das coisas maravilhosas que fizemos", declarou Orzabal. Em 2004, saiu um álbum feito para marcar o final feliz da veterana dupla: *Everybody Loves a Happy Ending*, com direito a uma extensa turnê mundial e passagem até pelo Rock in Rio, no Brasil. Mas era um disco pálido.

A morte de Caroline adiou os planos de aposentadoria: o novo álbum nasceu como uma espécie de sessão de terapia para ambos. E mostrou que a poesia sincerona é, afinal, a grande arma da dupla: o disco contém faixas que lembram seus melhores momentos, como *My Demons,* com seus sintetizadores e arranjos infalíveis. O universo devolveu em dobro a inspiração: depois de 23 anos fora do top 10 da revista *Billboard*, a dupla voltou ao ranking no oitavo lugar, ensanduichada entre o pop punk de Olivia Rodrigo e Avril Lavigne. As estrelas do pop de hoje têm muito a aprender com os sessentões do Tears for Fears. ■

WALCYR CARRASCO

ARTISTAS DE FESTAS

O desafio de lidar com os músicos e poetas de ocasião

FESTA É BOM quando chega ao fim. Explico. Acho uma delícia se fica um grupinho batendo papo horas e horas. Agito só de vez em quando. Sempre me certifico: é encontro entre amigos ou pré-Carnaval? Mas aí é que tá. Sempre tem o tipo que finge adorar um bate-papo. De fato quer fazer um showzinho particular. Cantar, tocar, declamar. Muitas vezes estou em uma rodinha de amigos. Cada um falando de esperanças, últimos e novos amores, da vida, enfim. Um sujeito chega com um violão. Senta-se e começa a dedilhar. Entoa uma musiquinha. Há um código não escrito: se alguém começa a cantar, as pessoas se calam. Um ou dois ainda se refugiam no terraço. Os restantes ouvem, queiram ou não. Em minutos, um coro de vozes desafinadas acompanha. Acabou-se a festa, a conversa, o papo. Fazer o quê? Pedir pra se calar? Eu dou uns minutos, solto um tchauzinho de longe. O artista ainda grita: "Fique, fique". Faço cara de preocupação e olho o relógio. Há situações mais radicais. Por exemplo, se há um piano na sala. Nesse caso, frequentemente, o dono ou dona da festa resolve mostrar seu talento. Senta-se na banqueta e martela, martela... Se tento ir embora, protestos: "E o bolo, tem que esperar o bolo". Sou obrigado a passar pela tortura, enquanto vozes esganiçadas acom-

“Os convidados querem mais um drinque e um pedaço de bolo. Cantar? No máximo os parabéns”

panham hits do momento — ou, devido à minha idade e dos amigos, de vinte ou trinta anos atrás.

Eu gosto de música. Só não quero me tornar plateia de shows improvisados, inesperados. Pior é quando a anfitriã, que foi bela antes de se afogar no silicone, me diz : “Eu ainda podia cantar em uma novela sua, não podia?”. Dizer o quê?

Também adoro poesia. Li a obra de Fernando Pessoa. Na escola decorei Casimiro de Abreu. Leio muita poesia, já tentei meus versos. Sou encantado com autores nos quais o sentimento poético está presente no texto, como Clarice Lispector. Mas... ai... é muito diferente quando alguém resolve declamar sua última produção na sala, para os convidados. Ou quando anuncia: “Vamos fazer um sarau”.

De novo: qualquer regra proíbe calar versos. Por mais pavorosos que sejam. Raramente alguém entende de poesia (eu mesmo, só o mínimo). Mas como é uma arte erudita, celebrada, fica feio dizer “não gosto”. Todo mundo finge que ama. O poeta recita e recita, todos que conseguem fazem

olhar sensível. Os outros entediados. Como é sarau, outro é convidado, querem que eu recite também. Fujo. Por ser escritor, é comum acreditarem que faço versos. Há conhecidos que me enviam longas poesias por WhatsApp. Mal consigo ler, mas respondo com palavras gentis.

Ai de mim! Quando criança, recitava poesias em festas. Do alto de uma cadeira. Todo mundo aplaudia, como se eu fosse um gênio. Logo descobri que ninguém prestava atenção e só queriam se ver livres de minha voz esganiçada. O mesmo acontece com cantores, violeiros, pianistas... Em festas, os convidados na verdade querem mais um drinque e um pedaço de bolo. Cantar? No máximo os parabéns. ■

DISNEY/PIXAR

TELEVISÃO

RED: CRESCER É UMA FERA

(*Turning Red*, Estados Unidos, 2022. Disponível no Disney+)

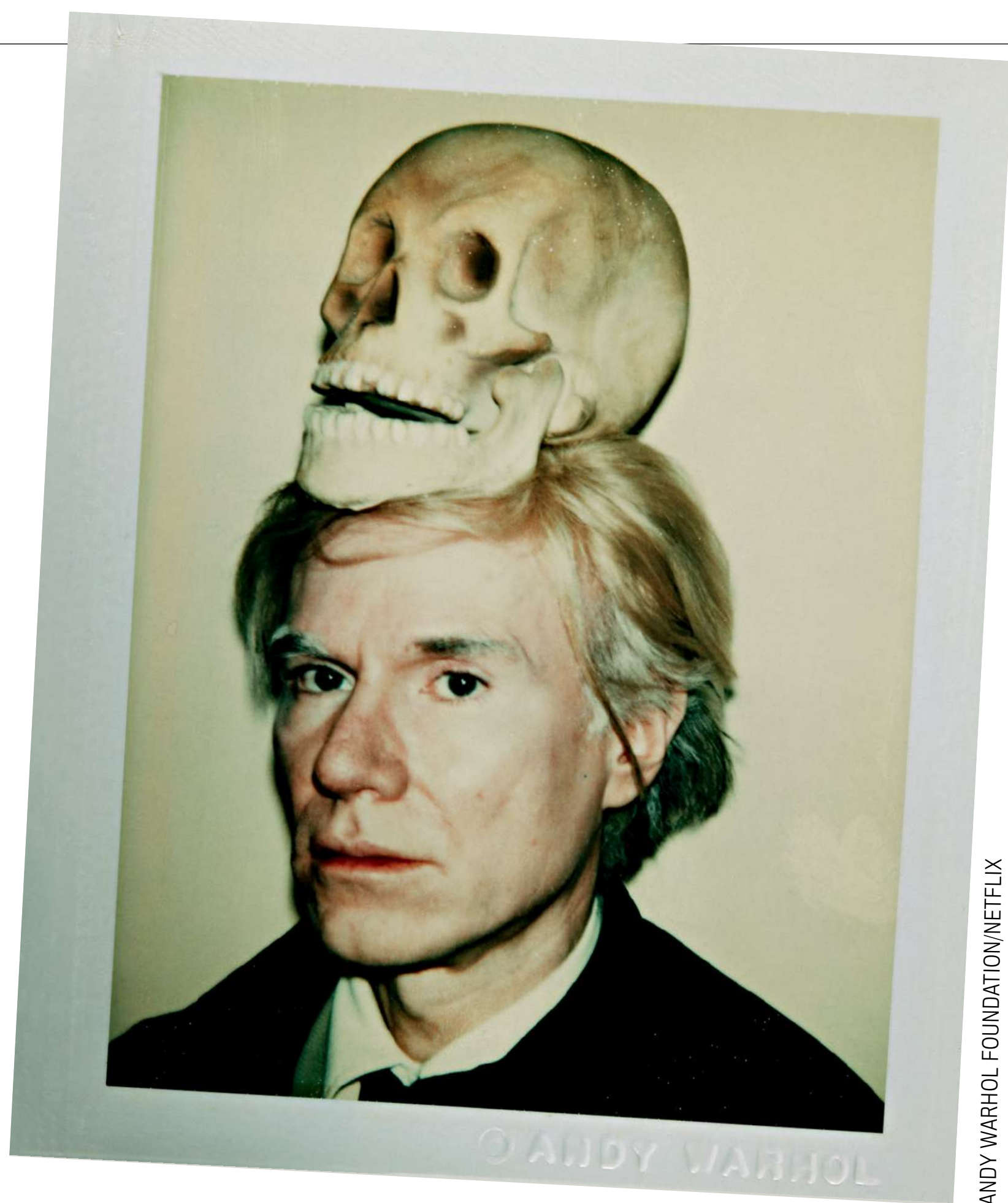
Entre os poucos consensos que há no mundo está o fato incontornável de que a puberdade é um período dolorosamente caótico — tanto para quem o vive quanto para quem está por perto. Que o diga Mei Lee, protagonista do novo filme da Pixar. A adolescente de 13 anos de ascendência chinesa é determinada, organizada e está sempre pronta a agradar sua mãe exageradamente protetora. Até o dia em que a garota asseada acorda no corpo de um gigantesco panda vermelho.

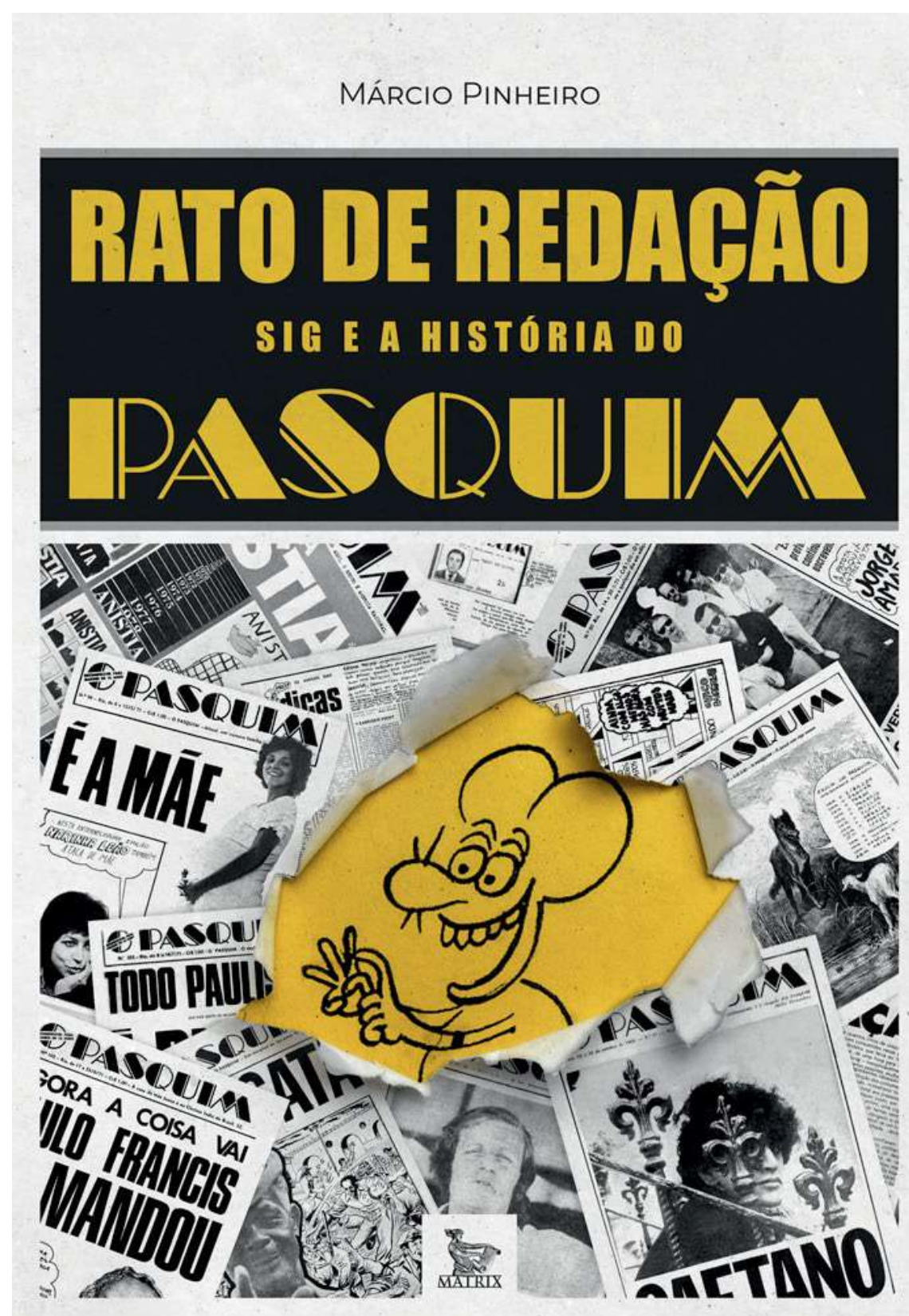
ANIMAÇÃO
A nova produção da Pixar, *Red: Crescer É uma Fera*: adolescente oriental na pele de um panda

A "bênção" decorre de uma tradição ancestral da família — e só pode ser desfeita em um ritual deveras específico. Enquanto espera o dia certo para se ver livre da sina, a garota descobre que pode controlar sua metamorfose no bicho, desde que contenha suas emoções à flor da pele. Ao descobrir que sua boy band favorita fará um show na cidade, ela arma um plano para driblar a mãe e, curiosamente, descobre que o panda pode ser muito útil. Dirigida por Domee Shi, vencedora do Oscar pelo belo curta *Bao*, a animação de veia oriental diverte ao tecer um paralelo absurdo entre raízes e amadurecimento para falar de família, amizade e aceitação.

DIÁRIOS DE ANDY WARHOL

***(The Andy Warhol Diaries,* Estados Unidos, 2022. Disponível na Netflix)**

De 1976 até sua morte, em 1987, Andy Warhol telefonava religiosamente todas as manhãs para a amiga e secretária Pat Hackett, a quem narrava os acontecimentos do dia e compartilhava seus sentimentos. Lançadas em forma de diários por Hackett dois anos após a perda do artista, as conversas são uma janela para a vida privada do homem que personificou a pop art dos anos 1960 e servem de fio condutor para a nova série documental da Netflix sobre a figura excêntrica de Warhol. Dirigida por Andrew Rossi e produzida por Ryan Murphy, a minissérie de seis episódios usa uma inteligência artificial para reproduzir a voz do artista, levando o leitor a uma viagem narrada por ele próprio. A produção ainda conta com a participação de especialistas e pessoas que foram próximas a Warhol, como o ator Rob Lowe, que dissecam o ser humano por trás do fenômeno e traçam paralelos entre seus amores discretos e sua arte sempre bombástica.

ANDY WARHOL FOUNDATION/NETFLIX

OBRA POP Andy Warhol: série documental disseca o ser humano por trás do artista bombástico

LIVRO

RATO DE REDAÇÃO: SIG E A HISTÓRIA DO PASQUIM,

de Marcio Pinheiro (Matrix; 192 páginas; R$ 44,00 e R$ 29,90 em e-book)

A ditadura militar já grassava havia cinco anos no Brasil quando, em 1969, uma afiada turma de jornalistas e cartunistas — entre eles, Millôr Fernandes, Henfil, Paulo Francis, Ziraldo e Jaguar — se juntou para fundar *O Pasquim*. Sem nenhuma formalidade, o jornal satírico debochou da repressão e acabou se transformando num dos poucos faróis de liberdade do país ao contornar a censura com humor escrachado. O jornalista Márcio Pinheiro reconta a história do periódico, inclusive com a reprodução de algumas capas históricas, indo da fundação do *Pasquim* às antológicas entrevistas com famosos como Leila Diniz — e até o seu melancólico fim, em 1991, após a eleição de Collor. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [2 | 30#] GALERA RECORD

2 **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
Taylor Jenkins Reid [6 | 46#] PARALELA

3 **A GAROTA DO LAGO**
Charlie Donlea [3 | 128#] FARO EDITORIAL

4 **TORTO ARADO**
Itamar Vieira Junior [4 | 58#] TODAVIA

5 **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [5 | 176#] VÁRIAS EDITORAS

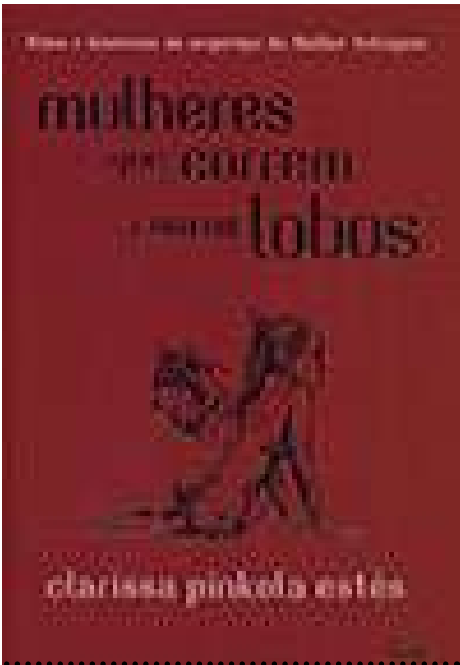
6 **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [0 | 14#] GALERA RECORD

7 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [0 | 10#] RECORD

8 **BOX – GEORGE ORWELL**
George Orwell [0 | 21#] PRINCIPIS

9 **1984**
George Orwell [7 | 119#] VÁRIAS EDITORAS

10 **NAS PEGADAS DA ALEMOA**
Ilko Minev [1 | 11#] BUZZ

NÃO FICÇÃO

1 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 96#] ROCCO

2 **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [2 | 262#] VÁRIAS EDITORAS

3 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [6 | 262#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

4 **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [10 | 152#] OBJETIVA

5 **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
Tori Telfer [8 | 58#] DARKSIDE

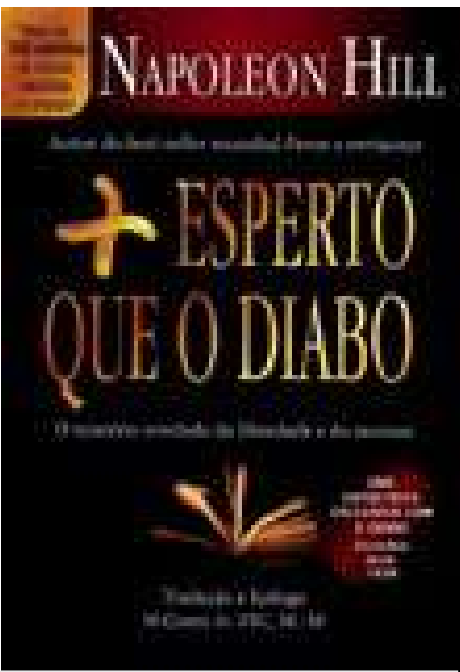
6 **LULA, VOLUME 1**
Fernando Morais [5 | 13] COMPANHIA DAS LETRAS

7 **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [0 | 19#] ÁTICA

8 **MINDHUNTER**
John Douglas e Mark Olshaker [0 | 15#] INTRÍNSECA

9 **A VIDA SECRETA DAS ÁRVORES**
Peter Wohlleben [0 | 2#] SEXTANTE

10 **A BAILARINA DE AUSCHWITZ**
Edith Eva Eger [0 | 12#] SEXTANTE

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [1 | 147#] CITADEL

2 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [6 | 68#] HARPERCOLLINS BRASIL

3 **PAI RICO, PAI POBRE**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [0 | 80#] ALTA BOOKS

4 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [4 | 357#] SEXTANTE

5 **DO MIL AO MILHÃO**
Thiago Nigro [3 | 156#] HARPERCOLLINS BRASIL

6 **12 REGRAS PARA A VIDA**
Jordan B. Peterson [0 | 10#] ALTA BOOKS

7 **O PODER DO HÁBITO**
Charles Duhigg [9 | 263#] OBJETIVA

8 **MINDSET**
Carol S. Dweck [8 | 106#] OBJETIVA

9 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [0 | 51#] SEXTANTE

10 **TALVEZ VOCÊ DEVA CONVERSAR COM ALGUÉM** Lori Gottlieb [0 | 7#] VESTÍGIO

INFANTOJUVENIL

1 **CASA DE CÉU E SOPRO**
Sarah J. Maas [0 | 1] GALERA RECORD

2 **AMOR & GELATO**
Jenna Evans Welch [2 | 34#] INTRÍNSECA

3 **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
Casey McQuiston [5 | 49#] SEGUINTE

4 **COLEÇÃO HARRY POTTER**
J.K. Rowling [1 | 105#] ROCCO

5 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [4 | 333#] ROCCO

6 **OS DOIS MORREM NO FINAL**
Adam Silvera [8 | 7#] INTRÍNSECA

7 **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
Colleen Hoover [9 | 7#] GALERA RECORD

8 **MIL BEIJOS DE GAROTO**
Tillie Cole [7 | 14#] OUTRO PLANETA

9 **A RAINHA VERMELHA**
Victoria Aveyard [0 | 91#] SEGUINTE

10 **CASA DE TERRA E SANGUE**
Sarah J. Maas [0 | 4#] GALERA RECORD

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem – E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

DORA KRAMER

TRAÇOS DE UNIÃO

NADA IRRITA MAIS os adoradores de Jair Bolsonaro e de Luiz Inácio da Silva que o traçar de paralelos entre um e outro. Chamam isso de “falsa equivalência” decorrente da má-fé dos implicantes. O tema vai e volta. Voltou recentemente a propósito da ambiguidade de ambos na condenação à Rússia de Vladimir Putin na invasão da Ucrânia. Não é, no entanto, o único exemplo em que se assemelham na ação e no pensamento.

A listagem é longa e robusta, não obstante as diferenças na forma de expressão dessas similitudes. Bolsonaro é um insensível por formação e convicção, um desagregador nato. Lula é um ás no manejo dos afetos individuais e coletivos, dono de um singular poder de atração.

Situados formalmente em campos ideológicos opostos, os dois são mestres em criar identificação com os respectivos públicos-alvo, com reforço à imagem de “homem comum” temperado por pitadas de ressentimento e destreza na produção de distrações quando assim lhes interessa.

Além do talento para as artes do ilusionismo, o que mais os faz parecidos? Os seguintes traços de união:

■ Ambos cultuam a mitologia em torno de si.

- Comportam-se como se fossem heróis.
- Por atuação ou omissão tratam de reduzir o papel e a importância dos que julgam capazes de lhes fazer sombra.
- Privilegiam o instinto em detrimento do conhecimento.
- Em algum momento compartilharam o desprezo pelo Congresso — na visão de um, composto de "300 picaretas"; na concepção de outro, reduto da "velha política" —, ao qual foram obrigados a se render.
- Revelam aversão à imprensa profissional, mas fazem uso dela na presença constante no noticiário a fim de se manter em evidência.
- Dividem os meios de comunicação entre amigos e inimigos de acordo com o grau de dependência de cada um.

- Manifestam intolerância ao contraditório.
- Exibem nível elevado, não raro desmedido, de autoconfiança.
- Têm como hábito o uso da vulgaridade na linguagem.
- Atuam no modo de combate permanente, como se no universo deles o conflito fosse uma constante e a existência de um antagonista hostil, uma necessidade premente. Assim, atiçam embates de divisões entre grupos sociais.
- Notabilizam-se pelo excesso de informalidade no exercício do cargo.
- Expressam de maneira extremada e simplificada sentimentos existentes na sociedade de modo a manipular aflições, demandas e frustrações.
- Não só prezam, como valorizam a obediência alheia.
- Consideram o exercício da oposição uma ofensa pessoal

“Posição sobre a Rússia não é o único ponto em que Lula e Bolsonaro se assemelham na ação e no pensamento”

quando são eles os ocupantes do poder. Na situação oposta, vale tudo e mais um pouco.

- Nenhum dos dois aprecia agências reguladoras. São contrários à independência delas e acham que devem ser reguladas pelo governo.
- Desdenham, quando não criticam duramente, as instâncias de fiscalização (oficiais e extraoficiais) que enxergam como obstáculos à liberdade para governar.
- Impacientes com a mediação dos canais institucionais, preferem a comunicação direta com o público.
- Diante de denúncias que envolvem o governo, auxiliares ou familiares tendem a não assumir responsabilidades, atribuindo culpa a alguém ou a alguma circunstância.
- Nutrem gosto por fantasias persecutórias, também conhecidas por mania de perseguição.
- Acalentam a ideia de dominar o Supremo Tribunal Federal.

■ Sofrem rejeição no eleitorado feminino.

■ Transitam com conforto por terrenos de ditaduras amigas e delas parecem incorporar a visão de que adversários devem ser politicamente aniquilados.

■ Assumem o papel de profetas. Das boas previsões sobre os efeitos de seus feitos e dos maus presságios em relação aos inimigos.

■ Apresentam-se como os únicos e legítimos defensores do “povo”.

Os ingredientes acima listados, e outros tantos que escapam à memória ou não fazem parte do rol de semelhanças entre Bolsonaro e Lula, integram o receituário do populismo com suas táticas antigas, mas ainda (cada vez mais?) muito em voga neste mundo que pretenderíamos moderno. Portanto, não surpreende que, ao se completarem 37 anos de redemocratização, o Brasil ainda esteja refém de uma agenda eleitoral regressiva. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

As empresas e os ecossistemas de inovação que trabalham para transformar o Brasil em um país melhor merecem um reconhecimento à altura. A CNI e o Sebrae parabenizam as 18 instituições vencedoras.

Conheça as vencedoras do Prêmio Nacional de Inovação 2021/2022:

CATEGORIAS E MODALIDADES DO PÚBLICO EMPRESAS

	INOVAÇÃO EM PRODUTO	INOVAÇÃO EM PROCESSO	INOVAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE	GESTÃO DA INOVAÇÃO
PEQUENAS EMPRESAS	AQUARELA	SAFETY WORLD	GETIN	OFICINA DO SORVETE
MÉDIAS EMPRESAS	NUGALI CHOCOLATES	AKAER ENGENHARIA	TECNOSPEED	NANOVETORES
GRANDES EMPRESAS	EMBRAER	BASF	WEG	GRUPO BOTICÁRIO

DESTAQUE EM SAÚDE E SEGURANÇA NO TRABALHO

MODALIDADE 1: PEQUENOS NEGÓCIOS - ECOQUALITY

MODALIDADE 2: MÉDIAS EMPRESAS - HILAB

MODALIDADE 3: GRANDES EMPRESAS - INSTITUTO BUTANTAN

CATEGORIA ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO

MODALIDADE EM ESTÁGIO INICIAL - SISTEMA REGIONAL DE INOVAÇÃO DO NORTE PIONEIRO DO PARANÁ

MODALIDADE EM ESTÁGIO CONSOLIDADO - PRO_MOVE LAJEADO (RS)

MODALIDADE EM DESENVOLVIMENTO - IGUASSU VALLEY - SISTEMA REGIONAL DE INOVAÇÃO DO OESTE DO PARANÁ

WWW.PREMIONACIONALDEINOVACAO.COM.BR

INICIATIVA

ANFITRIÃ DA PREMIAÇÃO

PATROCINADOR EXCLUSIVO

CORREALIZAÇÃO

REALIZAÇÃO